REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

Geographico e Ethnographico do Brasil

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO XXXIV

Parte primeira

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint será posteritate frui.

RIO DE JANEIRO

B. L. Garnier — Livreiro-editor

69 Rua do Ouvidor 69

1871

// REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

1º TRIMESTRE DE 1871

NOBILIARCHIA PAULISTANA

GENEALOGIA DAS PRINCIPAES FAMILIAS DE S. PAULO

Colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista

PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME

(*Continuada da pag.* 335 *do tomo XXXIII, parte segunda*)

PIRES

Grande variedade encontramos sobre a origem dos Pires da capitania de S. Paulo. N'umas memorias introduzidas de pais a filhos fazem progenitor d'esta familia a Salvador Pires, que de Portugal trouxéra dois filhos, a saber, Salvador Pires, e Manoel Pires; porém no exame e lição dos cartorios viemos a descobrir a verdade d'este progenitor da maneira seguinte:

Entre os nobres povoadores da villa de S. Vicente, que a esta ilha chegaram com o fundador d'ella o fidalgo Martim Affonso de Sousa em principios do anno de 1531, foi João Pires, chamado o Gago, natural do Porto; e seu primo

Jorge Pires, que era cavalleiro fidalgo (n'aquelle tempo era este fôro o melhor), cujo alvará veiu ao nosso poder para o lermos. Este João Pires trouxe comsigo o filho Salvador Pires, da cidade do Porto, que, sendo casado com Maria Rodrigues, ignoramos se já de Portugal veiu casado, ou se casou na villa de S. Vicente, como affirmam algumas memorias deixadas de pais a filhos. A dita Maria Rodrigues era natural do Porto, que veiu para S. Vicente com seus irmãos e pais, que foram Garcia Rodrigues e Isabel Velho. Em titulo de Garcias Velhos, cap. 6.° De S. Vicente passou para S. Paulo João Pires o Gago; e seu filho Salvador Pires com sua mulher Maria Rodrigues ficaram na povoação de Santo André da Borda do Campo, que foi acclamada em villa no dia 8 de Abril de 1553 em nome do donatario da capitania Martim Affonso de Sousa. João Pires foi o primeiro juiz ordinario d'esta villa. (Camara de S. Paulo, caderno 1° titulo 1553 da villa de Santo André pag. 1ª e seguintes.)

Maria Rodrigues era já fallecida em 1579 ; porque em 20 de Janeiro de 1580 lhe passou quitação de haver cumprido com as disposições testamentarias da defunta sua mulher o prelado administrador, sendo escrivão da camara ecclesiastica e visita Francisco de Torres. Esta quitação nos tirou toda a duvida de que a familia dos Pires não tivéra principio em S. Paulo do Campo de Piratininga em Salvador Pires, e Messia Fernandes, por quanto o Salvador Pires, em que teve a origem, foi este de quem tratamos, casado com Maria Rodrigues, como temos mostrado. Esse tal Salvador Pires veiu da cidade do Porto para a villa de S. Vicente, como temos dito ; e consta de uma carta de sesmaria, que no anno de 1573 lhe concedeu Hieronimo Leitão, capitão-mór governador loco-tenente do donatario Pedro Lopes de Sousa; e da mesma consta tambem que passára da villa de S. Vicente para a de Santo André da Borda do Campo no anno

de 1553, e lhe foi dada meia legua de terras na Tapera que tinha sido alojamento do indio *Baibebá*, partindo pelo campo de Piratininga direito á serra, por ser dito Pires lavrador potentado, que dava avultada somma de alqueires de trigo ao dizimo, além das colheitas de outros fructos todos os annos (1). Maria Rodrigues veiu do Porto com seus pais Garcia Rodrigues e Isabel Velho. Em titulo de Garcias Velhos, cap. 6.° Teve Salvador Pires do seu matrimonio com Maria Rodrigues dois filhos que foram :

N.—1° Manoel Pires

N.—2° Salvador Pires

Manoel Pires casou com Maria Bicudo. Em titulo de Bicudos, n. 1° cap. 3.°

N. 2.

Salvador Pires tambem viveu muito abundante, com grandes lavouras, e numerosos trabalhadores d'ellas, quaes eram os indios catholicos da sua reducção e administração. Foi do governo da republica como pessoa principal d'ella: falleceu em 1592 em S. Paulo na sua fazenda de cultura, sita no lugar acima da cachoeira chamada Pátuáhy, no rio Tieté (2), com uma legua de terras em quadro por sesmaria (3) ; e ficou por testamenteiro e curador dos filhos seu genro Bartholomeu Bueno de Ribeira.

Casou duas vezes : primeira com N..... da qual teve os filhos Diogo Pires, Amador Pires, e Domingos Pires de que tratamos no fim da descendencia do segundo matrimonio;

(1) Cart. da Prov. da Faz. R. Livro de reg. de sesmar. tit. n. 1, 1562, pag. 158.

(2) Cart. 1° de Not. de S. Paulo, Cad. Maio de 1592, pag. 35.

(3) Cart. sup. Liv. n. 2 tit. 1602, pag. 41. E Cam. de S. Paulo, de reg. tit. 1583, pag. 27.

segunda vez casou com Messia Fernandes, vulgarmente chamada pelo idioma brasilico *Messiuçu*, que quer dizer Messia grande, natural de S. Paulo, filha de Antonio Fernandes, e de sua mulher Antonia Rodrigues (a qual procede de Antonio Rodrigues e de Antonia Rodrigues, baptizada pelo padre Anchieta, e era ella filha do maioral de Hururahy, chamado Piquiroby. O qual Antonio Rodrigues genro de Piquiroby veiu com Ramalho a S. Paulo 30 annos quasi antes de chegar em 1531 Martim Affonso de Sousa a S. Vicente), povoadores de S. Paulo como consta do testamento com que em 1625 falleceu dita Messia Fernandes, que se acha junto aos autos de inventario dos bens para partilhas com seus herdeiros, no cartorio do 1° tabellião de S. Paulo no maço dos inventarios antigos, letra M. E foi irmã de Marcos Fernandes, a quem matou um Antonio Fernandes Aia, ao qual deu perdão dita Messia Fernandes por escriptura de 1° de Janeiro de 1612 (4).

E teve do seu segundo matrimonio nascidos em S. Paulo oito filhos :

Cap.—1° Maria Pires, mulher de Bartholomeu Bueno da Ribeira.
Cap.—2° Catharina de Medeiros, mulher de Mathias Lopes.
Cap.—3° Anna Pires, mulher de Francisco de Siqueira.
Cap.—4° Isabel Fernandes, mulher de Henrique da Cunha Gago.
Cap.—5° Salvador Pires, casado com D. Ignez Monteiro.
Cap.—6° João Pires, casado com Messia Rodrigues.
Cap.—7° Custodia Fernandes, mulher de Domingos Gonçalves.
Cap.—8° Antonio Pires, falleceu solteiro.

CAPITULO 1.°

1—1. Maria Pires, casou com Bartholomeu Bueno da Ribeira natural da cidade de Sevilha, a 4 de Agosto de 1590,

(4) Primeiro Cart. de Not. de S. Paulo, caderno de Dezembro de 1614, pag. 29.

porque n'este dia e anno lhe fizeram escriptura de dote e casamento seus sogros, como se vê da dita escriptura no 1º cartorio de notas de S. Paulo, no caderno titulo 1590 fl. 65. Em titulo de Buenos, com sua descendencia.

CAPITULO 2.º

1—2. (*O autor pôz como advertência posterior e no principio d'este capitulo o seguinte : Esta Catharina de Medeiros a casaram seus pais com Domingos Fernandes, a quem fizeram escriptura de dote e casamento a 5 de Agosto de 1590, a qual se acha na nota do 1º cartorio de S. Paulo no caderno de notas, titulo Dezembro de 1590 fl. 68, onde se vê que a outorgante Messia Fernandes era irmã de Antonio Fernandes, o qual tendo passado ao reino de Angola,com negocio, no regresso para o Rio de Janeiro falleceu n'aquella cidade em 1599, como se vê da procuração que fez a viuva Catharina de Medeiros a 19 de Julho do dito anno de 1599, que se acha no 1º cartorio de notas de S. Paulo no caderno do tabellião Belchior da Costa, titulo 1599 fl. 8.)

Catharina de Medeiros (filha de Salvador Pires e Messia Fernandes) falleceu em S. Paulo com testamento no anno de 1629, casada com Mathias Lopes (irmão de Zuzarte Lopes), natural de Portugal e cidadão da villa de Santos,que falleceu em S. Paulo com testamento a 25 de Maio de 1651 (5), Foi mamposteiro-mór dos captivos pelos annos de 1608; e tambem sargento-mór do troço do descobrimento das minas de prata e esmeraldas em 1680 (6). E teve nascidos em S. Paulo quatro filhos.

(5) Cart. de Orph. de S. Paulo, maç. 1º de inv. let. C. o de Catharina de Medeiros. E maç. 2º let. M. o de Mathias Lopes.

(6) Cam. de S. Paulo, cad. de reg., 1607, pag. 11v.

§ 1.º

2—1. Antonio Lopes de Medeiros, foi ouvidor da capitania de S. Vicente e S. Paulo, e na camara da capital d'aquella villa tomou posse a 7 de Setembro de 1659 (7), e casou na matriz de S. Paulo a 29 de Junho de 1642 com Catharina de Onhatte, filha de Christovão da Cunha de Onhatte, e de sua mulher Messia Vaz Cardoso. Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1º § 4º n. 2—4: e ahi a sua descendencia.

§ 2.º

2—2. Maria de Medeiros, casou no Rio de Janeiro com Gonçalo da Costa Ferreira, e alli deixou geração nobre, que ainda se conserva.

§ 3.º

2—3. Mathias Lopes, casou com Catharina do Prado, filha de Catharina do Prado. Em titulo de Prados, cap. 5º § 8º sem descendencia.

§ 4.º

2—4. Zuzarte Lopes, falleceu com testamento em S. Paulo a 9 de Dezembro de 1635, e foi casado com Maria de Pontes, irmã de Pedro Nunes de Pontes, natural de S. Paulo (8), a qual Maria de Pontes e dito seu irmão foram filhos de Pedro Nunes e de sua terceira mulher Catharina

(7) Cam. de S. Paulo, Liv. de reg. 1658, pag. 65 v.
(8) Orph. de S. Paulo, maço de invent., let. I. n. 21.

de Pontes,a qual era viuva de Salvador de Lima, que tinha fallecido em 1612 no sertão, sendo soldado do capitão da tropa Martim Rodrigues Tenorio (9). Em titulo de Pontes, cap. 2°. E teve filha unica, 3—Catharina, que não lhe descobrimos nem o appellido nem o estado.

CAPITULO 3.°

1—3. Anna Pires de Medeiros pag. 8: falleceu em S. Paulo com testamento a 4 de Maio de 1668 (10). Casou duas vezes: primeira na matriz de S. Paulo em 3 de Junho de 1629 com Antonio Bicudo, filho de Vicente Bicudo, e de sua mulher Anna Luiz. Em titulo de Bicudos, cap. 2° § 1°; sem geração: segunda vez casou, depois da morte de seu pai, com Francisco de Siqueira natural da villa de Caminha (11). E teve do segundo matrimonio cinco filhos:

2—1.	Francisco Pires de Siqueira	§—1°
2—2.	Antonio de Siqueira	§—2°
2—3.	Messia de Siqueira	§—3°
2—4.	Maria de Siqueira	§—4°
2—5.	Anna Maria de Siqueira	§—5°

§ 1°

2—1. Francisco Pires de Siqueira, cidadão de S. Paulo, que occupou os cargos da republica, falleceu com testamento a 8 de Abril da 1671, e foi casado na matriz de S. Paulo a 6 de Fevereiro de 1640 com Helena Dias, que falleceu com testamento em 1669 (12), filha de Francisco Dias,

(9) Orph. de S. Paulo, maço 1° let. S. n. 28.

(10) Orph. de S. Paulo, maço 3° de inv. let. A.

(11) Cam. episc. de S. Paulo, out. de genere do coronel João Raposo Bocarro. I. m. 1° n. 9.

(12) Orph. de S. Paulo, invent. maço 1° E. n. 2.

e de sua mulher Custodia Gonçalves, ambos de S. Paulo, sobrinha de Diogo Penedo e filha de Helena Gonçalves, e de seu marido N... Gonçalves Penedo, que era irmão do capitão Diogo Gonçalves Penedo, povoador de Parnaguá. Neta de Pedro Dias (que foi leigo jesuita) e de sua segunda mulher Antonia Gomes da Silva, natural de Braga, filha de Pedro Gomes, e de sua mulher Maria Affonso, ambos de Braga, cujo casal passou da villa de S. Vicente para o campo de Piratininga com os primeiros jesuitas, que subiram a serra de Paranãa-piacaba em Janeiro de 1554. Em titulo de Dias. E teve tres filhos naturaes de S. Paulo.

3—1. Francisco Dias de Siqueira.
3—2. Anna Maria de Siqueira.
3—3. Anna Pires.

3—1. Francisco Dias de Siqueira, capitão-mór, chamado de alcunha Apuçá, que quer dizer surdo. Este paulista penetrou com a sua tropa o sertão até a cidade do Maranhão, e nas aldêas dos indios catholicos d'aquelle Estado fez varias extorsões, cujos impulsos se não atreveu a castigar o governador pelos annos de 1692 para 1693, e d'elles deu conta ao Sr. rei D. Pedro II. Este principe, usando da sua paternal clemencia, ordenou aos officiaes da camara de S. Paulo em carta de 2 de Novembro de 1693 que o castigassem com toda a demonstração, que ficasse servindo de exemplo para outros vassallos lhe não imitarem os procedimentos insultuosos, que havia commettido. Esta real ordem se acha registrada na secretaria do conselho ultramarino no livro das cartas do Rio de Janeiro, titulo 1673 pag. 111, e é do teor seguinte:

« Tenho por noticias certas, que d'essa capitania sahira por cabo de uma tropa Francisco Dias de Siqueira a penetrar os sertões do Maranhão com ordens suppostas, insi-

nuando as levava para se fazer communicavel aquelle Estado com o do Brasil, de que se seguira que o governador Antonio Albuquerque Coelho de Carvalho lhe déra os mantimentos e munições necessarias, entendendo que o seu animo seria de se empregar no meu real serviço e extincção do gentio de serco, o que obrára tudo pelo contrario, e que fizéra grandes destruições, e hostilidade nas aldêas domesticas, valendo-se d'este engano para obrar esta maldade; e por esta acção se fez digno de todo o castigo; vos ordeno procedaes com toda a demonstração n'este caso contra este sujeito, para que sirva de exemplo para os mais se não animarem a commetter estes insultos. Espero de vós como bons vassallos assim obreis, etc. »

Casou este Francisco Dias de Siqueira com Joanna Corrêa, natural da villa de Santos (que falleceu em S. Paulo a 20 de Abril de 1714 com testamento em que declarou sua naturalidade e seus pais) (13) irmã de Antonia Corrêa, mulher de Francisco Corrêa de Figueiredo chamado o Pinxa, natural da Bahia, e de Catharina Corrêa de Faria, que casou na ilha de S. Sebastião, da qual procedeu o conego Antonio Nunes de Siqueira, que falleceu em S. Paulo em 1758, e filha de Simão Rodrigues Henriques, que falleceu em S. Paulo em 1656, e de sua mulher Joanna Corrêa natural da cidade da Bahia, onde casou, e veiu a S. Paulo onde falleceu com testamento, em que declarou ser natural da Bahia, filha de Gaspar Soares, e Ignez de Azevedo,da Bahia, etc (14).

Francisco Dias falleceu na Bahia, para onde se tinha recolhido da conquista e guerra contra os barbaros gen-

(13) Residuos da Ouvid. de S. Paulo, testamento do Joanna Corrêa.
(14) Orph. de S. Paulo, invent. let. I. maço 1° n. 16. E Resid. da Ouv. de S. Paulo, testamento de Antonia Corrêa, em 1720.

tios do Rio Grande e Sicará, de que foi capitão João Amaro Maciel e mestre de campo governador Mathias Cardoso de Almeida, o que temos tratado em Prados, cap... e em Campos, cap... e Gayos, cap... e deixou na dita cidade da Bahia um grosso cabedal, que se apurou pelo juizo dos ausentes, e se remetteu a Lisboa ao tribunal da mesa da consciencia e ordens.

Teve Francisco Dias do seu matrimonio com Joanna Corrêa, filha unica natural de S. Paulo:

4—» Joanna Corrêa, que casou com Garcia Rodrigues Betim. Em titulo de Betins, cap. 7° § 2.°

3—2. Anna Maria de Siqueira, foi casada com Manoel da Silva de Vasconcellos, como consta do testamento e inventario de seu pai Francisco Pires de Siqueira, que fica já indicado.

3—3. Anna Pires, filha ultima de Francisco Pires de Siqueira do § 1°, foi casada com Manoel Garcia Velho (como consta do testamento de seu pai já indicado), natural de S. Paulo, filho de Manoel Garcia Velho, que falleceu em S. Paulo com testamento a 6 de Abril de 1659, e de sua mulher Maria Moniz da Costa. (Orphãos de S. Paulo, inventario maço 3° letra M).

§ 2°

2—2. Antonio de Siqueira, casou na matriz de S. Paulo a 25 de Novembro de 1630 com Maria Affonso, filha de Paschoal Dias e de sua mulher Filippa Rodrigues. Falleceu Antonio de Siqueira sem testamento em S. Paulo a 20 de Fevereiro de 1648. E teve oito filhos :

3—1. Anna Pires, casou com Salvador Francisco de Oliveira Lobo, natural e cidadão de S. Paulo, filho de Ma-
...l Francisco Pinto, natural de Guimarães, e de sua mu-

lher Juliana de Oliveira. Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 3º § 3º com sua descendencia.

3—2. Maria de Siqueira.
3—3. João Pires Affonso
3—4. Francisco.

3—5. Antonio de Siqueira Affonso, que falleceu solteiro em 11 de Junho de 1675 com testamento no cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1º letra A.

3—6. Sebastião de Siqueira, fallecido com testamento a 16 de Maio de 1669, e foi casado com D. Maria Ribeiro Antunes, filha do governador Estevão Ribeiro Bayão (irmão de Antonio Ribeiro Bayão), natural de S. Paulo, e de sua mulher D. Maria Antunes. Em titulo de Bayão, cap. 5º § 3º n. 3—2 a n. 4—2 (15); e teve filho unico :

4—». Estevão Ribeiro Bayão.
3—7. Filippa.
3—8. Salvador.

§ 3º

2—3. Messia de Siqueira (filha de Anna de Medeiros do cap. 3º), fallecida em S. Paulo com testamento a 20 de Fevereiro de 1648, casada com Pedro Vidal, natural de S. Paulo, onde falleceu com testamento a 30 de Dezembro de 1658 (16), filho de Alonso Peres Canhamares, natural de Castella, e de sua mulher Maria Affonso. Em titulo de Canhamares. E teve oito filhos, que são :

(15) Orph. de S. Paulo, invent. let. S. maço 1º n. 12
(16) Cart. de Orph. de S. Paulo, invent let. M. maço 1º n... Let. P, maço 1º n. 4.

3—1. Maria Vidal, fallecida em S. Paulo com testamento a 28 de Setembro de 1687, casou duas vezes: primeira na matriz de S. Paulo a 7 de Fevereiro de 1639 com Francisco Baldaya, filho de Miguel Sobrinho, e de sua mulher D. Maria da Veiga: (em titulo de Eannes, cap. 4° § 2°, n. 3—1) e segunda com Pedro Casado Villas Boas. Falleceu o dito Baldaya, natural de S. Paulo, com testamento a 8 de Abril de 1648 (17). E teve do primeiro matrimonio quatro filhos; e do segundo teve cinco.

1º matrimonio

4—1. Salvador Baldaya, falleceu solteiro.
4—2. Margarida.
4—3. Francisco Baldaya.
4—4. Anna Maria de Siqueira, mulher de João de Siqueira.

2º matrimonio

4—5. José Casado.
4—6. Antonio Casado Villas Boas.
4—7. Messia de Siqueira.
4—8. João Casado Villas Boas.
4—9. Catharina Casado Villas Boas.

3—2. Joanna de Siqueira, casou com Manoel Pedroso.

3—3. Maria de Siqueira, mulher de João de Lima do Prado. Em titulo de Prados, cap. 4° § 1° n. 3—2.

3—4. Anna Pires de Siqueira, mulher de Manoel de Lima do Prado. Em titulo de Prados, cap. 4º § 1º n. 3—4.

3—5. João Vidal.

3—6. Pedro Vidal.

3—7. Francisco de Siqueira.

3—8. Manoel de Siqueira.

(17) Orph. de S. Paulo, invent. let. M. maço 1° n. 8. Let. F. maço 1° n. 19.

§ 4°

2—4. Maria de Siqueira (filha do cap. 3°).

§ 5°

2—5. Anna Maria de Siqueira, casou com João Raposo Boccarro. Em titulo de Raposos Boccarros, cap. 4° : com sua descendencia.

CAPITULO 4°

1—4. Isabel Fernandes (filha do capitão Salvador Pires e Messia Fernandes), foi casada com Henrique da Cunha Gago, de quem teve tres filhos. Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1.ª e ahi a sua descendencia.

CAPITULO 5°

1—5. Salvador Pires de Medeiros,foi capitão da gente de S. Paulo pelos annos de 1620 como pessoa das principaes da terra, que assim se declara na sua carta patente, registrada na camara de S. Paulo no livro de registro, titulo 1620, pag. 12. Foi grande paulista abundante em cabedaes,estabelecido na serra, ou sitio do Ajuhá, onde teve uma fazenda de grandes culturas, e uma dilatada vinha, da qual todos os annos recolhia excellente vinho malvazia com muita abundancia. Fundou a capella da gloriosa martyr Santa Ignez (18), cuja devoção tomou por ter este nome sua mulher. Foi casado com D. Ignez Monteiro de Alvarenga, cognominada a Matrona. Em titulo de Alvarengas, cap. 2.° Esse capitão Salvador Pires com sua mulher fez doação a Bartholomeu Bueno das terras que o

(18)-Cart. da Prov. da Faz. da Cap. de S. Paulo, L. n. 8 de sesmarias, tit. 1633, pag. 52. E Liv. n. 3, tit. 1618, pag. 23.

dito Pires herdára de seus pais por escriptura de 1625(19). E teve de seu matrimonio, naturaes de S. Paulo, nove filhos.

§ 1º

2—1. Alberto Pires, casou na matriz de S. Paulo a 27 de Janeiro de 1682 com Leonor de Camargo, filha de Estevão Gomes Cabral, e de sua mulher Gabriela Ortiz de Camargo: em titulo de Camargos, cap. 6º. D'este matrimonio não teve fructo algum pela fatalidade que expomos. Foi Alberto Pires extremosamente amante de sua mulher, em um dos dias de carnes tolendas, como chamam em Castella, e de entrudo no Brasil, quando Alberto Pires em brinquedos dos que o inveterado costume d'estes dias introduziu, sem desculpa na maior parte dos reinos da Europa, succedeu receber Leonor de Camargo Cabral, do proprio marido uma limitada pancada na fonte da parte esquerda, e cahiu no mesmo instante morta. Esta casualidade não teve testemunhas de vista, que acreditassem a innocencia do successo, para ficar o marido livre da suspeita de homicida. Era Alberto Pires por natureza rustico (porque n'elle não lavrou o buril da discrição de seus pais com a policia em que criaram os filhos, civilisando-os com a doutrina das escolas dos pateos dos jesuitas do collegio de S. Paulo), e com o re-

(19) Cart. de Notas de S. Paulo, cad. Maio de 1625, pag. 68.

pente da desgraça acontecida, destituido de prudencial discurso, se encheu de funestas imagens, mais filhas da ignorancia, que do temor, (se é que no mesmo interim se não deixou penetrar de diabolicas suggestões), e concebeu executar uma barbaridade por desmentir uma suspeita, sem o reportar de tão maligno intento o acordo de que na execução d'elle primeiro maculava a propria honra, do que libertava a sua innocencia. Para cumprir a funesta idéa que tinha concebido, fingiu um convite simulado. Mandou chamar Antonio Pedroso, de Barros, seu cunhado (irmão de Fernão Paes de Barros, e Pedro Vaz de Barros, e outro da principal nobreza das familias de S. Paulo) para que viessem entrudar; e, como é costume juntarem-se os parentes em uma casa, onde são banqueteados, se persuadiu que o convidado não faltava a esta rogativa, ainda quando não era distante o lugar de uma e outra casa. Fez Alberto Pires espera ao cunhado Antonio Pedroso em lugar occulto á entrada da fazenda, e emparelhando com o sitio da cilada, lhe fez tiro com um bacamarte, que o tinha preparado (com balas) para lhe não errar fogo, e conseguir effeito tão atroz insulto, o matou. Conseguida esta barbara tyrannia, juntou a este cadavero de sua mulher Leonor Cabral no mesmo sitio, onde executára o infame delicto. Mandou logo chamar aos seus parentes a toda pressa e acceleração, e acudindo muitos, a estes publicou, que, em desaggravo da sua honra, matára os adulteros que lhe offendiam a pureza do thalamo sacramental; cujos corpos estavam no mesmo lugar, onde tinham commettido a torpeza. Sem preceder o mais minimo accordo de reflexão se arrebataram os animos enfurecidos dos parentes do aggressor Alberto Pires, que lhe applaudiram a insolencia, como acção briosa, com que lavava a mancha da sua deshonra no proprio sangue d'aquelles adulteros.

Porém a Divina Providencia quiz que a innocencia não ficasse manchada, e se veiu a descobrir a realidade do acontecido successo de Leonor Cabral, brincando com seu marido, e a suggestão, que n'elle produzira tanto desaccordo. Então os irmãos dos mortos em numeroso corpo de armas (cada partido solicitava o despique pela dôr que lhe occupava) procuraram tambem lavar a offensa da sua magoa no mesmo sangue do autor d'ella, tirando-se-lhe a vida a ferro frio. A matrona D. Ignez Monteiro (já n'este tempo viuva), persuadida do seu grande respeito, se capacitou que segurava a vida de Alberto Pires, seu filho, recolhendo-o á sua casa e protecção, e com este conceito ficou a sua casa sendo sacrario, onde se julgava seguro, e bem occulto o insolente réo, a quem os magoados e offendidos da familia de Camargos e da familia dos Pedrosos Barros protestavam beber-lhe o sangue ou pelos fios do ferro, ou pelas bocas das espingardas. Este vingativo e tumultuoso corpo, tendo certeza de que Alberto Pires se homisiava nas casas da fazenda de sua mãi D. Ignez Monteiro, no silencio da noite encaminharam a sua diligencia para este sitio, e quebrando os foros do respeito d'esta matrona, lhe puzeram a casa em cerco; e á vozes pediam, que entregasse o filho, ou se lhe arrasava a casa á fogo e sangue; porém D. Ignez Monteiro com briosa resolução, e catholico accordo, abriu as portas apresentando aos que as occupavam uma sagrada imagem de Christo crucificado, por cujas divinas chagas pedia á vozes, e com lagrimas, que não tirassem a vida a seu desgraçado filho Alberto Pires; que, pois a justiça tinha devassado das suas culpas, fosse esta quem governada pelas leis do principe soberano, lhe lavrasse a sentença para o castigo. Esta rogativa e efficaz supplica fez socegar os primeiros impulsos da paixão obstinada, e attento aquelle tumulto a tão rele-

vanto ponderação suspenderam as armas, que tinham estado dispostas para serem disparadas em carga cerrada contra Alberto Pires.

Este foi preso e conduzido para S. Paulo, onde d'elle tomou entrega a justiça : preparados os autos do processo, obteve sentença, que o fez conduzir ao porto de Santos para embarcar para a cidade do Rio de Janeiro, e de lá para a da Bahia, em cuja relação havia de o réo ser punido. D. Ignez Monteiro, logo que de S. Paulo descêra para a villa de Santos o desgraçado filho, se pôz em marcha por terra a demandar a villa de Paraty, e passar-se a cidade do Rio de Janeiro (onde por parte de seu pai tinha parentes da familia de Alvarengas de avultado merecimento), com firmes esperanças de libertar seu filho á custa de toda despesa de dinheiro. Com effeito a esta cidade chegou D. Ignez Monteiro de Alvarenga primeiro que o filho, porém a sumaca em que fôra embarcado do porto de Santos, experimentando no mar contrarios ventos, teve arribadas, e por fim tomou o porto da Ilha Grande. N'ella souberam os que ião tambem embarcados para maior segurança do réo, que sua mãi se achava na cidade, e esta certeza só bastou para os inimigos do infeliz preso Alberto Pires obrarem a barbara acção de que sahindo da Ilha Grande para o Rio de Janeiro, lhe puzeram ao pescoço uma grande pedra, e o lançaram vivo ao mar, em cujas aguas teve o seu sepulchro, e para logo fizeram com que a embarcação tomasse o rumo para a villa de Santos, o que executou o mestre da sumaca, ou porque o temor o venceu, ou o dinheiro o obrigou. D'esta catastrophe se originou a destruição da grande casa de D. Ignez Monteiro, uma das maiores d'aquelle tempo, da qual ainda hoje existem algumas cepas da sua grandiosa vinha, que occupava um campo com quasi meia legua em quadro, que annual-

mente brotam, depois que nos mezes de Agosto e Setembro costumam lançar fogo aos campos, para do verdor d'elles terem os gados vaccuns e cavallares abundancia de pastos, verificando-se o antigo rifão que diz: campo que já foi vinha. Este successo, que temos narrado, só tem por documento a memoria dos velhos, communicada de pais a filhos: é verdade que a prisão de Alberto Pires, sua funesta morte, ida de sua mãi á cidade do Rio de Janeiro, e rompimento de armas para a sua prisão, não padece duvida; e só não póde ser que a causa productiva de tantos desconcertos fosse pela morte do cunhado Antonio Pedroso de Barros (seria outro o sujeito a quem tirou a vida Alberto Pires, quando viu morta sua mulher pela casualidade referida), porque este falleceu em 1651, e Alberto Pires seu cunhado cazou em 1682. Parece-nos que a morte de Leonor Cabral de Camargos teve alguma circumstancia na desconfiança de seus parentes, que preoccupados da dôr procuraram a vingança contra o cunhado Alberto Pires. Este não teve geração pela catastrophe referida.

2—2. Maria Fernandes Pires, casou na matriz de S. Paulo em 1644 com Gaspar Corrêa, (irmão inteiro de Sebastião Fernandes Corrêa 1° provedor e proprietario contador da fazenda real da capitania de S. Paulo), natural de Refoyos de Ponte de Lima, filho de Gaspar Fernandes Corrêa e de sua mulher Maria Gonçalves. Falleceu Gaspar Corrêa em S. Paulo a 9 de Outubro de 1686: sem geração (20).

§ 3°

2—3. Antonio Pires de Medeiros, casou na matriz de S. Paulo a 5 de Fevereiro de 1635 com Anna Luiza Grou,

(20) Cart. do 1° tabellião de S. Paulo, maço de invent. antig. o do Gaspar Corrêa com testamento.

filha do capitão Simão Alves, e de sua mulher Maria Luiza Grou. (Em titulo de Jorges Velhos). E teve dois filhos:

3—1. Ignez Monteiro, primeira mulher de Francisco Paes da Silva, natural de S. Sebastião, filho de... (Em titulo de Lemes, cap. 5º n. 3—6 a n. 4—1, sem geração.

3—2. João Pires, falleceu solteiro.

§ 4º

2—4. Isabel Pires de Medeiros, falleceu na villa da Parnahyba, onde foi moradora com seu marido Domingos Jorge Velho a 24 de Setembro de 1714. Em titulo de Jorges Velhos, cap. 1º § 2º. E a sua descendencia em Lemes, cap. 5º § 5º e seguintes.

§ 5º

2—5. D. Maria Pires de Medeiros, casou na matriz de S. Paulo a 3 de Outubro de 1639 com Antonio Pedroso de Barros, filho de Pedro Vaz de Barros, capitão-mór governador da capitania de S. Vicente e S. Paulo, e de sua mulher D. Luzia Leme. Em titulo de Barros, cap...E em Lemes, cap. 5º § 6º.

§ 6º

2—6. Anna Pires, casou na matriz de S. Paulo a 3 de Julho de 1629 com Antonio Bicudo de Mendonça, filho de Vicente Bicudo e de sua mulher Anna Luiz. Sem geração. Em titulo de Bicudos, n. 2, cap. 1º.

§ 7º

2—7. Bento Pires Ribeiro, cidadão de S. Paulo, serviu todos os cargos da republica, fez varias entradas ao sertão, feito capitão-mór da tropa ; e não contente com o numero

grande que tinha já de indios reduzidos ao gremio da igreja, fez a ultima entrada no anno de 1669, e falleceu no sertão, estando casado com D. Sebastiana Leite, irmã inteira do governador Fernão Paes Leme. Em titulo de Lemes, cap. 5º § 5º com sua descendencia (21).

§ 8º

2—8. Maria Pires Fernandes, casou na matriz de S. Paulo a 26 de Janeiro de 1667 com Francisco Dias Velho, natural e cidadão de S. Paulo, filho de Francisco Dias e de sua mulher Custodia Gonçalves, dos quaes temos já tratado retro no cap. 3º § 1º de Francisco Pires. Este Francisco Dias Velho foi fundador e capitão-mór povoador da ilha de Santa Catharina, onde fez relevantes serviços á real corôa, porque em augmento d'ella conquistou os indios bravos d'aquelle sertão, e fundou a villa em dita ilha, que ao presente tempo é governada por um coronel governador com soldo de dois contos de réis pela entidade e natureza d'esta praça. N'esta ilha falleceu o dito capitão-mór povoador dentro da mesma igreja matriz, que á sua custa tinha feito construir de pedra e cal, e ornar com altar maior, e collateraes e imagens, quando os belgas, saltando n'aquella ilha para a roubarem, como fizeram, pondo fogo a tudo, se passaram para a igreja, para executarem o sacrilego attentado contra as sagradas imagens, que o dito capitão mór com resolução catholica e brioso animo quiz defender com a espada e broquel, até perder a vida dentro do mesmo sagrado templo, como martyr pela fé de Jesus-Christo, em 1692 (22).

(21) Orph. de S. Paulo, maço primeiro de inv. let. B. n. 2.

(22) Cart. de Orph. de S. Paulo, maço 1º let. F. n. 27. E sua mulher Maria Pires Fernandes falleceu em S. Paulo muito depois do marido.

Seu pai Francisco Dias se fez opulento de arcos, cujos indios conquistou com armas no sertão, e gostando d'esta guerra tornou para a mesma conquista, e no sertão dos Patos, e Rio de S. Francisco para o Sul até o Rio-Grande de S. Pedro : falleceu no anno de 1645. Sua mulher Custodia Gonçalves falleceu em S. Paulo a 5 de Fevereiro de 1681 (23).

Este capitão-mór povoador Francisco Dias Velho, tendo acompanhado a seu pai nas entradas que fez ao sertão dos gentios dos Patos, ficou-lhe herdando a disciplina e valor para conquistar gentios bravos do sertão da costa do Sul. No anno de 1673 mandou a este mesmo sertão a seu filho José Pires Monteiro, com cento e tantos homens de sua administração, com o intento de fazer povoação, onde melhor sitio descobrisse ; e com effeito descobriu as excellentes terras da ilha de Santa Catharina o dito José Pires Monteiro, e logo n'ellas fez plantas.

Em 1675 foi em pessoa a esta sua povoação o capitão Francisco Dias Velho com novos gastos para se conseguir a dita povoação, onde esteve tres annos, e voltou no de 1679, em que tudo o referido expôz no requerimento, que então fez na villa de Santos ao governador da capitania, pedindo-lhe de sesmaria duas leguas de terra em quadra no districto da ilha de Santa Catharina, onde já tinha igreja de Nossa Senhora do Desterro, correndo costa brava, e mais meia legua de terras de uma alagôa, onde já tinha fazenda de culturas ; e mais duas leguas de terra defronte do estreito ou terra firme, onde tambem já tinha uma feitoria com uma legua de sertão, e outra de testada nas cabeceiras, onde chamam Cabeça de Bogio ; e duas leguas em quadra começando do Rio Araçatyva. Tudo se lhe concedeu por sesmaria

(23) Cart. de Orph. de S. Paulo, letr. C. n. 34. E maço 1° letra F. n 17.

em attenção ao grande serviço que fazia a Sua Magestade com a nova povoação e fundação das terras de Santa Catharina. Esta representação e sesmaria se acha registrada no cartorio da provedoria da fazenda real de S. Paulo, no livro de registros das sesmarias n. 13, titulo 1673, pagina 781.

N'esta ilha fez o capitão-mór povoador muitos serviços á real corôa, impedindo aos castelhanos não se estabelecerem nas terras da costa do Sul. Conquistou os indios que inficcionavam o sertão. Dentro da mesma ilha em 1687 entrou um patacho inglez de arribada, cujo capitão era Thomaz Frins, e pirata: o capitão-mór Francisco Dias foi a bordo, prendeu a este capitão e os mais inglezes, e baldeou para a terra por inventario todo o cabedal que lhe achou, e os remetteu presos á sua custa á villa de Santos, onde se achava então de correição o Dr. ouvidor geral da repartição do Sul Thomé de Almeida e Oliveira. Procedeu este ministro a acto de perguntas com o capitão inglez por interprete Lourenço Pereira Venesiano, com a presença do procurador da corôa Diogo Aires de Aguirra, a 2[illegible] de Fevereiro de 16[illegible]8. Constou, pela confissão do dito capitão inglez, que da Inglaterra tinha sahido em uma frota de navios pequenos para Panamá do Porto Bello com 900 homens, e andaram feito piratas em terras da corôa de Castella, sendo seu general Samoloy, ao qual perdêra de vista do porto de Calháo de Lima, e o não descobrira mais, nem a outros navios da sua conducta, por espaço de seis mezes, que o procurára: que na barra da ponta em altura de 5 gráos tivéra encontro com castelhanos, que lhe mataram muitos homens, por cujo destroço os inglezes em vingança da rota lhes deram varios assaltos de pilhagem, até que em um assalto de um lugar de Porto Santo ficaram destruidos os inglezes em altura de 9 gráos da costa do Sul, ficando só elle capitão com sete homens em o seu

navio, e já falto de agua, para cujo remedio, e concerto de sua embarcação destroçada tinha tomado o porto de Santa Catharina, onde fôra preso pelo capitão-mór Francisco Dias Velho, o qual lhe havia mandado inventariar toda a fazenda, que se achava em dito navio, que constava do mesmo inventario que havia remettido com elle capitão e seus companheiros.

Este grande cabedal ficou á R. F. devendo ao zelo do capitão-mór Francisco Dias Velho, cujo premio foi a morte que lhe deram os hereges quando em 1692 voltaram sobre a mesma ilha armados de força de gente, e lhe tiraram a vida dentro do proprio templo, como temos referido. Na mesma ilha de Santa Catharina com valor e animo rendeu um navio corsario, que tinha roubado, e saqueado a villa da Ilha Grande Angra dos Reis, de cujo assalto tinham recolhido grosso cabedal, assim dos moradores, como dos templos, tendo d'antes feito estes piratas varias prezas em embarcações da costa com grande cabedal, o que tudo assim melhor consta no cartorio da provedoria da F. R. de S. Paulo, no livro de registro n. 4°, titulo 1686, pag. 10.

Teve do seu matrimonio doze filhos, dos quaes só existiam, no anno de 1692, sete, que foram os herdeiros da fazenda inventariada em S.Paulo em dito anno de 1692, que foram:

3—1. Custodia Gonçalves, mulher do capitão Domingos Coelho Barradas, de cujo matrimonio foi filho o capitão Domingos Coelho Barradas, sogro do Quintana, e pai de Fr...

3—2. Anna Ribeiro (filha do § 8°), mulher de Hieronimo Pinheiro Lobato: ella falleceu em S. Paulo a 18 de Janeiro de 1727. (Residuo Ecclesiastico, A. n. 24 maço 1°, testamento de Anna Ribeiro.) E teve quatro filhos:

4—1. Francisco Dias Velho, nobre cidadão de S. Paulo, falleceu solteiro, deixando filhos mamalucos, havidos com Laura, mamaluca alva.

4—2. Hieronimo Pinheiro Lobato, cidadão de S. Paulo, falleceu estando casado com Francisca Xavier, filha de Antonio Lopes de Miranda e de sua mulher Marianna Rodrigues. Em titulo de Cunhas Gagos, cap... E deixou seis filhos nascidos em S. Paulo:

5—1. João Pinheiro, morador no Pary, existe solteiro em 1770.

5—2. Joaquim Pinheiro, morador em Santa Anna, idem.

5—3. Manoel Pinheiro, morador na freguezia de Jaguary, foi casado e existe viuvo. Sem geração.

5—4. Antonio Pinheiro, solteiro em 1770.

5—5. Rosa Maria, casou com Bento José de Figueiredo, filho do capitão Mathias da Costa de Figueiredo. Em titulo de Campos.

5—6. Manoela... casou com Ignacio Vaz, moradores em Jaguary.

4—3. Maria de Jesus, casou com Antonio Gomes Villas Boas (*O autor pôz Antonio Moreira Villas Boas, riscou e depois pôz o mesmo, e ficou em duvida), que falleceu em S. Paulo em 1726 (24); natural de Mogy das Cruzes, filho de Thomé Moreira Velho e de Nataria Gomes. Em titulo de Godoys, cap. 2º § 9º. E teve tres filhas, Escolastica, Maria, e Isabel casada com João Paes Xavier, irmão bastardo do padre Francisco Xavier de Garcia Forquim.

4—4. Anna Pinheiro, casou com Balthasar de Godoy Moreira, irmão direito de Antonio Gomes Villas Boas acima, que falleceu deixando seis filhos naturaes de S. Paulo.

(24) Orph. de S. Paulo, maço 3.º letra A n. 37.

5—1. Francisca de Godoy, está casada com João Mendes de Oliveira, irmão por parte de pai do M. R. P. M. Fr. Manoel Mendes de Oliveira.

5—2. Anna Maria Pires, foi raptada por Matheus Pinheiro Lobato, com quem casou, filho bastardo de Francisco Dias Velho, do n. supra 4—1, e por isso dispensados em segundo grão.

5—3. Marianna de Godoy, casada com Francisco Cardoso, natural de S. Paulo, filho bastardo de Antonio Cardoso, havido em uma mamaluca alva.

5—4. Thomé Dias da Silva, casou com...filha de Luiz Borges, do Bairro do O'.

5—5. Joaquim de Godoy, casado com Isabel de Zouros, filha de...

5—6. Salvador Pires, casado com uma mulata, chamada Isabel.

3—3. Ignez Monteiro (filha do § 8º), mulher de João Freire Farto, filho de Romão Freire, e de sua mulher Luzia Bicudo. Em Bicudos. Ignez Monteiro falleceu em 1685. (Orphãos de S. Paulo, maço 1º letra I n. 25.) E teve dois filhos, Salvador e Antonio.

3—4. João Pires Monteiro, casou com Isabel Vaz, de cujo matrimonio foi filha Maria Pires, que casou com Paschoal Leite de Miranda, que falleceu em Taibaté a 28 de Novembro de 1740. Em titulo de Mirandas, cap. 11 § 10. Sem geração.

3—5. José Pires Monteiro, que povoou Santa Catharina com seu pai; casou com... filha de Francisco Luiz, natural de Aljubarrota. E teve:

4—1. Salvador Pires Monteiro, falleceu no Pilar em 1753, cidadão de S. Paulo, e foi casado com Anna Buena de Camargo, filha do mestre de campo Antonio de Camargo Ortiz e Albuquerque. Em titulo de Camargos, cap. §

E teve cinco filhos, que são :

5—1. Victo Antonio.

5—2. José Pires Monteiro, soldado da recruta do Rio Pardo,e hoje soldado dragão do regimento do Rio Grande, onde existe.

5—3. Escholastica.

5—4. Josepha.

5—5. Gertrudes, casou em 1768 com Joaquim, filho de Antonio Corrêa Pires Barradas e de sua mulher Maria Buena. Em titulo de Buenos, Cap.. .

4—2. José Pires Monteiro, casou com Josepha... são sogros do alfaiate torto Antonio da Costa, que dirá o mais.

4—3. Francisco Pires, existe em 1769, morador em sua fazenda em S. Miguel, casado com Francisca...

4—4. Francisco.....existe em 1769, solteiro, morador em S. Miguel.

4—5. Isabel Pires, foi casada na Conceição com Estevão Forquim de Moraes, natural de S. Paulo (irmão de D. Maria da Luz Forquim, filho do capitão Antonio da Luz Forquim.Em titulo de Forquims, cap. unico § 4°.

3—6. Maria Pires (filha do § 8°), casou com Pedro de Mattos, da familia dos Alvares Sousas; são pais de Maria Pires, que existe viuva de Antonio Jorge Pereira, que falleceu sem geração. (Residuo ecclesiastico, letra A n. 82.)

3—7. Bento Pires.

§ 9° e ultimo

2—9. Salvador Pires de Medeiros (filho ultimo do capitão Salvador Pires de Medeiros, do cap. 5°), casou na matriz de S. Paulo a 27 de Junho do 1638. com D. Anna de Proença,filha de Francisco de Proença, e de sua mulher

D. Messia Bicudo. Em titulo de Proenças, cap. 1.º ou em titulo de Bicudos, n. 2º cap. 5º. E teve quatro filhos, que todos em tenros annos voaram para o céo.

CAPITULO 6º

1—6. João Pires (filho de Salvador Pires do n. 2º), foi nobre cidadão de S. Paulo, e teve grande voto nas assembléas do governo politico, como pessoa de muita autoridade, respeito e veneração. Foi abundante em cabedaes com estabelecimento de uma grandiosa fazenda de terras de cultura em uma legua de testada até o rio Macoroby, que lhe foi concedida de sesmaria em 1610 com o seu sertão para a serra de Juquery (25). Teve grande cópia de gados vaccuns, cavallares, e de ovelhas; de sorte que, dotando a nove filhas, como veremos abaixo, cada uma levou duzentas cabeças de gado vaccum, ovelhas e cavalgaduras. Tinha extraordinaria colheita de trigo todos os annos, e igualmente dos mais mantimentos e legumes. Com o seu grande respeito e forças sustentou, e teve de encontro o partido tambem grande da nobre familia de Camargos, quando em 1652 para 53 se puzeram em rompimento de armas estas duas oppostas familias, Pires e Camargos; e João Pires por si só teve maior sequito com os mais do seu appellido, e de muitos neutraes, que o auxiliaram com poder de gente armada, como foi Garcia Rodrigues Velho, Fernão Dias Paes, e outros paulistas potentados em arcos, que dominavam. Estes bellicosos movimentos, ou tumultuosos partos da ira e da paixão (por vezes chegaram a rompimento de

(25) Cart. da Proved. da Faz. Real de S. Paulo, liv. de sesmarias n. 3º, titulo 1618, pag. 21 v.

batalha) temos narrado com pureza da verdade e fio chronologico em titulo de Camargos, cap. 2º de José Ortiz de Camargo, onde se póde ler a causa e os effeitos d'estas antigas sedições e guerras civis entre Pires e Camargos.

Este João Pires, unico com seu amigo Fernão Dias Paes, pôde vencer a odiosa lembrança com que os moradores de S. Paulo repugnavam a instituição dos padres esuitas, que tinham sido lançados do seu collegio para fóra da capitania de S. Vicente em 13 de Junho do anno de 1640, e obtendo elles da paternal clemencia do Sr. rei D. João IV ordem para serem restituidos em 1647, ainda assim se não deram por seguros, e durou a sua expulsão até o anno de 1653, em que o respeito, amor e veneração de João Pires (declarado protector dos jesuitas) mereceu aos moradores de S. Paulo que recebessem aos padres com affabilidade, lavrando-se termo de transacção e amigavel composição entre todos; assim se conseguiu em 14 de Maio de 1653. Esta transacção, expulsão dos padres, requerimentos que houveram e foram apresentados ao Sr. rei D. João IV por uma e outra parte, com tudo quanto deu causa para os paulistas expulsarem aos jesuitas do collegio de S. Paulo e villa de Santos, temos historiado em titulo de Moraes, cap. 3º pag. 35, onde se póde ler, visto que, havendo aqui ser lançada aquella narração, o não fazemos porque isto é apontamento que se ha de pôr em limpo.

Casou João Pires com Messia Rodrigues, da nobre familia de Garcias Velhos (teve origem em S. Paulo de Garcia Rodrigues e Isabel Velho, que da cidade do Porto vieram casados, para a villa de S. Vicente, muito no principio da sua fundação em 1534, de d'onde se passaram para a villa de Santo André da Borda do Campo, cujos moradores se transmigraram para o campo de Piratininga, de S. Paulo pelos annos de 1560, por ordem do governador

geral Mem de Sá, quando a primeira vez veiu a S. Vicente n'este anno). Ella foi filha de Garcia Rodrigues, e de sua mulher Catharina Dias, natural de S. Vicente, filha de Domingos Dias, natural de S. Miguel da Lourinhã em Vimieiro e, de Antonia de Chaves, nobres povoadores da villa de S. Vicente em 1531.

Em S. Paulo falleceu João Pires em 8 de Julho do 1657, e foi sepultado na capella-mór da igreja do collegio dos jesuitas, cujo honroso jazigo lhe tinha concedido para si, e sua familia por linha recta o reverendissimo padre geral Hieronimo Richet, em agradecimento de ter sido protector dos padres para serem restituidos a S. Paulo; e no mesmo jazigo se sepultou sua mulher Messia Rodrigues, que falleceu a 18 de Outubro 1618 (26). E teve do seu matrimonio doze filhos nascidos em S. Paulo:

2—1. Maria Pires................ § 1°
2—2. Messia Pires .... § 2°
2—3. Anna Pires................. § 3°
2—4. D. Catharina Rodrigues..... § 4°
2—5. D. Margarida Rodrigues..... § 5°
2—6. Messia Rodrigues........... § 6°
2—7. Thomazia Rodrigues......... § 7°
2—8. Maria Pires................ § 8°
2—9. Maria Rodrigues............ § 9°
2—10. João Pires Rodrigues...... § 10°
2—11. Antonio Pires............. § 11°
2—12. Hieronimo Pires........... § 12°

§ 1°

2—1. Maria Pires, baptizou-se a 9 de Maio de 1641, e foi casada com Francisco Nunes de Siqueira, natural e nobre cidadão de S. Paulo, que acabou com o cognome de Redemptor da Patria. Deu-se aos estudos de grammatica

(26) Orphãos de S. Paulo, maço 1° de inventarios, letra I. n. 29, maço 2°, letra M. n. 32.

latina, e aproveitando-se d'esta lingua inclinou-se á lição dos livros forenses e ordenações do reino, em que teve bom applauso entre os doutos do seu tempo, o que lhe serviu para saber governar a republica, e administrar a justiça nas vezes que teve o pesado emprego de juiz ordinario. Nas civis guerras entre Pires e Camargos, sendo remettidas as devassas de tantas mortes e insultos, que havia tirado o Dr. ouvidor geral da repartição do sul, no anno de 1653, João Velho de Azevedo, para a relação da Bahia, foi eleito Francisco Nunes de Siqueira para passar a esta cidade com a commissão de agente e procurador bastante da familia dos Pires, e de tal sorte soube manejar a sua dependencia, que ao seu grande zelo, actividade e diligencia se deve o alvará que concedeu o conde da Atouguia, D. Hieronimo de Atayde, governador geral do Estado, em 24 de Outubro de 1655 a favor das duas oppostas familias de Pires e Camargos; e estes receberam maior beneficio pelo perdão geral em nome da magestade ás culpas que lhes resultavam das ditas devassas, pelas quaes estavam comprehendidos em pena capital; o que tudo se vê do contexto do mesmo alvará, que o temos copiado em titulo de Camargos no cap. 2.º Por este merecimento lhe tributou a patria quando se recolheu a ella (vindo da Bahia no dia 25 de Dezembro do mesmo anno de 1655) uma obsequiosa lembrança, fazendo-o retratar com verdadeira effigie, do mesmo modo com que fez a sua publica entrada, que foi a cavallo vestido de armas brancas, em Selle Hieronima, com lança ao hombro, bigodes á Fernandina, porque, sahindo da Bahia por caminho de serra e sertão, chegou em breve tempo á patria, como se vê da data do alvará em 24 de Novembro, na Bahia; e a sua entrada em S. Paulo foi a 25 de Dezembro, vencendo em 30 dias uma jornada, que só podia fazer em dois ou tres

mezes. A este retrato de Francisco Nunes de Siqueira se via a epigraphe, que dizia Redemptor da Patria. Nós ainda vimos esta cópia, que se conserva em casa dos filhos do alferes Sebastião do Prado n'este anno de 1769, tendo sido conservada na casa da camara, onde foi posta, e se conservou dentro da mesma casa até o anno, em que, sendo juiz ordinario o capitão Fernão Lopes de Camargo, este por advertencia do Dr. corregedor da comarca, o desembargador Manoel Godinho Manso, tirou da casa da camara o dito retrato, de cujo poder passou para o do alferes Sebastião do Prado Cortez.

Foi Francisco Nunes de Siqueira da antiga familia dos seus appellidos, tio direito de Maria de Siqueira, que foi mãi do reverendo o Licenciado Matheus Nunes de Siqueira, clerigo, que tanto soube honrar a patria, e não menos seus irmãos, Francisco Jorge e Jacintho Nunes, ambos tambem clerigos de S. Pedro ; e tambem irmão de Antonio Nunes, que casou com Maria Maciel, de cujo matrimonio descendeu o honrado velho João Gonçalves da Costa, que acabou conego da Santa Sé cathedral da sua patria, com mais de noventa annos de idade. Foram estes irmãos filhos de Manoel de Siqueira e de sua mulher Messia Nunes. Em titulo de Nunes Siqueiras, cap. 1.° Em S. Paulo falleceu Francisco Nunes de Siqueira, Redemptor da Patria, com testamento a 8 de Setembro de 1681. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 2º de inventarios, letra F. n. 36.) E teve tres filhos.

3—1. Simão Nunes de Siqueira, casou com D. Juliana de Oliveira. Em titulo de Laras, cap. 6° § 1º

3—2. Maria Nunes de Siqueira, mulher de Paulo da Costa Pimentel, o qual falleceu em S. Paulo e teve seis filhos, Sebastiana, João, Maria, Miguel, Francisca e José (Orph. de S. Paulo, maço 1° de inv. letra P n. 29).

3—3. Anna Maria de Siqueira, mulher de Luiz da Costa

Rodrigues (irmão de Braz da Costa), natural de S. Paulo, onde falleceu em 3 de Maio de 1714, e teve dois filhos: Gaspar, que falleceu solteiro, e Francisco Nunes de Siqueira que n'este anno de 1714 era morador em S. João do Atibaia (27).

§ 2°

2—2. Messia Pires Rodrigues, falleceu em S. Paulo com testamento a 26 de Fevereiro de 1678 (28). E foi casada duas vezes: primeira em 19 de Agosto de 1641 com Antonio das Neves, natural de Itanhaen, e nobre cidadão de S. Paulo, irmão inteiro de Gaspar Gonçalves Ordonho, marido de Anna Moreira, de quem tratámos em titulo de Godoy, cap. 3° e sua descendencia; filho de Diogo Gonçalves, e de sua mulher Anna Lopes: segunda vez cazou com Diogo Fragoso Soutomaior de quem não teve filhos: falleceu Antonio das Neves em S. Paulo a 20 de Outubro de 1658 (29). E teve oito filhos do primeiro matrimonio.

3—1. João das Neves, casou com. . . .

3—2. Manoel das Neves Pires, casou com Anna Gil de Camargo, filha de Manoel das Neves Gil, e de sua mulher Maria de Camargo. Sem geração. Em titulo de Camargos, cap. 1° § 10.

3—3. José das Neves, cazou com Marianna Gil de Camargo filha de Manoel das Neves Gil supra, em titulo de Camargos, cap. 1° § 1° E foram pais de Josepha das Neves mulher de Marcellino Lopes de Camargo. Em titulo de Camargos, cap. 4° § 8°

(27) Cart. 1° de Notas de S. Paulo, maço antigo de invent., o de Luiz da Costa Rodrigues.

(28) Cart. de Orphãos, maço 3° de invent., letra M. n. 11.

(29) Idem, letra A. n. 29.

3—4. Diogo das Neves Pires, falleceu a 24 de Maio de 1728 em S. João do Atibaya (Resid. Eccles. testamentos› Letra D.); casou com D. Anna da Silva Leite de Miranda. Em titulo de Mirandas, cap. 4° § 6° E teve dois filhos : Anna... porque o filho Diogo das Neves Pires falleceu solteiro.

3—5. Antonio das Neves, nasceu em 1646.

3—6. João Pires das Neves, foi nobre cidadão de S. Paulo, muito abastado, e com grande tratamento. A sua fazenda era um como arraial pelas casas que tinha com numerosa escravatura pretos e mulatos, e estes officiaes de artes fabris e mecanicas, os quaes trajavam calçados. Casou na villa de Santos com D. Maria Barbara de Souto-maior, de qualificada nobreza por ser filha de Antonio Barbosa Souto-maior, natural de Lisboa (irmão de Francisco, cavalleiro da ordem de Christo, que veiu a Santos), e de sua mulher D. Catharina de Mendonça natural da villa de Santos. Falleceu João Pires das Neves sem geração a 14 de Maio de 1720 (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 4° de inv. letra I. n. 23), e sua mulher D. Maria Barbosa, já quinquagenaria, casou com o sargento-mór Manoel Cardoso da Silva Bueno.

3—7. Maria das Neves, casou com José de Camargo Ortiz, nobre cidadão de S. Paulo (filho de Fernando de Camargo, e de sua mulher Marianna do Prado. Em titulo de Camargos, cap. 1° § 3°). Elle falleceu a 22 de Junho de 1713 : ella com testamento a 2 de Julho de 1694 (30). E teve oito filhos.

4—1. Fernando de Camargo Pires, casou com Isabel Borges da Silva, filha de Sebastião Borges da Silva, que falleceu em 1719, e de sua mulher Maria da Silva filha de

(30) Cart. 1° de Notas de S. Paulo, maço de invent., o de Maria das Neves.

Gonçalo Lopes e Catharina da Silva : em titulo de Lopes, cap. 4°.

4—2. Antonio de Camargo Pires.

4—3. José de Camargo Neves, casou com Marianna Bueno, filha de Bartholomeu Preto Moreira : em titulo de Buenos, cap. 1° § 8° n. 3—4.

4—4. Anna Maria de Camargo, mulher de Fernando de Godoy Moreira.

4—5. Isabel de Camargo, falleceu a 16 de Agosto de 1726, casada com Pedro da Silva Borges, natural de S. Paulo, filho de Sebastião Borges da Silva, e de sua primeira mulher Maria da Silva, supra n. 4—1. E teve dois filhos.

5—1. Ignacio Borges da Silva.

5—2. Sebastião Borges da Silva, que falleceu solteiro, ambos de S. João do Atibaya e cidadãos de S. Paulo ; e Ignacio Borges casou com Maria Vaz da Silveira, filha de Miguel Gonçalves Morgado, e de Maria Vaz da Silveira sua mulher. E teve cinco filhos naturaes da Conceição, que foram :

6—1. José Ortiz da Silva.

6—2. Joaquim Borges da Silva.

6—3. Ignacio Borges da Silva.

6—4. Anna Maria de Camargo, casada com Manoel Rodrigues de Godoy, natural de Mogy, filho do sargento mór Domingos Rodrigues Freire. Em titulo de Godoys.

6—5. Rosa Maria, solteira, em 1769.

4—6. Messia, foi beata carmelita.

4—7. Marianna. Idem.

4—8. Anna Maria de Camargo, falleceu solteira.

3—8. Maria das Neves, casou com José Domingues,

§ 3°

2—3. Anna Pires, foi casada com João Gago da Cunha. Em titulo de Prados, cap. 5° § 7°.

§ 4º

2—4. D. Catharina Rodrigues (filha de João Pires, do cap. 6º). Casou com Manoel Dias da Silva, o Bixira de alcunha, natural da villa de Aveiro, e nobre cidadão de S. Paulo, onde serviu todos os cargos da republica. Faleceu em S. Paulo a 6 de Março de 1677 (31), e foi sepultado na igreja dos padres jesuitas, no jazigo concedido a seu sogro João Pires, como já referimos no cap. 6.º Ordena no seu testamento que se continuem com as missas que annualmente costumava mandar dizer a Nossa Senhora do Soccorro da cidade de Santa Fé. Foi irmão inteiro de Pedro da Silva Castro, conego doutoral da Sé de Leiria, e de D. Sebastiana, mulher de... que foram pais de Roque Pereira de Macedo, fidalgo da casa de Sua Magestade, professo da ordem de Christo, senhor da casa e morgado de Verride, caudêlmór da comarca de Coimbra, casado com D. Berarda, que são os pais de D. Francisca Joaquina de Horta Forjaz, primeira mulher de Pedro Dias Paes Leme, fidalgo da casa de Sua Magestade, alcaide-mór da cidade da Bahia, commendador das commendas de Santa Maria de Alverca e de S. Fernando de Ayperera, ambas da ordem de Christo, guarda-mór geral, proprietario das minas de ouro e mestre de campo dos auxiliares de um terço do Rio de Janeiro. Este Manoel Dias da Silva, o Bixira, com seus irmãos, foi filho de Antonio André Pardamo, e de sua mulher D. Isabel João de Castro, de tanta nobreza, como constou no tribunal da mesa da consciencia em Lisboa nas provanças de seu neto o mestre de campo Manoel Dias da Silva para tomar o habito da ordem de Christo. Penetrou a provincia de Paraguay até a cidade de Santa Fé, e se re-

(31) Orph. de S. Paulo, maço 4º de invent. letra M. n. 10.

colheu rico e abundante de prata. Teve em S. Paulo grossa fazenda de culturas com excessivas colheitas de trigo e grande criação de ovelhas e gados vaccuns. E teve oito filhos.

3—1 Antonio da Silva de Medeiros.
3—2 Alexandre Corrêa da Silva.
3—3 Domingos Dias da Silva
3—4 João Dias da Silva.
3—5 Manoel Dias da Silva.
3—6 D. Messia da Silva e Castro.
3—7 D. Sebastiana da Silva.
3—8 D. Isabel da Silva.

3—1. Antonio da Silva de Medeiros, foi para Coimbra junto com seu irmão Alexandre Corrêa da Silva, e tendo tomado o capello, não seguiu as cadeiras d'aquella universidade, porque estando ordenado de clerigo, foi chamado para a cadeira doutoral da Sé de Leiria, que occupava seu tio direito o Rev. Dr. Pedro da Silva e Castro, que n'este sobrinho fez renuncia, estando já muito avançado em annos. N'esta cadeira acabou a vida o conego doutoral Antonio da Silva de Medeiros.

3—2. Alexandre Corrêa da Silva, tomou em Coimbra o capello e foi lente muitos annos. N'aquella republica de letras não esquecerá o nome d'este seu benemerito filho, porque dictando uma postilla á lei Gallas, até agora é applaudida sem alteração, e é citado muitas vezes o preceptor Corrêa (* Isto foi antes da reforma, porque depois d'ella já não ha nem se citam semelhantes postillas). Das cadeiras passou para os tribunaes de Lisboa; e no da casa da supplicação o achamos no anno de 1709, corregedor do civel da côrte. Foi conselheiro do ultramar, e fallecendo em 14 de Novembro de 1726 o conde de S. Vicente, presidente

d'este tribunal, lhe substituiu o conselheiro Alexandre Corrêa da Silva até o seu fallecimento. As suas grandes letras e virtudes (foi de vida exemplar) o fizeram digno da real estimação do fidelissimo rei o Sr. D. João V, como abaixo veremos. Foi dotado de uma grande esphera e claridade de engenho, o que adornava com acções de um animo cheio de socego e tranquillidade. Tendo feito grandes serviços,nunca jámais pediu mercê alguma para si ou para outrem (condição de que se adornam os paulistas,que só fazem gloria de consumir as fazendas e as vidas no serviço de seu rei e natural senhor, sendo elles totalmente os que conquistaram os bravos gentios do sertão da Bahia em 1672 até 1674, como fica historiado em titulo de Camargos, cap. 8º: os do sertão do Rio de S. Francisco até o Ceará, como mostrámos em titulos de Prados, cap. 6º § 3º: os que penetraram o sertão desde S. Paulo até o Maranhão, como declarámos em titulo de Lemes,cap. 5º §... tratando de Sebastião Paes de Barros, os que acudiram por muitas vezes a soccorrer a praça de Santos, a do Rio de Janeiro e a de Pernambuco, como se mostra em titulo de Rendons: os que fizeram descobrimentos de minas de ouro e ferro em S. Paulo em 1597; e os mais descobrimentos de minas tambem de ouro em Parnaguá e Coritiba; em a ribeira de Iguape,chamadas *minas de Cananéa*, em Parnampanema e Apiahy, em Minas-Geraes de Cataguazes e Sabarábuçú em 1695 até 1700, as do Cuiabá em 1719 até 1720, as de Mato-Grosso em 1736, as de Goyazes com o dilatado tempo de tres annos e tres mezes, desde 1722 até 1725. E finalmente as minas das esmeraldas em 1681; e por causa d'este descobrimento se conheceram os diamantes do Serro do Frio, que primeiro os descobriu o mesmo descobridor das esmeraldas Fernão Dias Paes.

Chegou a ser tão isento, que nem ainda para seus

irmãos, moradores de S. Paulo, occupou jámais a lembrança, sendo elles dignos de ser premiados por seus grandes serviços, como foram os que fez o capitão-mór e brigadeiro Domingos Dias da Silva e João Dias da Silva. Foi cordialmente devoto do inefavel mysterio da Conceição da Senhora, em cuja reverencia ouvia missa todos os dias com silenciosa religião e devoção catholica, todo o tempo que durava este innocente sacrificio. Nunca concebeu paixão, ou menor alteração entre o confuso tropel de pretendentes que o procuravam, de tal sorte, que quando sahia da casa para a do conselho lhe faziam parar a carruagem, pegando-lhe nos cordões, porque a sua sege nunca passou d'esta categoria, e lhe introduziam memoriaes, que recebia com affabilidade e compaixão; e por isso, quando apparecia dentro do tribunal, ia carregado de papeis, que os accommodava dentro da pobre béca (nunca ella passou de um crepe vulgar), e d'ella os ia sacando para os examinar em utilidade dos pretendentes. Dos rendimentos, que recebia annualmente, tinha feito applicação em obras pias, que executava o parocho da freguezia dos Anjos, seu vizinho, e por amigo confessor e director, e só reservava, com limitação, o que bastava para sua sustentação, e a de um criado, e uma ama velha, que era a cozinheira: rezava de joelhos todos os dias das duas horas da tarde para diante o officio divino, com tanta devoção, que, estando n'este santo exercicio, cerrada a porta do seu quarto interior, não dava assenso ao maior tropel de carruagens, que chegavam á porta da rua. Foi caso muito divulgado na côrte de Lisboa, que, chegando o conde de S. Vicente, de quem já fizemos menção, á sua casa, e subindo as escadas d'ella para fallar ao conselheiro Alexandre Corrêa da Silva, lhe disse o criado que seu amo tinha cerrada a porta do seu quarto interior, porque estava

rezando o officio divino, e emquanto durava a sua devoção não fallava a pessoa alguma. Foi este cavalheiro tão benigno, que se dignou esperar que o conselheiro acabasse o seu devoto exercicio, e quando elle, tendo concluido este religioso costume, foi a buscar ao conde, foi já pedindo-lhe perdão de não acudir promptamente, e lhe disse estas palavras com muita humildade e reverencia: « Exm. senhor, quem está fallando com o Creador não se deve abstrahir para fallar com a creatura. » E o benigno conde, acreditando-se tambem bom catholico, lhe não estranhou a demora, antes louvando-lhe tão piedoso emprego contou muitas vezes este lance a outros cavalheiros, applaudindo a exemplar vida e virtudes do mesmo Alexandre Corrêa da Silva

Em todo o tempo desde o em que vestiu a toga, que foram muitos annos, pois acabou de avançada idade, tendo nascido em S. Paulo no de 1658 (Cartorio de orphãos, maço 8° de inventarios, letra M. n. 10), nunca jámais vestiu seda, sendo a sua maior gala o crepe, e sendo tão pobre esta droga, ainda assim mesmo trazia a béca tão velha, que se lhe divisavam os fios do panno, e algumas pessoas de muita autoridade, bastando por todas o Exm. marquez de Alorna, D. Pedro de Almeida, que, sendo conde de Assumar, governou a capitania de S. Paulo até o anno de 1721, nos communicaram na côrte de Lisboa, nos annos de 1755 e 1757, que a béca do conselheiro Alexandre Corrêa da Silva sempre andava remendada; e para desculpar-se (contra os reparos dos que lhe podiam accusar de menos asseiado, e decencia de um ministro tão caracterisado) costumava dizer, que queria meons adornado o corpo pelos vestidos, do que a sua alma pelas esmolas. Em um dia do mez, que ignoramos, do anno de 1728, contando de idade 70 mais ou menos, recolhendo-se do conselho ultramarino, logo que chegou a casa, mandou

chamar a seu parocho, amigo, confessor e director da freguezia dos Anjos, que vindo promptamente, disse que era chegado já o tempo de ir dar conta no tribunal divino, pois que ao do ultramar não voltaria mais no serviço do rei da terra; que para os bens da sua alma conservava certa porção de dinheiro, que logo lhe entregou, pedindo-lhe que no dia seguinte se dissessem as missas da freguezia por sua tenção com um officio de defuntos de tres nocturnos, e cantochão, o que se repetiria tambem do mesmo modo no segundo e terceiro dia, o qual havia de ser o de sua morte. Instou-lhe o Rev. parocho persuadindo-o, que da perfeita saude com que se achava sem novidade alguma, que lhe occupasse o socego e tranquillidade de espirito, que gozava, se não devia esperar o fim da vida em tão breve termo como o de tres dias: porém elle, constante no vaticinio, e como predizendo a sua morte, lhe rogou com efficacia, que se cumprisse o que lhe pedia, pois tinha já chegado o fim de seis dias; deitou-se na cama e dispondo-se como bom catholico confessou-se e recebeu o sagrado Viatico (prostrado já das forças no decurso de 24 horas), e no terceiro dia o sacramento da Extrema-Unção, com muita ternura, e actos de amor de Deus, apparelhando-se para apparecer no supremo tribunal, tendo feito o seu testamento. Acabou a vida no terceiro dia com grandes demonstrações de verdadeiro arrependimento. O Sr. D. João V, que na tarde do mesmo dia, em que foi chamado o parocho da freguezia dos Anjos, teve noticia do que havia disposto por sua alma o desembargador Alexandre Corrêa, e cheio de paternal clemencia, mandou que os medicos da sua real camara lhe fossem assistir, e se lhe provesse de todo o necessario para restaurar-se-lhe a vida á custa de todo o dispendio; porém os medicos reconheceram pela debilidade do pulso que com effeito a doença era mortal. D'isto mesmo se deu

conta a Sua Magestade, e depois tambem se lhe deu conta da sua morte, e summa pobreza em que acabára, como constava já pela abertura do testamento que tinha feito, no qual pedia pelo amor de Deus ao provedor da santa casa da Misericordia que lhe mandasse enterrar o cadaver, pois nada possuia, porque as casas eram alheias, em que vivia por aluguel, e sem moveis de valor, a sege velha, e sem prestimo para uso d'ella. Então a real grandeza d'aquelle principe fazendo vir á sua presença este testamento quiz dar a conhecer á sua côrte e reino o como sabia honrar a um ministro tão adornado de letras, e virtudes, que havia consumido os annos em seu actual serviço e nos de el-rei seu pai. Por determinação régia foi o cadaver depositado na igreja parochial dos Anjos, de d'onde foi conduzido para o jazigo, que lhe destinou a eleição do mesmo monarcha, que foi o em que descançavam as cinzas d'aquelle benemerito ministro o Guerreiros, passando o corpo por entre duas alas de tochas, que estavam formadas da porta da igreja dos Anjos até as do templo onde se lhe deu sepultura, acreditando-se n'esta extraordinaria despeza o paternal amor de Sua Magestade.

Por ordem do Rev. parocho dos Anjos, seu antigo confessor e director, foi o cadaver coberto de flôres, ornada a cabeça com capella das mesmas flôres, levando nas mãos uma palma como insignia da pureza, que soube conservar aquelle corpo nos muitos annos que teve de vida, e o não deixou manchar do commum estrago da natureza pelo ardor e estimulos da carne.

Declarou no seu testamento que era natural da cidade de S. Paulo, sem herdeiro algum ascendente, ou descendente. Deixou os seus serviços todos a seu primo co-irmão Roque Pereira de Macedo, morgado de Verride, em remuneração dos beneficios e amor que lhe era devedor em

todo o tempo que residiu em Coimbra. Como seu pai Manoel Dias da Silva quando falleceu ainda tinha grandes cabedaes, porque só em gados vaccuns se inventariaram 240 cabeças, muitos cavallares e ovelhas, das Indias de Hespanha, quando pela provincia do Paraguay penetrou o sertão trouxe muita prata quando se recolheu a S. Paulo e passou ao reino, levando comsigo os filhos, mais para seguirem os estudos debaixo da doutrina do Rev. conego doutoral Pedro da Silva Castro, de sorte que, quando falleceu, como fica referido, em 1677, já aos filhos estavam em Coimbra, o então contava de idade o Alexandre 19 annos, e Antonio 24, como se vê do corpo do testamento e inventario do dito Manoel Dias da Silva supra citado.

3—3. Domingos Dias da Silva (filho de Manoel Dias da Silva do § 4°), casou a 12 de Fevereiro de 1684 na matriz de S. Paulo com D. Leonor de Siqueira. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3° § 1° n. 3—5, onde tratamos dos honrosos empregos que teve o brigadeiro Domingos Dias da Silva e descendencia que teve.

3—4. João Dias da Silva, foi nobre cidadão de S. Paulo, em cujo republica teve grande parte, e voto respeitoso nas materias do governo civil, ou do real serviço : tratando-se por assembléa. Foi juiz de orphãos por provisão de Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, pela qual tomou posse em 16 de Julho de 1711, e estando servindo teve provisão régia para servir até haver proprietario, e n'ella se faz menção de ser o dito João Dias o que mandou fazer cofre de tres chaves para segurança dos orphãos ; ser das primeiras familias de S. Paulo; haver sido provedor dos reaes quintos e procurador da corôa ; e que entrando o francez no Rio de Janeiro em 1711, estando sendo juiz de orphãos, assim mesmo acudiu em pessoa de soccorro

a Santos com gente armada á sua custa (32). N'estes cargos e occupações soube sempre acreditar aquelle honroso conceito, estimação e applauso que desfructou dos governadores e capitães generaes e ouvidores de S. Paulo, desde o tempo de Arthur de Sá e Menezes em 1698 até Rodrigo Cesar de Menezes, em tempo de quem falleceu o provedor dos reaes quintos João Dias da Silva em 9 de Abril de 1726 (33).

Foi casado duas vezes: primeira com D. Isabel da Silva, filha de João Leite de Miranda, que falleceu a 21 de Janeiro de 1715 (34), e de sua mulher Anna da Silva. Em titulo de Mirandas, cap. 4° § 1°. Neta por parte materna do capitão-mór Francisco da Fonseca Falcão, cavalleiro da ordem de Christo (que falleceu na villa de Santos tendo sido capitão-mór governador da capitania de S. Vicente e alcaide-mór d'ella pelos annos de 1644: em titulo de Proenças Abrêos), e de sua mulher D. Maria da Silva, natural de S. Paulo. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3° § 4° n. 3—4. Fallecendo D. Isabel da Silva em 9 de Novembro de 1710 (35). Casou segunda vez João Dias da Silva com D. Marianna Bueno de Oliveira, sem geração: em titulo de Buenos, cap. 1° § 8° n. 3—11.

E teve do primeiro matrimonio cinco filhos naturaes de S. Paulo.

4—1. José da Silva.
4—2. Antonio da Silva.
4—3. Angelo da Silva Corrêa.
4—4. D. Maria da Silva.
4—5. D. Isabel da Silva.

(32) Cart. da Cam. de S. Paulo, liv. de registros, titulo 1708, pag. 239. E Livro de Vereanças, tit. 1701, pag. 165.
(33) Cart. de Orph., maço 3° de invent. letra I. n. 46.
(34) Orph. de Parnahyba, invent. letra I. n. 475.
(35) Orph. de S. Paulo, maço 4°, letra I. n. 17.

4—1. José da Silva, casou com D. Maria de Siqueira Paes, irmã direita de D. Antonia Paes, mulher de Clemente Carlos, e foi de morada para as Geraes, Rio das Mortes, deixando em S. Paulo sua filha unica Maria de Siqueira Paes em casa de sua avó materna, que depois em idade de 20 annos mais ou menos se passou para a companhia de seus pais moradores em S. João d'El-Rei, onde a casaram com Manoel Martins Gomes, por alcunha o Barra, natural de Portello, termo de Barcellos, freguezia de S. Virissimo. Falleceu em S. João d'El-Rei a 18 de Agosto de 1769, e teve nascidos n'aquella villa:

6—1. Manoel Felix de Siqueira Martins, demente.

6—2. Antonio Manoel de Siqueira Martins.

6—3. José Manoel de Siqueira Martins, tenente de cavalaria auxiliar.

6—4. Angelo Martins de Siqueira, alferes da cavallaria de Tamunduá.

6—5. Francisco Xavier de Siqueira Martins.

6—6. Maria Antonia Felisberta Dias, casada com o alferes Januario Pereira Dias.

6—7. Antonia Maria; solteira.

6—8. Joaquim Antonio de Siqueira Martins.

A dita D. Maria Paes de Siqueira estando viuva de José da Silva casou segunda vez com José Ferreira Barreto, de quem teve naturaes de S. João d'El-Rei dois filhos; Josepha Ferreira Barreto, casada com Paschoal Alves, de quem é filho entre outros o padre Antonio Alves Ferreira, clerigo de S. Pedro; eu o conheci em Coimbra, onde tomou o gráo de licenciado na faculdade de theologia pelos annos de 1782, e se recolheu para a patria, S. João d'El-Rei.

4—2. Antonio da Silva (filho de João Dias da Silva), o Papudo, senhor que foi da quinta que n'este anno de 1769 a possue o juiz ordinario Ignacio de Barros Rego, e tendo

occupado os honrosos cargos de cidadão de S. Paulo passou para a Villa Bôa de Goyazes, onde foi o 1º juiz ordinario depois de acclamada a villa, pelas honradas informações que d'elle tiveram o general D. Luiz Mascarenhas e o desembargador superintendente geral Agostinho Pacheco Telles. Casou com D. Anna Pires, filha de Manoel Corrêa Penteado, nobre cidadão de S. Paulo e Parnahyba, e de sua mulher D. Beatriz de Barros. Em titulo de Lemes, cap. 5º §... e em Penteados, cap. 4.º E teve tres filhos em S. Paulo :

5—1. João da Silva.

5—2. Ignacio Dias.

5—3. Alexandre Dias da Silva.

4—3. Angelo da Silva Corrêa, que, abandonando o progresso das letras, se passou para minas do Cuyabá, onde falleceu pobre de cabedaes.

4—4. D. Maria da Silva, mulher do capitão Pedro Fernandes de Avellar, nobre cidadão de S. Paulo, que era viuvo, e falleceu em Papoã. Em titulo de Lemes, cap. 1º §... E teve:

5—1. Pedro...

5—2. José da Silva, soldado dragão em Goyaz...

5—3. Gertrudes...

5—4. D...

5—5. D...

5—6. D... mulher de Antonio Jorge Chassin...

4—5. D. Isabel da Silva, falleceu em 1765 tendo sido casada com Antonio Rodrigues de Zouros, natural de S. Paulo, filho de Fabião Rodrigues. E deixou quatro filhos:

5—1. Isabel da Silva.

5—2. João Rodrigues Leite.

5—3. Maria da Silva, falleceu solteira.

5—4. Escholastica Pires da Silva Leite, está casada com Luiz Manoel do Rego, natural da Villa Nova da Cer-

veira, filho de Antonio da Silva, e de Maria do Rego da dita villa, freguezia de Nossa Senhora da Conceição.

3—5. Manoel Dias da Silva (filho de Manoel Dias da Silva do § 4º retro), nasceu em 1655, e quando falleceu seu pai em 1677 ainda existia solteiro; entendemos que n'este estado falleceu.

3—6. D. Messia da Silva e Castro, falleceu a 21 de Janeiro de 1720, tendo nascido em 1654, e foi casada com Estevão da Cunha de Abreu, natural e nobre cidadão de S. Paulo, que nasceu em 6 de Novembro de 1641 e falleceu a 8 de Março de 1726 (36). Foi filho de Antonio da Cunha e Abreu, natural da freguezia de Tollães, termo da villa de Bastos, arcebispado de Braga, e de sua mulher Isabel da Silva, natural de S. Paulo, em cuja matriz casaram a 7 de Julho de 1633, e ella falleceu a 11 de Setembro de 1664 (37). Em titulo de Forquins, cap. 2º: do segundo matrimonio de Claudio Forquim Francez, ou em de Lemes, cap. 2º §...

Este Antonio da Cunha e Abreu assentou praça de soldado de fortuna em 1625, que em Portugal se preparou uma armada para vir restaurar a cidade da Bahia, que se achava occupada pelos hollandezes, que a invadiram a 9 de Maio de 1624, como temos historiado em titulo de Rendons. Por occasião d'este real serviço veiu em praça de soldado distincto da companhia do capitão-mór D. Francisco de Moura na dita armada. Restaurada a Bahia, não se quiz conservar ocioso, porque no fim do anno de 1639 embarcou na armada com o conde da Torre de Pernambuco, quando para ella sahiu de S. Paulo o soccorro dos capitães de infantaria de picas hespanholas, com soldo

(36) Cart. de Orph. de S. Paulo, maço 3º de invent. letra M. n. 12, nos autos de sua mulher D. Messia da Silva.
(37) Idem, maço 2º letra I. n. 29.

de quarenta escudos por mez por ordem do mesmo conde da Torre expedida a Salvador Corrêa de Sá e Benavides, que fiou esta recruta de paulistas do zelo e actividade do capitão D. Francisco Rendon de Quebedo, como já historiámos em dito titulo de Rendons, n. 2°. N'este soccorro foi Antonio da Cunha de Abreu (estava casado, como temos referido, em 7 de Julho de 1633), e na Bahia embarcou com o conde da Torre para Pernambuco ; e voltando para a Bahia, pelo sertão dentro desde o porto de Touro com todos os paulistas que logo na Bahia foram aggregados ao mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra tornou para Pernambuco com D. Antonio Oquando, e se achou o dito Abreu em todos os assaltos assim em terra, como no mar, servindo sempre a Sua Magestade a sua custa. Todo o referido se vê no cartorio da provedoria da fazenda real de S. Paulo, no livro de registro n. 10, titulo 1643, pagina 85, quando o mesmo Abreu fez em S. Paulo relação dos seus muitos serviços e se achava sem terras para cultura, e se lhe concedeu em 1644, meia legua de terras de sesmaria, em terra de indios, começando da roça de Claudio Forquim, rio de Itaquera abaixo.

Foi Antonio da Cunha e Abreu cidadão de S. Paulo, que occupou os cargos honrosos da republica como pessoa que teve grande acceitação e veneração por sua nobreza e acções. Foi irmão inteiro de Belchior da Cunha, que tambem veiu na armada á Bahia, e casou em S. Paulo a 8 de Outubro de 1636 com Suzanna de Goes, filha de Domingos de Goes. Em titulo de Goes Mendonças, cap. 1° § 2° n. 3—7. Em Portugal ficou o irmão mais velho Francisco Teixeira da Cunha, o qual em 1622 em Aquitan de Marcellos perante o juiz ordinario e o tabellião Sebastião Navarro, provou por titulos, que elle e seus irmãos Belchior e Antonio da Cunha de Abreu eram legi-

timos descendentes dos verdadeiros Cunhas, Coutinhos, Abreus, e Carvalhos; e que seus avós e bis-avós foram parentes de Pedro da Cunha Coutinho, senhor da villa de Bastos e de outros conselhos, e que sempre se trataram todos nobremente com criados, cavallos, e armas. O instrumento trouxe Antonio da Cunha de Abreu, justificado por India e Mina, e bem authenticado no Brasil, e se acha em um dos cartorios dos tabelliães de S. Paulo em autos de justificação de seu neto o sargento-mór Claudio Forquim de Abreu, da qual foi escrivão o tabellião José de Barros em 1749.

Do matrimonio de D. Messia da Silva e Castro e Estevão da Cunha e Abreu nasceram em S. Paulo sete filhos.

4—1. Pedro Dias da Silva.
4—2. Claudio Forquim de Abreu.
4—3. Antonio da Cunha de Abreu.
4—4. D. Catharina da Silva.
4—5. Estevão da Cunha de Abreu.
4—6. Manoel Dias de Abreu
4—7. Francisco da Cunha.

4—1 Pedro Dias da Silva, foi nobre cidadão de S. Paulo, que occupou todos os cargos da republica.

4—2. Claudio Forquim de Abreu, nobre cidadão de S. Paulo, que occupou todos os cargos da republica, e foi sargento-mór dos auxiliares; casou com D. Leonor de Siqueira e Albuquerque, que ainda existe em 1769. Em titulo de Camargos, cap. 1º § 6º n. 5—6: com geração.

4—3. Antonio da Cunha de Abreu, nobre cidadão de S. Paulo, com grande voto nas assembléas do governo politico pelo seu respeito, veneração e inteireza de verdade, por sua acreditada e applaudida honra occupou todos os cargos da republica repetidas vezes; e os da milicia até o posto de coronel do regimento das ordenanças de S. Paulo,

em que acabou na freguezia de S. João do Atibaia, onde tinha sido casado com D. Maria Franco de Oliveira, de quem e seus nobres ascendentes tratamos em titulo de Camargos, cap. 4º § 1º n. 3—5. E teve seis filhos.

5—1. João da Cunha Franco, nobre cidadão de S. Paulo, que tem servido os cargos da republica, e no anno em que foi juiz ordinario tomou ao ardor do seu zelo e nobreza de animo a execução das reaes festas, celebradas em tres tardes na praça de S. Gonçalo Garcia com touros, escaramuças etc. com carros triumphaes, em que vinham diversas dansas nas figuras dos fingidos Deuses da cega gentilidade, rematando-se estas festas com tres noites de comedias para o publico, tudo com pompa, grandeza, alvoroço e liberalidade em applauso dos reaes desposorios do serenissimo infante o Sr. D. Pedro com a serenissima senhora princeza do Brasil, herdeira do reino Ao mesmo João da Cunha Franco se deveu segunda vez os mesmos reaes applausos pelo feliz nascimento do serenissimo principe da Beira, o Sr. D. José, participada á camara de S. Paulo no anno de 1762. Está casado com D. Antonia Raposo Tavares, filha de Domingos Rodrigues da Fonseca, coronel das ordenanças, e governador interino que foi da capitania de S. Paulo por ausencia do governador e capitão general d'ella Rodrigo Cesar de Menezes, sahindo de S. Paulo para as minas do Cuyabá a embarcar no porto de Araritaguaba a 26 de Julho de 1726. Em titulo de Lemes, cap. 5º ou em titulo de Raposos Tavares, cap. 2º

5—2. D. Messia da Silva, casou duas vezes: primeira com Pantaleão Pedroso da Silva, capitão-mór da villa da Parnahyba, e natural d'ella, da nobillissima familia de Buenos Anhangueras e Moraes Antas, em titulo de Lemes, cap. 2º § 6º na descendencia do n. 3—3. Deixou geração de dois filhos, Antonio, e D. Gertrudes. Casou segunda vez

em 1769 com Salvador Jorge Velho capitão da villa de Itú, e natural d'ella, em titulo de Lemes, cap. 5° §... na descendencia de Paschoal Leite Paes.

5—3. D. Maria Franco da Cunha, foi casada com João de Godoy dos Reis, natural de S. Paulo, filho de Aleixo Garcez da Cunha. Em titulo de Godoys, cap. 4° § 1° n. 3—7 ao n. 4—3. E teve tres filhos: José, Anna, Maria de Godoy, que na freguezia de Juquiri em 1761 casou com Antonio da Silva Ortiz, filho de José da Silva Ortiz e de sua primeira mulher Messia de Aguirre, filha do capitão Marcellino de Aguirre. Em titulo de Camargos, cap. 4° § 7° n. 3—1.

5—4. José da Cunha Franco, casou na freguezia da Piedade com D. Rosa Maria Violante de Vasconcellos, filha de Manoel de Siqueira Cardoso, e de sua mulher D. Marianna de Vasconcellos, bisneta por parte paterna de Manoel Cardoso de Almeida, terceiro padroeiro da capella da Luz (irmão direito de Feliciano Cardoso, que foi capitão de infantaria na guerra e conquista dos barbaros do sertão da Bahia, e que foram os paulistas em 1671 com o seu governador Estevão Ribeiro Bayão Parente,) e de sua mulher Catharina Rodrigues. Em titulo de Carvoeiros, cap. 1° § 5° E pela parte materna neta de Agostinho Machado Fagundes de Oliveira (irmão direito do Rev. José Machado de Oliveira, professo da ordem de Christo, clerigo de S. Pedro, que acabou religioso carmelita no convento de S. Paulo), e de sua mulher D. Maria de Vasconcellos legitima neta (por sua mãi D. Marianna de Vasconcellos, natural de Santos) de Antonio de Aguiar Barriga, natural de Cascaes, d'onde veiu feito capitão mór governador, alcaide mór, ouvidor da capitania de S. Vicente, de cujos empregos tomou posse na camara d'esta

villa capital a 24 de Outubro de 1637 (38), e de sua mulher D. Maria de Vasconcellos, natural de Santos: em titulo de Machados Fagundes, cap. 4° E melhor em titulo de Aguirres, n. 1° cap. 4° § 3° n. 3—2 a n. 4—2. e seg.

5—5. Pedro da Cunha Franco, casou na freguezia da Piedade com D. Rita Margarida Angelica, filha de Manoel de Siqueira Cardoso, do n. retro 5—4.

5—6. D.Maria Gertrudes da Cunha Franco,casou na freguezia de Juquiry com seu parente José Pires de Arruda; com dispensação, filho do capitão José Pires de Almeida: em titulo de Taques Pompêos,cap. 3° e n'este titulo,cap. 6° § 1° infra.

4—4.D.Catharina da Silva (filha de D. Messia da Silva e Castro do n. 3—6 retro) foi casada com José de Lemos de Moraes. Em titulo de Camargos, cap. 2° § 4° n. 3—1. Deixou geração.

4—5. Estevão da Cunha de Abreu, cidadão de S. Paulo que falleceu nas minas do Pilar, sitio da Papuã e tambem alli mesmo sua mulher Maria Cardoso, filha de Estevão Ortiz de Camargo, nobre cidadão de S. Paulo, e de sua mulher Maria Cardoso. Em titulo de Camargos, cap. 8° § 2° n. 3—2. E teve oito filhos naturaes de S. Paulo.

5—1. O padre Ignacio da Cunha, clerigo do habito de S. Pedro, morador em Goyazes em 1769.

5—2. José Xavier Cardoso e Cunha, cidadão de S. Paulo,que serviu todos os cargos da republica: foi destrissimo na arte da cavallaria e gentil, garbo e figura em todos os exercicios d'esta arte. A vileza de um mameluco lhe tirou a vida com pontaria certa de arma de fogo, fa-

(38) Archivo da Cam. de S. Paulo, l. de regist., tit. 1636, pag.35 e 37.

zendo-lhe cilada no lugar por onde havia de passar n'aquella infeliz hora. Foi a sua morte geralmente sentida, assim dos moradores da freguezia de Juquiry, onde morava, como dos da cidade de S. Paulo, que conservavam frescas as memorias do seu bom nome, dado á conhecer no anno que tinha sido juiz ordinario. Estava casado com Maria Ortiz de Camargo, filha de José da Silva Ortiz. Em titulo de Camargos, cap. 4° § 5° n. 3—1 a n. 4—2.

5—3. Messia da Silva, está casada com Manoel Cavalheiro Leite, natural e cidadão de S. Paulo, onde tem servido todos os cargos da republica, e actualmente é capitão de ordenanças do bairro do Tieté e Santa Anna, por patente de D. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mourão, governador e capitão-general da capitania de S. Paulo e filho de Antonio Pedroso Leite natural e cidadão de S. Paulo, e de sua mulher Maria Paes Domingues, e por ella neto de Antonio Pedroso Leite (que falleceu nas Minas Geraes em 1719 (39) e de sua mulher Maria de Oliveira, ambos de S. Paulo, (irmão do coronel Antonio de Oliveira Leitão, que falleceu degolado em alto cadafalso por sua nobreza na praça da Bahia por sentença d'aquella relação, como temos historiado em titulo de Alvarengas, cap. 5° § 1° n. 3—17 e seguintes até n. 4—9), por quem é bisneto de Domingos de Oliveira Leitão, natural da villa de Santos (legitimo neto de Antonio de Oliveira Leitão, que no anno de 1538 veiu provido em capitão-mór governador e alcaide-mór da capitania de S Vicente (40), trazendo sua mulher D. Genebra Leitão de Vasconcellos, ambos de Lisboa), e de sua mulher Anna da Cunha, natural de S. Paulo, irmã

(39) Cartorio de notas de S. Paulo, inventario de Antonio Pedroso Leite.

(40) Cart. da prov. da faz. real de S. Paulo, liv. de reg. de sesm. n. 1 tit. 1562, pag. 80.

inteira do padre Domingos da Cunha, clerigo do habito de S. Pedro, e por elle ter-neto de Manoel da Cunha, natural da ilha de S. Miguel, que falleceu em S. Paulo em Abril de 1674, e de sua mulher Catharina Pinto (41). Pela parte materna neto de Manoel Fernandes Cavalheiro, que falleceu em S. Paulo a 18 de Novembro de 1699 (42), e de sua mulher Maria Paes Domingues, bisneto de José Cavalheiro, natural do reino de Castella, e de sua mulher Isabel Fernandes, natural da freguezia de Santo Amaro: e este é o tronco da familia do appellido de Cavalheiros. Por sua avó dita Maria Paes Domingues é bisneto de Martim Garcia Lumbria, natural de S. Paulo, que foi capitão mór governador da capitania da Conceição de Itanhaen pelos annos de 1693 (43), e de sua mulher Maria Domingues das Candeias. Este paulista o capitão-mór governador Martim Garcia Lumbria soube acreditar-se com acções de honrado vassallo, pelo que mereceu que o Sr. rei D. Pedro II lhe mandasse escrever uma carta, firmada do seu real punho, de agradecimento, datada em 20 de Outubro de 1698, que se acha registrada com outras mais para diversos paulistas na secretaria do conselho ultramarino no livro de registros das cartas do Rio de Janeiro titulo 1673, que acaba em 1700 á pag. 2 e seguintes, com o mesmo theor das cartas que temos copiado em titulo de Taques Pompêos, em titulo de Camargos, e em titulo de Godoys, etc.

Do matrimonio do capitão Manoel Cavalheiro Leite nasceram filhos. Em titulo de Prados, cap. 1° § 8°, n. 3—2 e seguintes.

(41) Orph. de S. Paulo, maç. 3ª dos inv. letr. M. n. 28.

(42) Idem, maç. 6ª letr. M n. 15.

(43) Cam. de S. Paulo, liv. de reg. capa de olandilha, tit. 1721 pag. 221.

5—4. Gertrudes da Cunha, casou em 1753 na freguezia do arraial do Pillar, sitio da Papuã com Anastacio Vieira, que tem sido n'aquellas minas juiz ordinario, e é mineiro de fabrica grande de escravatura, natural de Portugal.

5—5.

5—6.

5—7.

5—8.

4—6. Manoel Dias de Abreu (filho de D. Messia da Silva e Castro do n. 3—6 retro), ainda existe em 1769, cidadão de S. Paulo, que occupou todos os honrosos cargos da republica, casado com Isabel Bueno. Em titulo de Buenos, cap. 2º § 2º n. 3—3 a n. 4—3. E teve seis filhos.

5—1. Firmiano Dias Xavier, mestre em artes, clerigo do habito de S. Pedro, e bem instruido na lição dos livros francezes, e excellente estudante em philosophia e theologia moral, etc. Foi vigario da vara em 1769 da villa de Guaratinguetá ; foi vigario da igreja da mesma, e de outras mais igrejas, visitador geral de todo o bispado de S. Paulo em 1773, e n'este anno de 1784 consta-me que ainda existe cura da Sé de S. Paulo. As suas virtudes e talentos fazem que a sua reputação seja grande no conceito dos grandes e pequenos.

5—2. Manoel Dias de Abreu, cidadão que foi juiz ordinario por eleição de pelouro no anno de 1768, casado com... filha de Antonio Corrêa Pires Barradas e de sua mulher Maria Bueno. Em titulo de Buenos, cap. 1º § 2º n. 3—1. Em sua descendencia.

5—3. Ignacio Dias da Silva, cidadão que foi juiz ordinario em 1764, casado com Messia de Camargo, filha de José da Costa de Camargo. Em titulo de Camargos, cap. 1º § 11 n. 3—6. Deixou geração.

5—4. Felix Nabor, clerigo do habito de S. Pedro.

5—5. Estevão Dias da Silva.

5—6. Antonio Bueno, falleceu solteiro.

4—7. Francisco da Cunha, clerigo de S. Pedro, e fallecido nas minas do Pillar da Papuã.

3—7. D. Sebastiana da Silva.

3—8. D. Isabel da Silva. Vive, se é certo que casou, primeira vez com Bernardino Pinto Moreira, e segunda com o capitão José de Camargo Ortiz.

§ 5º

2—5. D. Margarida Rodrigues (filha de João Pires, e Messia Rodrigues do cap. 6º retro), foi casada com o capitão Antonio do Canto de Mesquita, natural da Villa Real, de nobreza qualificada. Tinha servido a el-rei na capitania do Espirito-Santo, e teve mercê de habito de Christo com 40$ de tença effectiva; e passando a S. Paulo casou com D. Margarida Rodrigues, e ficou estabelecido na terra. Serviu os honrosos cargos da republica, em cujo politico governo teve muita aceitação o seu voto como de pessoa de tanta veneração, autoridade e respeito. E teve do seu matrimonio duas filhas, que são as que descobrimos por documentos.

3—1. D. Anna do Canto de Mesquita.

3—2. D. Maria.

3—1. D. Anna do Canto de Mesquita, casou com João de Toledo Castelhanos. Em titulo de Toledos, cap. 1º; estando viuvo de sua primeira mulher D. Maria do Lara, irmã direita do capitão-mór, governador e alcaide-mór Pedro Taques de Almeida. E teve seis filhos nascidos em S. Paulo.

4—1. O padre mestre Francisco de Toledo, jesuita, que, tendo acabado de reitor do collegio da villa de Santos, passou para commissario do reverendissimo padre geral

a crear a provincia do Estado do Grão Pará e Maranhão, e ficou servindo de provincial d'ella até 1758, em que foi chamado por ordem régia á côrte de Lisboa.

4—2. Bento de Toledo Castelhanos, foi tenente de general, tendo casado em 22 de Agosto de 1719 com D. Potencia Leite de Barros. Falleceu sem geração em Minas, do Rio das Mortes (1° cartorio de notas de S. Paulo, inventarios, letra B.

4—3. D. Escolastica de Toledo Canto, que ficando herdeira dos serviços de seu avô o capitão Antonio do Canto de Mesquita, e da mercê que teve do habito de Christo com 40$ de tença, nunca jámais quiz admittir um dos muitos casamentos que lhe propuzeram, tendo sido pedida de pessoa de sua igualha, assim em vida de seus pais, como depois da morte d'elles, tendo-se resignado nos preceitos de seu irmão o padre mestre Francisco de Toledo nos muitos annos, que residiu no collegio de S. Paulo, até que no anno de 1752 estando seu irmão no Estado do Pará, falleceu solteira, repartindo o seu cabedal em obras pias, o que deixou para executar seu testamenteiro o coronel Francisco do Rego, como pessoa e parente de tanta autoridade, honra e zelo.

4—4. D. Joanna do Canto Castelhanos, casou com seu primo o sargento-mór João Barbosa Lara. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3º § 1º e segintes. Deixou geração.

4—5. D. Anna do Canto de Toledo, foi casada com Salvador Pires de Almeida. Em titulo de Taques, cap. 3º § 9º n. 3—6. Sem geração.

4—6. Pedro Nolasco de Toledo Canto, falleceu solteiro.

3—2. D. Maria... (filha do § 5º), foi baptizada a 24 de Maio de 1655 na matriz de S. Paulo.

§ 6º

2—6. Messia Rodrigues (filha de João Pires, e Messia Rodrigues do cap. 6º), casou com João de Camargo, nobre cidadão de S. Paulo. Em titulo de Camargos, cap. 1º § 4º e cinco filhos.

3—1. Fernando Pires de Camargo.

3—2. João de Camargo.

3—3. José Pires de Camargo.

3—4. Anna Maria de Camargo Pires, falleceu em Juquiry a 22 de Novembro de 1732.

3—5. Joanna Pires de Camargo, casou em S. Paulo a 19 de Agosto de 1697 com Salvador de Miranda do Prado, filho de Antonio de Miranda, e de sua mulher Catharina Dias, irmã de Antonio Garcia; neto de Salvador de Miranda, e de sua mulher Antonia Ribeiro. Em titulo de Prados, cap. 7º § 7º, a ascendencia d'este Salvador de Miranda.

§ 7º

2—7. Thomazia Rodrigues (filha de João Pires do cap. 6º), foi casada com o capitão Francisco de Godoy Moreira. Em titulo de Godoys, cap. 1º § 2º Em S. Paulo serviu todos os cargos da republica: foi morador no Atibaya, e capitão de Nazareth; passou-se para Taubaté, e alli falleceu com testamento e 91 annos de idade a 20 de Junho de 1728 (Orphãos de Taubaté, inventarios F. n. 20). E teve quatro filhos naturaes de S. Paulo.

3—1. Antonio de Godoy Pires, cidadão de S. Paulo, capitão dos auxiliares do bairro de Caçapava em Taubaté, casado com Francisca Vieira de Almeida. Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1º § 1º n. 3—6 e seguintes.

3—2. João Pires de Godoy, foi morador do Atibaya,

casado em Nazareth, com Margarida Pereira, filha de Antonio Pereira de Avellar de cujo matrimonio nasceram:

4—1. Maria Pires de Godoy, moradora de Taubaté, onde casou em 1713 com Antonio Jorge de Siqueira, filho do capitão Antonio Jorge Paes, e Florencia de Siqueira.

4—2. José de Godoy. Falleceu em Ayuruoca.

4—3. Antonio de Godoy. Falleceu solteiro em Taubaté.

4—4. Messia Rodrigues, mulher de João Dias do Prado, natural de Taubaté, filho de Domingos do Prado Gil.

4—5. Catharina de Godoy, mulher de José Dias, filho de Domingos Affonso.

4—6. Francisca..., mulher de João de Toledo, filho de João Vaz Cardoso. Em Toledos, cap. 3º: sem geração.

3—3. Francisco de Godoy Moreira, casou com Estacia da Veiga, filha de Francisco Corrêa da Veiga, e de Martha de Miranda. E teve filho unico natural de Taubaté.

4—1. Francisco Pires Ferreira, existe em 1771 em Taubaté casado com...filha de Placido dos Santos Vianna, e de sua mulher... que foi filha de Gaspar Martins. Deixou geração.

3—4. Pedro de Godoy, casou em Taubaté com Maria Pedroso, filha de Sebastião Fernandes Corrêa (irmã do capitão-mór D. Simão de Toledo). Em Toledos, cap. 3º § 4.º

§ 8º

2—8. Maria Pires Rodrigues (filha de João Pires do cap. 6º), casou com Miguel de Camargos Ortiz, nobre cidadão de S. Paulo e de grande respeito, e serviu muitas vezes os cargos da republica. Em titulo de Camargos, cap. 2º § 3º, com sete filhos que teve.

§ 9°

2—9. Maria Rodrigues, falleceu a 6 de Junho de 1723 (44) e foi casada com Diogo Barbosa Rego, cidadão de S. Paulo, tendo fallecido a 30 de Setembro de 1724, filho de João Moniz Bonilha, e de sua mulher Adriana Barreto (45). E teve sete filhos naturaes de S. Paulo.

3—1. Diogo Barbosa Rego, casou em S. Paulo a 6 de Outubro de 1699 com Maria da Rocha Pimentel, filha de Antonio Fernandes Camacho, e de Maria Ribeiro.

3—2. João Barbosa Pires, casou com D. Theresa de Araujo. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3° § 1° n.3—9. Com geração.

3—3. Francisco Barbosa Pires, morador junto a Santa Anna, foi casado com Hieronima de Arzão, sem geração. Em titulo de Arzão, cap. 1° § 2° n. 3—5.

3—4. Estevão Barbosa, falleceu com testamento em 1718 (46), foi casado com D. Antonia de Medeiros. E teve filho unico:

4.—Estevão Barbosa Rego, casou com Joanna Soares, na freguezia da Conceição, filha do capitão Gaspar Soares, e de sua mulher Barbara Ribeiro.

3—5. Branca Raposo, foi casada com Estevão Forquim de Camargo. Em titulo de Camargos, cap. 4° § 8° n. 3—1.

3—6. Isabel Barbosa, foi casada com João de Siqueira Preto, sem geração: ella falleceu em 1715.

3—7. José Barbosa Rego, casou com Isabel Ribeiro da Cunha, filha de Marianna de Camargo e de Paschoal Delgado. Em Camargos, cap. 2° § 4°. Deixou cinco filhos.

(44) Orphãos de S. Paulo, maço 6 de Inventarios, letra M. n. 11.
(45) Em titulo de Bonilhas, cap. 1° § 2° n. 3—2.
(46) Orphãos de S. Paulo, letra E. maço 1°, n. 15.

§ 10.

2—10. João Pires Rodrigues casou com D. Branca de Almeida. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3° § 9.° Com sua descendencia.

§§ 11 e 12.

2—11. Antonio Pires, casou com Cecilia Ribeiro, filha de Assenso de Quadros e Anna Pereira. Em titulo de Quadros, cap. 1.° Sem geração.

2—12. Hieronimo Pires (filho ultimo de João Pires e Messia Rodrigues do cap. 6°), falleceu solteiro e só deixou 4 filhos mamelucos, que não herdaram por ser seu pai homem nobre, e foi a mãi de Hieronimo Pires quem herdou: o que tudo consta do inventario que se fez por sua morte, que foi a 5 de Outubro de 1664, com testamento... (47).

CAPITULO 7.°

1—7. Custodia Fernandes (filha de Salvador Pires e Messia Fernandes), casou na matriz de S. Paulo a 10 de Maio de 1643 com Domingos Gonçalves, filho de Domingos Gonçalves, e de sua mulher Christina Luiz, que falleceu em 1612, e elle em 14 de Abril de 1665. D'este matrimonio não descobrimos geração.

CAPITULO 8° E ULTIMO

1—8. Antonio Pires. Falleceu solteiro.

(47) Cart. 2° de not. de S. Paulo, maço de inv. ant. o de Hieronimo Pires.

Vem do N. 2.°

Salvador Pires do n. 2.°, cuja descendencia do 2.° matrimonio com Messia Fernandes temos tratado até aqui, casou a primeira vez com N... de Brito, de quem teve tres filhos, que em 1592 deram quitação a sua madrasta dita Messia Fernandes da legitima que lhe deixára seu pai, como se vê da mesma quitação junta ao testamento e autos de inventario de Messia Fernandes, que se acha no cartorio do 1.° tabellião de S. Paulo, no maço dos inventarios antigos, letra M. Foram estes dois filhos.

Diogo Pires......... Cap. 1.°
Amador Pires....... Cap. 2.°
Domingos Pires..... Cap. 3.°

Diogo Pires, casou com Isabel de Brito, que falleceu com testamento a 2 de Maio de 1650(48). Tiveram roça em Juquirí. E teve sete filhos, que pelo dito inventario á margem citado consta com quem casaram, e foram.

§ 1.° Francisco Pires de Brito, casado com Maria Furtado.

§ 2.° Salvador Pires, Falleceu solteiro.

§ 3.° Manoel Pires de Brito, casado com Catharina Dias. E teve duas filhas, Maria de Brito e Filippa de Brito.

§ 4.° Maria de Brito, casada com Antonio Bicudo. Em titulo de Bicudos, n. 1.° cap. 1.°

§ 5.° Margarida de Brito, casada com Luiz Machado Sande. Sem geração.

§ 6.° Beatriz Pires, casada com Custodio Nunes Pinto.

§ 7.° Maria de Brito, casada com Manoel de Araujo de Azevedo.

(48) 2.° cart, de not. de S. Paulo, maço de inv. ant. n. 7.

CAPITULO 2.º

2 — Amador Pires, falleceu solteiro e ficou por seu herdeiro seu irmão Diogo Pires, como consta no inventario de sua madrasta Messia Fernandes acima indicado.

CAPITULO 3.º

3 — Domingos Pires, falleceu sem geração, tendo sido casado com uma filha de Beatriz Camacho, a qual herdára de sua filha dita mulher de Domingos Pires umas terras que ella mesmo Camacho com seu marido Francisco Farel em 8 de Fevereiro de 1595 vendeu por escriptura a Antonio Rodrigues, como tudo se vê na nota, caderno titulo 1594 pag. 21 do 1.º cartorio do tabellião de S. Paulo.

AFFONSOS GAIAS

A nobre familia dos Affonsos Gaias propagou na villa de Santos, primeira da antiga capitania de S. Vicente, em quatro irmãos, que do porto Gaza, junto á cidade do Porto (que hoje se chama Miragaia, e é parte da mesma cidade), vieram para o Brasil no principio da povoação e fundação da villa de Santos, attrahidos e convidados, como outros muitos, pelo donatario da mesma capitania, o fidalgo Martim Aflonso de Sousa, o qual quando veiu em 1531 fundar a villa de S. Vicente (foi a primeira povoação que houve em todo o Brasil), trouxe á sua custa muitos navios, con gente da guerra para a conquista dos barbaros gentios, habitadores do sertão de toda a costa da sua capitania, com muita nobreza de qualidade reconhecida e estimada para povoadores. Foi esta advertecia muito recommendada pelo Sr. rei D. João III, de suspirada memoria, que costituiu ao dito Martim Affonso de Sousa governador de toda a costa do Brasil por patente datada na villa do Crato a 20 de Novembro de 1530, com ampla jurisdicção para conceder de sesmsria as terras aos povoadores que trazia para isso, e aos mais que depois viessem vindo para o mesmo effeito (1). Por isso com Martim Affonso de Sousa vieram muitos sujeitos com o fôro de fidalgos da casa real, outros com o de cavalleiro fidalgo, e outros finalmente com o de moço da camara ; muitas familias da

(1) Cart. da Prov. da Faz. Real L. de Reg. de Sesm. tit. 1551 pag. 42 e 103.

provincia do Minho. e das sutra provincias vieram vindo pelos annos subsequentes ao de 1533, depois de recolhido ao reino no de 1534 Martim Affonso de Sousa, a quem o mesmo Sr. D. João III concedeu 100 leguas de costa para copitania da villa de S. Vicente com seu foral, de juro e herdade para sempre, por carta passada em Evora a 20 de Outubro 1534. E principiam as 100 leguas a 13 leguas ao norte de Cabo-Frio, e correndo a costa com distancia de 55 leguas acabam no rio Curupacê, (agora se diz Juquitiquerê), que fica quasi defronte da ilha dos Porcos, que é até onde chega o termo da villade Ubatuba ; e d'este rio Curupacê 10 leguas até o rio de S. Vicente braço do norte (que é o mesmo que a barra da Bertioga, que é da doação de Pedro Lopes de Sousa para fundar a sua capitania de Santo Amaro da ilha de Guaibê, que não chegou a povoar-se), continuam do dito rio de S. Vicente 45 leguas, que se terminam a 12 leguas ao sul da ilha de Cananéa, que é o que hoje se conhece por Paranaguá (2). Por esta fórma se completam as ditas 100 leguas da capitania de S. Vicente concedidas a Martim Affonso de Sousa em attenção os relevantes serviços, que tinha feito na India como soldado aventureiro ; e as suas proezas foram igualmente applaudidas pelos dois famosos historiadores Barros e Faria : e tornando á India no fim do anno 1534, em que sahio de Lisboa capitão-mór da armada, veio merecer aquelle superior governo, no qual succedeu a D. Estevão da Gama no anno de 1542.

Para fundar a villa de S. Vicente trouxe entre outros sujeitos abalisados a Luiz de Goes, casado com D. Catharina (3), e ao genro Domingos Leitão, que tinha o fôro de

(2) Arch. da Cam. de S. Paulo, L. de Reg. tit.1620 pag. 45 e seguintes.

(3) Cart. da Prov. da Faz, L. de Reg. de Sesm. tit. 1554, pag. 91, 96, 103, 136 e seguintes em todo dito livro.

cavalleiro fidalgo, casado com D. Cecilia de Goes, e era irmão de Hieronimo Leitão, tambem casado (que depois ficou sendo capitão-mór governador da capitania de S. Vicente no tempo do segundo donatario d'ella, Pedro Lopes de Sousa, e de seu filho Lopo de Sousa, que foi neto do primeiro donatario Martim Affonso de Sousa) e seo irmão Balthasar Leitão, que todos tinhão o fôro de cavalleiro fidalgo ; e com Luiz de Goes vieram os dois irmãos Pedro de Goes que foi capitão-mór da armada, e falleceu em S. Paulo, e Gabrel de Goes, todo com o fôro de fidalgos da casa real. Rui Pinto, cavalleiro professo da ordem de Christo, com sua mulher D. Anna Pires Missel, que falleceu em S. Vicente ; Antonio Pinto e Francisco Pinto, todos com o fôro de fidalgos da casa real, Nicoláo de Azevedo, tambem fidalgo da casa real, e cunhado dos ditos Pintos por ser casado com D. Isabel Pinto, e eram filhos do fidalgo Francisco Pinto, que ainda no anno de 1550 existia em Lisboa, quando n'esta côrte por escriptura celebrada na nota de tabellião confirmou a venda das terras que sua nora D. Anna Pires Missel havia feito em S. Vicente, pertencentes ao engenho de assucar S. Jorge (foi o primeiro engenho em todo o Brasil), erecto em S. vicente logo que fundou esta villa o dito donatario Martim Affonso, como dito Rui Pinto), aos Allemães Erasmo Schecer e João Visnat, por cuja razão tomou o dito engenho o nome de S. Jorge dos Erasmos. Vieram mais em 1531 Jorge Ferreira, cavalleiro fidalgo, casado com Joanna Ramalho, filha de João Ramalho, que tinha o fôro de cavalleiro, e foi depois o fundador da villa de Santo André da Borda do Campo, de cuja povoação (antes de acclamada em villa no dia 8 de Abril de 1553) foi guarda-mór e alcaide-mór do Campo dito Ramalho. Emfim vieram outros muitos d'este mesmo caracter, como Jorge Corrêa, moço da camara ; e

d'esta qualidade de nobrez vieram depois vindo para S. Vicente outros muitos, para onde tambem com o mesmo Martim Affonso de Sousa tinha vindo Braz Cubas, cidadão do Porto, e cavalleiro fidalgo, com seu filho bastardo, que foi legitimado por *alvará régio* (Vide que n'isto tenho alguma duvida até apparecer documento); Pedro Cubas, moço da camara, Antonio Rodrigues de Almeida, cavalleiro fidalgo, natural de Monte-mór o Novo, que, recolhendo-se ao reino, voltou em 155? com sua mulher D. Maria Castanho, com duas filhas, trazendo de propriedade os officios de chanceller, escrivão da ouvidoria e das datas, por mercê do donatario Martim Affonso: veiu Antonio de Oliveira em 1538, cavalleiro fidalgo, e trouxe sua mulher, D. Genebra Leitão, que era irmã de Domingos Leitão, de Hieronimo e Balthasar Leitão, e foi capitão-mór governador da dita capitania de S. Vicente, de que tomou posse no anno de 1538; Simão Borges Cerqueira, natural de Mesamfrio, moço da camara; Antonio Rodrigues de Alvarenga, natural de Lamego, cavalleiro fidalgo, e todos os mais, dos quaes fazemos maior individuação na noticia chronologica da fundação da capitania de S. Vicente e de todas as villas fundadas dentro da dita capitania, e os descobrimentos de minas de ouro, prata, ferro e aço, desde 1598 até as ultimas minas dos Goiazes em 1725, o que serve como apparato ao titulo *Nobiliarchia Paulistana Historica e Genealogica*, que comprehende as familias nobres da capitania de S. Vicente, que hoje se diz S. Paulo, depois que passou a ser a capital desde o anno de 1681, por mercê do donatario o marquez de Cascaes.

Fundada a villa de S. Vicente pelos annos de 1531 até 1533, e ficando n'ella os nobres povoadores, que deixou o seu fundador Martim Affonso de Sousa, dentro da mesma ilha de S. Vicente, em distancia de duas leguas por cami-

nho de terra, fundou Braz Cubas, cavalleiro fidalgo, a villa de Santos á custa da sua fazenda, e d'ella foi o 1.º alcaide-mór, e depois provedor da fazenda real, e capitão-mór governador, e ouvidor da capitania de S. Vicente, pelos annos de 1554, e seguintes. N'ella se estabeleceram os tres irmãos Luiz, Pedro e Gabriel de Goes, sendo Luiz de Goes e sua mulher D. Catharina os fundadores do segundo engenho de assucar com vocação Madre de Deus, no sitio a que no presente tempo se chama Nossa Senhora das Neves. Este engenho passou ao genro dos fundadores, Domingos Leitão, marido de D. Cecilia de Goes, filha dos mesmos, que ficando viuva se recolheu a Lisboa em 1580, de onde mandou procuração bastante por si, e seu filho João Gomes Leitão, a seu cunhado o ex-capitão-mór governador Hieronimo Leitão em 1588, para venda do dito engenho, que teve effeito, vendendo-se ao Adelantado, cujo nome se não declara na escriptura da venda celebrada em Santos na nota do tabellião Athanasio da Mota, e a Diogo Rodrigues, com todas as terras, e aguas pertencentes ao dito engenho Madre de Deus. Este engenho passou aos filhos do dito Diogo Rodrigues, que era casado com uma sobrinha do vendedor Hieronimo Leitão, em Santos, e foram elles :

1.º O capitão Antonio Amaro Leitão, casado com D. Isabel da Fonseca Pinto (que segunda vez casou com Diogo Ayres de Aguirre, ouvidor, que foi muitas vezes da capitania de S. Vicente, juiz ordinario e de orphãos, etc.), filha de Domingos de Fonseca Pinto, cidadão da Bahia e provedor da fazenda real da capitania de S. Vicente em 1539. 2.º Custodio Leitão, que casou com Anna de Aguiar, de cujo matrimonio houve filhos, entre os quaes foi Ambrosia de Aguiar, que falleceu em Santos solteira em 1705, deixando no seu testamento, que se acha no residuo da ouvidoria de

S. Paulo, o quinhão das terras, que tinha, a Nossa Senhora das Neves. 3.° Agostinho Leitão, que existia em Santos em 1642.

Houve mais no termo da villa de Santos o engenho de S. João, do qual foi fnndador José Adorno, natural de Genova ; e o de Nossa Senhora da Apresentação, de que foi fundador Manoel de Oliveira Gago, que deixou nobre geração de seus appelidos em Santos. Estes engenhos eram moentes e correntes ainda em 1577, como se vê dos direitos que pagavam á fazenda real, e consta do livro do dito anno na provedoria e cartorio da fazenda.

Estando por este modo em grande auge de augmentos e utilidades a villa de Santos, com o commercio frequentado em navios, que vinham ao seu porto, e navegação para Portugal, sendo o principal o navio dos allemães Erasmos e Minats, vieram como acima referimos, quatro irmãos estabelecer-se n'esta villa, e foram os que aqui representamos com os numeros seguintes :

N.° 1.° N...Affonso Gaia.
N.° 2.° Manoel Affonso Gaia.
N.° 3.° Domingos Affonso Gaia.
N.° 4.° Paschoal Affonso.

N.° 1.°

N...Affonso Gaia, passou de Santos para a villa da Victoria, capitania do Espirito Santo, onde se estabeleceu e deixou familia de sua nobre geração. D'elle procedeu o M. R. P. Fr. Manoel Gaia, carmelita da provincia do Rio de Janeiro, da qual foi secretario e occupou o lugar de prior visitador.

N.º 2.º

DE MANOEL AFFONSO GAIA

Manoel Affonso Gaia deixou em Santos honrosas memorias dos seus grandes merecimentos, porque soube conciliar um geral applauso, respeito e veneração de todos os moradores do seu tempo. Foi da govenança da terra, tendo repetidas vezes as redeas do governo da republica; porque para officiaes da camara só eram admittidos os homens da maior honra, zelo e desinteresse, cujo venturoso tempo não se logra agora nas assembléas de todas as villas e cidade capital de S. Paulo, lamentando-se esta infeliz decadencia em todo o Estado do Brasil, onde já se não escolhem os sujeitos da primeira graduação para ornarem o corpo do senado, á imitação dos seculos de 1500 até 1700. Foi Manoel Affonso Gaia juiz ordinario em 1630, tendo por companheiro a Gonçalo Pires Pancas como consta do tombo do convento do Carmo de Santos, folhas 33 e 34; e foi capitão da gente da villa de Santos, como pessoa de nobreza e disciplina militar, que a exercitou em serviço do rei nos actuaes encontros a que obrigavam os barbaros indios não só os da costa do Sul, mas tambem os *Tamoios* do Rio de Janeiro, que armados em guerra com multidão de canôas vinham hostilisar aos moradores de S. Vicente e Santos, principalmente aos que se haviam estabelecido além do rio de S. Vicente braço do norte, Bertioga. (Archivo da camara da villa de Santos, livro 1.º de registros pag. 82 v.) Foi a costa de Santos, e S. Vicente inficcionadas de piratas corsarios, para cuja defesa actualmente acudiam aos rebates, de sorte que, acabadas as guerras, depois de conquistados os indios *Carijós* e *Guaianazes* os mais formidaveis da costa do sul, (e rendidos tam-

bem os *Tamoios* do Rio de Janeiro depois da segunda e ultima rota, que experimentaram dos soccoros de S. Vicente, Santos e S. Paulo, auxiliando em canoas de guerra, de cuja armada foi general Eliodoro Ebano Pereira ao governador geral Mem de Sá em 18 e 20 de Janeiro do anno 1567, em que fundou aquella cidade com o nome de S. Sebastião, que foi o protector e tutellar d'esta difficultosa empreza contra as forças de Nicoláo de Villagalhon, natural de França e cavalleiro do Hospital, que se havia fortificado n'aquella enseada e n'ella construido regular fortaleza que foi arrasada pelos europêos com o dito Mem de Sá. ficandolhe para a memoroia do triumpho só onome do sitio, que a corrupção portugueza ficou chamando Vergalhão) não tiveram os moradores da capitania de S. Vicente as armas ociosas.

No anno de 1599 occuparam a ilha de S. Sebastião tres náos de hollandezes inimigos, contra os qaes mandou D. Francisco de Souza por sua provisão datada em S. Paulo a 7 de Junho do mesmo anno sahir de S. Paulo um soccorro de gente, que se incorporou em Santos ao capitão de infantaria Diogo Lopes de Castro com os moradores das villas de Santos e S. Vicente, para irem atacar ao inimigo hollandez. No anno de 1601 os mesmos hollandezes occuparam os mares da ilha de S. Sebastião com uma grande urca chamada o *Mundo Dourado* (Esta talvez seria a mesma assim chamada que em 1599 veio ao porto de Santos, e só dos direitos que pagou á fazenda real se carregou em receita ao almoxarife João de Abreu 6:129$678 réis. (Prov. da fazenda real, livro 1.º de registro tit. 1597 pag. 76) ; e navegando um religioso benedictino com varias pessoas em um barco, e outras em uma canôa, para o Rio de Janeiro, foram todos captivados pelos ditos inimigos. Acudiram os moradores de Santos e

S. Vicente por ordem de D. Francisco de Sousa governador geral do Estado, que n'este anno se achava em S. Paulo, que mandou ao capitão-mór da capitania Gaspar Barreto que sahisse com o corpo de mil homens e indios frecheiros em armada de canôas contra o pirata, para cujo effeito mandou o dito governador geral assistir com polvora e bala, e mantimentos necessarios, e ficaram victoriosas as nossas armas. Rendida a urca com todos os hollandezes, cujo capitão era Lourenço Brear, artilheria, e mais munições de guerra e prezas, que tudo se conduziu para o porto de Santos, onde por espaço de 50 dias foi guardada a urca pelos moradores, fiando-se esta importante conducta da actividade e zelo de Manoel Pereira Lobo, moço da camara d'el-rei, de Manoel Fernandes Cavaco. Isto consta melhor no cartorio da fazenda real da provedoria, liv. de registros tit. 1597 pag. 37 97 v., 103 e 127 v. Finalmente desde o anno de 1641 até o de 1655 infestaram os hollandezes a costa do sul e portos de Santos e S. Vicente e no decurso d'estes 14 annos deram de perda mais de 100,000 crusados nos navios, barcos, e fazendas que tomaram, navegando de Santos para o Rio de Janeiro (Cart. da prov. da faz. L. de Reg. tit. 1634 pag. 90) Existindo o pirata hollandez n'estes 14 annos, occupando a costa,e apparecendo sobre a barra de Santos um navio, sahiu o capitão Manoel Affonso Gaia contra o inimigo sem mais embarcação que uma canôa armada em guerra, e n'esta facção o acompanhou seu genro Antonio Barbosa Sotto Maior, o qual em 1642 foi provido em capitão da gente de Santos, que de antes occupára seu sogro Manoel Affonso Gaia. (Cart. da proved. da Faz. L. de reg. tit. 1916. pag. 41.)

Foi casado na villa de Santos com Maria Nunes de Siqueira, que falleceu em dita villa a 10 de Outubro de 1667

(Obitos, folhas 13), filha de Pedro Nunes de Siqueira, da nobre familia dos Siqueiras Mendonças, uma das mais antigas da capitania de S. Vicente. neta pela parte paterna de Antonio de Siqueira, moredor de S. Vicente, e de sua mulher Messia Nunes, filha de Francisco Pinto (irmão de Rui Pinto e Antonio Pinto), que eram cavalleiros fidalgos da casa real (como já dissemos atrás). Os descendentes d'este Antonio de Siqueira, que ainda era vivo em 1581, trazem o antigo e nobre appellido de Mendonças, e ignoramos se lhes provém do dito Antonio de Siqueira, se de sua mulher, filha do dita Francisco Pinto (* No titulo do autor estão umas notas, que fez o ex-provincial frei Gaspar da Madre de Deus, em que refuta serem os do appellido Siqueira Mendonça descendentes d'este Antonio de Siqueira, que era proprietario dos officios de escrivão da camara, orphãos e tabellião da villa de Santos, e ainda que o autor provou com segundas notas, riscou as linhas, que diziam ter ido de Portugal com os taes officios, e por consequencia ficou indeciso). E só sabemos que do matrimonio de Antonio de Siqueira nasceram na villa de Santos (* Vai na mesma duvida) :

1.º Lourenço de Siqueira de Mendonça, que se passou para S. Paulo, onde ficou sendo o progenitor de seu appellido, e falleceu com testamento a 4 de Junho de 1633 (Orphãos de S Paulo, n. 42).

2.º Beatriz de Siqueira de Mendonça, mulher de Antonio Gonçalves da Vide, que foi provido em capitão do forte do Pinhão da Vera-Cruz com 60$000 de soldo por anno, por provisão do governador geral D. Francisco de Sousa, datada em Santos a 28 de Julho de 1601, que até então tinha occupado o dito posto Francisco Nunes Cubas (Cartorio da provedoria da fazenda, livro de registro, titulo 1597 pag. 104 até pag. 105). O dito capitão Antonio Gonçalves

da Vide fez doação das terras que tinha até o rio de Santo Amaro (que lhe dera em casamento seu sogro Antonio de Siqueira, com sua filha Beatriz de Siqueira), casando com Antonio Zuzarte de Almeida por escriptura na nota do tabellião da villa de Santos em 3 de Janeiro de 1633.

3.° Luiza de Siqueira e Mendonça, mulher de Alonso Pelaes, que foram sogros do afamado Luiz Dias Leme, natural de S. Vicente, e tio direito do governador Fernam Dias Paes. E tambem dos mesmos é quarto neto por parte materna o *muito reverendo padre-mestre o Dr. Frei Gaspar da Madre de Deus*, monge benedictino, que acabando o lugar de D. abbade do Rio de Janeiro subiu a reverendissimo D. abbade provincial, cujo triennio acabou em Janeiro de 1769,recebendo ao mesmo tempo a patente de D. abbade do mosteiro da Bahia, cujo lugar renunciou attendendo ao estado de suas forças para descançar com tranquillidade de espirito no retiro de uma cella no mosteiro de Providencia da villa de Santos, feito subdito quem desprezava ser prelado.

4.° Manoel de Siqueira, que casou em S. Paulo com Messia Bicudo, e falleceu com testamento em 1614, declarando a sua naturalidade a villa de Santos. Em titulo de Bicudos, n. 2° cap. 8°.

5.° Luzia de Siqueira de Mendonça, que, casando com Manoel Corrêa de Lemos, natural da capitania de Espirito-Santo, foi morador em S. Paulo, onde seu marido falleceu em 1693 (Orphãos de S. Paulo, maço 4° letra M, n. 40).

6.° Antonio de Siqueira, que propagou na villa de S. Vicente e na de Santos. E outros mais irmãos filhos do progenitor Antonio de Siqueira, etc.

Do matrimonio pois do capitão Manoel Affonso Gaia de n. 2° houve filhos nascidos na villa de Santos; e os de

que descobrimos documentos, que nos informam desta verdadeira noticia, foram quatro, que são os seguintes :

CAPITULO 1.º

1 — 1. O padre Pedro Nunes de Siqueira, presbytero secular, coadjutor na matriz de Santos em 1654, como consta dos autos de genere do padre Antonio Barbosa de Mendonça, do qual fazemos menção no cap. 2º § 1.º

CAPITULO 2.º

1 — 2. Catharina de Mendonça casou com Antonio Barbosa Soto-Maior, natural de Lisboa, que falleceu em Santos em 1683 (Obitos, folhas 53), irmão de Francisco Barbosa, cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, que veiu a Santos, e eram filhos de Estevão Barbosa Sotto-Maior, e de sna mulher D. Maria de Paiva, naturaes da côrte de Lisboa, como tudo assim consta dos autos de genere do padre Antonio Barbosa de Mendonça no § 1º infra. Este Antonio Barbosa de Soto-Maior havia militado em Pernambuco e Rio de Janeiro antes de vir casar a Santos, onde pela autoridade e respeito de sua nobre pessoa foi eleito para capitão da ordenança (que differentes tempos d'aquelle seculo para o presente na eleição de semelhantes postos !) da villa de Santos, de que teve patente em 16 de Setembro de 1642 pelo general do sul

Salvador Corrêa de Sá e Benevides, e no contexto d'ella se nota ibi. «E ao bem, que ha servido no dito cargo quando o hollandez por duas vezes veio com armada de Pernambuco para esta costa, tomando a seu cargo a fortificação da dita villa de Santos, sendo o primeiro que carregava faxina para dar exemplo aos mais, occupando sempre o posto da vanguarda com a sua companhia, sustentando á sua custa quarenta indios; e se offereceu depois para levantar outra com o dispendio seu para ir soccorrer a cidade do Rio de Janeiro, que se presumia estar cercada, tendo já no presidio d'ella servido de soldado da companhia de D. Antonio Ortiz de Mendonça tres annos; e haver sahido do porto de Santos em companhia do capitão Manoel Affonso com uma canôa de guerra a reconhecer um navio, que investiram, imaginando-se que era de inimigo, dando em tudo honradas mostras de zelo com que serve a Sua Magestade, o que tambem fez em outras occasiões de guerra viva, como foi no quartel de Pernambuco, quando o inimigo o sitiou em Agosto de 1633 com dous mil homens, e no encontro que com elle se teve em dito mez no rio Capivaribe, em que se lhe ganharam seis peças de artilheria de bronze, quatro roqueiras, algumas bandeiras, muitas munições e bastimento, com morte e prisão da maior parte da sua gente, obrigando-os a que levantassem o sitio que tinham posto; outrosim achando-se na conquista do Porto de Calvo, levando-o o general Mathias de Albuquerque, que ganhou aquella praça; e na defensa de Serinhâên a tempo que o inimigo a vinha investir com setecentos homens, e quantidade dos indios *Pitaguaris*, de que ficaram muitos mortos na campanha, procedendo em todas as occasiões valorosamente, etc.»

Do matrimonio de capitão Antonio Barbosa Soto-Maior houve filhos naturaes de Santos, e dos que descobrimos cer-

teza total foram os que vão nos dois paragraphos seguintes. É lamentavel a falta que ha de documentos, que sirvam de fio verdadeiro para a genealogia do nobiliario que pretendemos dar á luz; e até as noticias dos velhos não descobrimos; porque dependendo de exame, com zelo da verdade, o trabalho de procurar semelhantes memorias, não temos achado um só sujeito que nos queira ajudar nesta empreza, que toda se dirige ao fim do bem publico e utilidade dos descendentes, que todos vivem amortecidos na ignorancia dos seus nobres progenitores, e das suas honrosas virtudes e acções, para lhes imitarem com credito do mesmo sangue, que lhes adorna as veias. Antes o sequito dos imprudentes, que já têm degenerado do mesmo esplendor dos seus antigos ascendentes, emprega todo o tempo na murmuração do nosso infatigavel trabalho, que até se tem acompanhado de despeza propria em muitos documentos, que temos feito extrahir de varios cartorios das villas e cidade capital de S. Paulo; porém esta mesma calumnia soffreram sempre aquelles que se applicaram a estudos genealogicos; talvez porque alguns sujeitos, aos quaes a lima do tempo consumiu em algum dos seus ascendentes qualquer facto de mecanismo, se persuadem que nós faremos renascer pela imprensa aquelle silencio, que lhes apadrinha o antigo defeito.

2—1. O padre Antonio Barbosa de Mendonça § 1.º
2—2. D. Maria Barbosa Soto-Maior § 2.º

§ 1.º

2—1. O padre Antonio Barbosa de Mendonça, se habilitou *de puritate sanguinis* pela camara episcopal do Rio de Janeiro em 1672, em autos que existem na camara epis-

copal de S. Paulo. Foi vigario da igreja muitos annos da villa de Iguape, e falleceu em Santos.

§ 2°

2—2. D. Maria Barbosa Soto-Maior, casou tres vezes: primeira com Manoel de Oliveira, em geração; segunda com J ão Pires das Neves, nobre cidadão de S. Paulo, sem geração; terceira com Manoel Carvalho da Silva, sargento-mór do terço dos auxiliares de seu pai, o mestre de campo Domingos da Silva Bueno: e como já era quinquagenaria antes de casar lhe fez doação do seu grande cabedal; e o perfilhou. Falleceu sem geração em S. Paulo com testamento a 24 de Abril de 1724 (Residuos da ouvidoria de S. Paulo, testamento de D. Maria Barbosa Soto-Maior).

D. Maria Barbosa no dito testamento com que falleceu falla assim: « Francisco Barbosa, meu sobrinho ». Este foi filho natural do padre Antonio Barbosa de Mendonça, e casou com Francisca Pires de Camargo, dos quaes foram filhos Francisco Barbosa Soto-Maior, solteiro e morador em Santos; João de Camargo, casado e soldado de infantaria; José de Camargo, soldado, solteiro; F... casada com o alferes de infantaria Anacleto de Pontes, filho legitimo de Sebastião Nunes, e de sua mulher F...

CAPITULO 3°

1—3. Salvador Nunes de Siqueira (filho do capitão Manoel Affonso e Maria Nunes de Siqueira do n. 2°), foi nobre cidadão da republica de Santos, sua patria. Teve estabelecimento, e com abundancia na sua fazenda de Guaratuvatá com terras de cultura até o rio dos Patos, como

consta do testamento com que falleceu em Santos a 9 de Dezembro de 1708, e n'elle declarou ser natural d'esta villa e filho dos pais acima. Residuos da ouvidoria de S. Paulo, testamento de Salvador Nunes de Siqueira.) Foi casado com Catharina da Costa natural de S. Vicente ou da Conceição de Itanhaen; legitima neta de Dionisio da Costa, que foi capitão-mór, governador e ouvidor da capitania de Itanhaen, por provisão datada em Lisboa a 20 de Novembro de 1648, e tomou posse na camara de Itanhaen a 3 de Abril de 1649 (Provedoria da fazenda, livro de registro n. 5º titulo 1645 pag. 67 verso), e de sua mulher Isabel da Mota, irmã inteira de Vasco da Mota. Em titulo de Godois, cap. 4º. E teve quatro filhos, que seguem :

2—1. Pedro Nunes de Siqueira § 1.º
2—2. Dionisio da Costa....... § 2.º
2—3. João Collaço de Siqueira § 3.º
2—4. Isabel da Mota......... § 4.º

§ 1º (4)

2—1. Pedro Nunes de Siqueira, casou em Santos com Catharina de Oliveira, e teve tres filhos.

3—1. Francisco de Salles, que foi em praça de soldado para o Rio Grande da Colonia, a quem o conde de Bobadella estimava muito, sendo um dos que n'aquella terra fazia a primeira figura e talvez lá casou.

3—2. Margarida de Oliveira, casada com Antonio Baptista, que vivia de advogar.

3—3. Maria Nunes, que foi solteira de morada para S. Paulo, e casou com Francisco Xavier da Guerra, filho de Francisco Rodrigues Guerra.

(4) Estes paragraphos estão escriptos pela letra de Fr. Antonio da Penha de França, a quem pediu noticia o autor,

§ 2º

2—2. Dionisio da Costa, casou com Maria Villela de Menezes, natural da villa de Iguape, e que falleceu na de Santos com 110 annos de idade. Foi capitão e juiz. Foi pessoa de muito respeito e eternisou o seu nome, porque no principio que se descobriram as Minas Geraes teve uma lavra mineral tão grandiosa, que d'ella se tirava um arratel de ouro em cada bateada, e deu-se esta lavra por descoberta, ficando aquelle logar conservando o nome de Dionisio da Costa. Foi tão liberal e de animo tão generoso, que em uma festa das onze mil virgens em que seu filho Pedro, que depois foi carmelita, foi capitão na villa de Santos, gastou uma arroba de ouro na dita festa. Falleceu em Santos, e jaz sepultado na ordem terceira do Carmo, e teve cinco filhos:

3—1. Fr. Pedro, religioso carmelita da provincia do Rio de Janeiro, onde falleceu de bexigas estando para ir cantar a sua primeira missa na sua patria, villa de Santos.

3—2. Dionisio da Costa, falleceu solteiro em Santos.

3—3. Francisca Villela, que casou com Francisco Rodrigues, natural de Lisboa. Sem geração.

3—4. Brizida Collaça de Menezes, casou duas vezes: primeira com Gabriel Alves, filho de Eusebio Alves Gaia, sendo dispensados para o matrimonio por serem parentes; segunda vez casou com Antonio Henrique, natural de Portugal, sem geração.

3—5. Maria Villela de Menezes, existe solteira.

§ 3º

2—3. João Collaço de Siqueira, falleceu solteiro.

§ 4º

2—4. Isabel da Mota, casou com o capitão Manoel Ribeiro, de cujo matrimonio teve quatro filhos:

3—1. Maria Ribeiro, foi casada com Pedro da Silva Ferreira, e falleceu em Santos com testamento.

3—2. Francisco Ribeiro, passou-se para os Curraes da Bahia, solteiro.

3—3 e 3—4. Um falleceu no Rio de Janeiro, outro em Santos de menor idade, e ignoramos os nomes

CAPITULO 4º

1—4. Manoel Affonso Gaia (filho do capitão Manoel Affonso Gaia do n. 2), foi de grande respeito e veneração assim dos moradores da villa de Santos, sua patria, como dos paulistas da primeira graduação. Teve o primeiro voto nas assembléas do corpo do senado como pessoa tão autorisada no governo da republica. Foi capitão de infantaria da ordenança dos moradores da villa de Santos (a), onde viveu muito abastado. Foi senhor de engenho para a fabrica dos assucares na sua opulenta fazenda do Piraiqueguassú. Em serviço da real corôa fez varias entradas ao sertão de Parnaguá, onde se dizia haver prata, cujo descobrimento havia recommendado o Sr. rei D. Pedro II estando principe regente, e para cujo effeito mandou depois á custa da real fazenda a D. Rodrigo de Castel-Blanco (cavalleiro castelhano a quem o mesmo senhor tomou por fidalgo de sua casa), pelos annos de 1673, acompanhado do capitão de infantaria reformado Jorge Soares de Macedo,

(a) Cam. da villa de Santos, L. 1º de Reg. fl. 82 v.

primeiro governador da praça Santos de 1700, que, dilantando-se em exames no sertão de Tabaiana, chegaram a S. Paulo em 1678, que se trata em titulo de Arzoens, cap. 5º; e vide Campos, cap. 5º § 2º n. 3—9.

No anno de 1640, em que os jesuitas do collegio de S. Paulo foram lançados pelos paulistas no dia 13 de Julho deste anno (vêde este successo historiado em titulo de Pires, cap. 6º), se declarou protector dos ditos padres jesuitas o capitão Gaia, não só pelo grande respeito que tinha entre os moradores de Santos, mas pela igual veneração qus desfructava dos da primeira nobreza de S. Paulo, e por isso concorrendo sempre com todas as forças para restituição dos mesmos padres, contra os quaes tinham concebido intranhavel odio a maior parte dos homens das villas de toda a capitania de S. vicente e S. Paulo, obteve um padrão de agradecido reconhecimento dos padres do collegio de Santos, que por escripto lhe concederam honrosa sepultura para elle e sua descendencia na igreja do collegio d'aquella villa, com os suffragios praticados com os RR. quando fallecem.

Foi casado o capitão Manoel Affonso Gaia com Maria Gonçalves Figueira, natural da villa de Itanhaen, filha de Antonio Gonçalves Figueira e de Ignez Lamim, moradores da dita villa, os quaes foram sogros de Sebastião Velho de Lima, a qual Ignez Lamim falleceu em Santos, estando viuva em 10 de Maio de 1668 (obitos de Santos, folhas 20). Neta por parte paterna de Antonio Gonçalves e de sua mulher Luciana, ou Antonia Tinoco, filha de Francisco Rodrigues Tinoco, morador em S. Vicente em 1554, irmão de Gonçalo Rodrigues Tinoco, para onde vieram estes dois irmãos no principio para povoadores da villa de S. Vicente (Cartorio da provedoria da fazenda real, livro 1.º de registro de sesmarias, titulo 1554

pag. 106 verso e 108 verso). E de onde consta que Pedro de Figueiredo moço da camara de el-rei D. João III, fora genro dos ditos Antonio Gonçalves, e Luciana ou Antonia Tinoco, o qual nome Luciana, se lhe dá no livro 2º titulo 1602 até 1617 pag. 6 de sesmarias, de cujos lugares tambem consta o mais (5).

Do matrimonio do capitão Manoel Affonso Gaia nasceram.

2—1. Antonio Gonçalves Figueira................ § 1º
2—2. Manoel Affonso Gaya...................... § 2º
2—3. Pedro Nunes de Siqueira................. § 3º
2—4. Miguel Gonçalves de Siqueira........... § 4º
2—5. Jeão Gonçalves Figueira. .... § 5º
2—6. D. Catharina de Siqueira e Mendonça...... § 6º
2—7. Maria das Neves........................ § 7º
2—8. D. Ignez................................ § 8º
2—9. N.....Cega *a nativitate*, falleceu solteira.. § 9º
2—10 Francisca.............................. § 10º

§ 1º

2—5. Antonio Gonçalves Figueira, nasceu na villa de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaen. Suas acções no real serviço á sua custa, em todo o tempo da campanha e guerra contra os barbaros indios do sertão do Rio-Grande do Norte em praça de soldado, e alferes do terço dos paulistas, de que foi mestre de campo e governador Mathias Cardoso de Almeida, seu cunhado, desde 1689 ; na campanha do Ceará debaixo do commando do capitão-mór governador João Amaro Maciel Parente : seu casamento em S. Paulo, filhos que teve o capitão Antonio Gon-

(5) * Esta ascendencia cauzou trabalho, e indicisão do autor, por achar documentos que se contradiziam; e eu segui o que parecia mais acertado, segundo o permittia a confusão das emendas e notas.

çalves Figueira, e falleceu na villa de Santos. Vide em titulo de Lemes, cap. 5º e seguintes. D'elle foi principal filho herdeiro o sargento-mór Manoel Angelo Figueira de Aguiar.

§ 2º

2—2. Manoel Affonso Gaia, natural da villa de Santos, casou na villa da Cachoeira do bispado da Bahia com N... Foi capitão-mór da mesma villa, onde viveu alguns annos, e depois se recolheu com toda a sua familia ao sertão do Rio Verde de S. Francisco, onde possuiu grandes fazendas de gados, e teve grande respeito e alli falleceu de mais de 80 annos (6).

. . . .

3—1. José Gonçalves Figueira.
3—2. D. Catharina Perpetua.
3—3. D. Maria.
3—4. Manoel Affonso Gaia.
3—5. D. Luzia.
3—6. D. Isabel Maria.
3—7. João Peres Ribeiro.

3—1. José Gonçalves de Siqueira, é capitão-mór da Ribeira do Rio Verde: foi casado com D. Anna de Campos Monteiro, irmã de D. Isabel Pires Monteiro. Em titulo

(6) Todos os paragraphos seguintes d'esta irmandade estão escriptos por letra do sargento-môr Manoel Angelo Figueira de Aguiar muito succintamente, a quem consultou o autor, por ser elle filho do § 1º e ter andado com os tios pelo sertão da Bahia; eu accreecento o que sei por outros titulos.

de Campos, cap. 5º § 2º n. 3—8, estando viuva de Ignacio de Oliveira, seu primeiro marido. E teve dois filhos:

4—1. José.

4—2. D. N.

3—2. D. Catharina Perpetua da Fonseca, casou com o capitão de cavallos, natural da Bahia, Belchior dos Reis e Mello, e teve dois filhos, que vivem no Serro do Frio.

3—3. D. Maria........ casou com o sargento-mór Antonio Alves Ferreira, natural de Bastos, e vivem na sua fazenda do Brejo das Almas, sertão da Bahia e tem:

4—1. D. Thereza... casou com José de Abreu Bacellar.

4—2. D. Escholastica, casou com....

4—3. D. Antonia.

4—4. D. Clara.

4—5. Miguel.

4—6. D. Cordula.

3—4. Manoel Affonso Gaia, casou na villa da Caxoeira com Maria do Carmo, sua prima co-irmã: é bom latino, sabe musica, debuxa excellentemente, e existe na dita villa. Deixou geração.

3—5. D. Luzia, filha do capitão-mór Manoel Affonso Gaya: casou com o tenente de cavallos Carlos José Pereira, sobrinho do capitão Belchior dos Reis, do n. 3—2 retro. Tem a sua casa nas Minas Novas do Fanado, e tem dois filhos, varão e femea.

3—6. D. Isabel Maria de Jesus, casou com o alferes José dos Santos Pereira, natural de S. Paulo. Em titulo de Pachecos Jorges, cap..., o qual falleceu em 1771. Existem bastantes filhos no Serro do Frio.

3—7. João Peres Ribeiro, casou com D. Escholastica de Araujo Paes, filha de João Martins da Fonseca. Em titulo de Arrudas, n. 1º cap. 1º § 6º n. 3—2.

§ 3°

2—3. Pedro Nunes de Siqueira, capitão da ordenança no Rio de S. Francisco, em cujo sertão foi casado, e tem numerosa successão.

§ 4°

2—4. Miguel Gonçalves de Siqueira (filho do capitão Manoel Affonso Gaia, cap. 4° pag. 84), nasceu e baptisou-se a 14 de Maio de 1672 na villa de Santos. Teve patente de capitão-mór do sertão e ribeira do Rio Verde, da qual nunca quiz usar, e foi intendente commissario de todo o sertão do districto do Serro-frio, emquanto durou a ultima capitacão, e fazia as cobranças d'ella á sua custa com tanto zelo e desinteresse, que, sem elle pedir, o Exm. conde de Bobadella, Gomes Freire de Andrada e o desembargador intendente dos diamantes lhe mandaram attestações muito honrosas. Estando em Minas-Geraes na sua opulenta lavra de minerar, no Ouro-bueno, no tempo do levante quiz antes deixal-a, e perder tudo quanto n'ella tinha, do que declarar-se parcial de algum dos dois bandos ; e se recolheu para o sertão a fazer companhia a seus pais e irmãos, onde foi abundante de bens, pois possuiu seis fazendas numerosas de gados vacuns e cavallares (bastava uma para um bom patrimonio) e muita escravatura. Foi tão esmoler, e tão favorecedor da pobreza, que sua casa sempre foi frequentada de pobres, os quaes sahiam d'ella bem remediados ; porém com tanta recommendaçãe a estes, e com tanto silencio seu, que nunca se soube a quantia de dinheiro com que os beneficiava, tanta era sua modestia e virtude ! No tempo em que a extracção dos diamantes era livre a cada um, que os quizesse procurar, deu elle a Fr. Hieronimo, missionario

barbadinho, para a fundação do recolhimento das Macaúbas em Minas-Geraes (segundo affirmaram-me), 20 oitavas de diamantes, de cuja grandeza admirado, o dito barbadinho perguntára ao Dr. o Rev. Manoel de Amorim que homem era aquelle, que dava uma tão grande esmola! E d'aqui resultou que o dito Amorim empenhou ao dito missionario, para que fizesse com que o dito Miguel Gonçalves de Siqueira casasse com sua sobrinha D. Leonor Maria de Amorim Pereira, filha do coronel Christovão Pereira de Abreu, com quem com effeito casou, e tiveram filhos. O dito Miguel Gonçalves, carregado de annos e virtudes, falleceu em 1751 na sua fazenda do Resfriado, com signaes de predestinado, e as suas cinzas descansam na capella do Inhay. E tiveram quatro filhos.

3—1. D. Antonia. . . . casou com Antonio Thomaz Corrêa, primo do desembargador Brandão. Deixou geração.

3—2. Bento.

3—3. D. Clara de Amorim Siqueira de Abreu Bezerra, casou com João de Sá Fonseca, homem nobre. Deixou geração.

3—4. João.

§ 5º

2—5. João Gonçalves Figueira, baptisado na villa de Santos a 16 de Maio de 1675, e casou em S. Paulo com... Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3º § 1º n. 3—11. Com sua descendencia.

§ 6º

2—6. D. Catharina de Siqueira e Mendonça.

3—1. D. Luiz de Cerqueira Brandão natural de Santo Antonio da Manga dos Curraes da Bahia.

3—2. Jacob de Araujo.

3—3. Theodoro, foi jesuita no collegio da Bahia.

3—4. N... falleceu no seminario de Belém.

3—5. D...

3—1. Luiz de Cerqueira Brandão, cavalheiro professo da ordem de Christo e capitão-mór da villa de Pitangui, onde casou a 24 de Fevereiro de 1724 com D. Isabel Pires Monteiro, de cujo matrimonio nasceu filha unica a Exma. Sra. D. Caetana Maria Brandão, mulher de Alexandre Luiz de Souza Menezes, o que temos escripto em titulo de Campos, cap. 5° § 2° n. 3—6 a n. 4.

3—2. Jacob de Araujo, foi coronel no Rio de S. Francisco do sertão da Bahia e n'essa cidade casou com...

4—1. A.

§ 7°

2—7. D. Maria das Neves, casou tres vezes, da segunda casou com o coronel João Peixoto Viegas, natural de Vianna, e dos principaes d'aquella villa, terceira vez com Antonio Pompeu.

§

2—8. D. Ignez .. casou com Manoel de Campos Mathias Cardoso de Almeida, aquelle grande heróe de quem tratámos em titulo de Prados, cap. 6° § 3° n. 1—9, e em Campos, cap. 5° § 2° n. 3—9. De cujo matrimonio nasceu filho unico :

3—1. Januario Cardoso de Almeida, que foi mestre de campo no Rio de S. Francisco, senhor do arraial e igreja chamada de Januario Cardoso ; e a construcção da dita igreja é de admiravel architectura, adornada com ricos paramentos, etc., etc., e em dito titulo de Campos, cap. 5° § 2° n. 3—9 ; casou com D... sua prima co-irmã, filha do mestre de campo Athanasio de Cerqueira Brandão do § 6°. E teve.

4—1. Caetano Cardoso de Almeida, coronel do Rio de S. Francisco, casou com D. Ignez de Campos Monteiro. Em titulo de Campos, cap. 5º § 2º n. 3—9. Com sua descendencia de 4 filhos, que são:

5—1. Caetano Cardoso de Almeida.
5—2. Francisco Cardoso de Almeida.
5—3. D. Maria Sancha de Campos.
5—4. José Thomaz.

§ 9º

2—9. N... céga *a nativitate*, e falleceu solteira.

§ 10

2—10. Francisco... baptizou-se em Santos em 1676.

N.º 3º

DE DOMINGOS AFFONSO GAYA

Dsmingos Affonso Gaia (7) estabeleceu-se na villa de Santos, onde casou com Barbara Pires Pancas (irmã do reverendo, padre frei Antonio dos Santos Pancas, carmellta, que foi prior do convento do Carmo da villa de Santos), filho de Gonçalo Pires Pancas, e de sua mulher Maria Gonçalves, os quaes são ascendentes de Alexandre Gusmão, fidalgo da casa real (são conhecidos nas côrtes principaes da Europa em serviços do senhor rei D. João V, quando o mandou a Roma feito seu agente, como saudosamente lembrado na de Lisboa, e appetecido sempre de seus ir-

(7) Foi senhor do sitio do Ribeiro na enseada da praia de S. Lourenço e de outras muitas terras. Serviu os cargos honrosos da republica: muito rico, etc.

mãos e mais parentes, moradores da villa de Santos sua patria), e de seus irmãos o padre Ignacio Rodrigues, jesuita o reverendo padre mestre Dr. João Alves de Gusmão ; e do afamado padre Dr. Bartholomeu Lourenço, por alcunha o Voador, e de outros, que todos foram filhos de D. Maria Alves, que era irmã inteira dos padres jesuitas Paschoal Gomes, Sebastião Alves e Claudio Gomes, os quaes todos eram filhos de Antonio Alves,e de sua mulher Maria Gomes, natural de Santos, filha de João Gomes Villas Boas, natural de Portugal, e de sua mulher Maria Jacome, que era filha ou neta do dito Gonçalo Pires Pancas (8). Foi este o progenitor da nobre familia do seu appellido Pancas na villa de Santos, onde foi juiz ordinario em 1630. Foi muito abastado em cabedaes, e possuia muitas terras nos contornos da villa de Santos. Elle e sua mulher Maria Gonçalves (que falleceu em 1678 em Santos) deram parte das ditas terras aos religiosos capuchinhos para n'ellas fazerem o seu convento, que existe, e depois em 3 de Abril de 1652, querendo os religiosos com seu syndico mais terras para alargarem o convento, fizeram ajuste por escriptura, que se acha no livro do tombo no dito convento, folhas 6 verso, e que foi lavrada a 9 do dito mez e anno, com os herdeiros de Gonçalo Pires Pancas, aos quaes deram em permutação outras terras, que eram menos em espaço. Pelas muitas esmolas que fez o dito Gonçalo Pires Pancas ao convento do Carmo, alcançou na sua igreja jazigo para si, e seus descendentes, onde jaz, e fica junto ao arco da capella-mór, e se diz na mesma igreja uma missa cada mez por sua tenção, e dos seus herdeiros, para o que deixou no seu testamento umas casas de sobrado. Sua mulher dita Maria Gonçalves foi filha de Alvaro Fernandes, e Isabel Gonçalves, os

(8) Falta no original.

quaes foram senhores de toda a terra desde a ponte e rio, que vai de S. Francisco até além do Valongo, no rio chamado Macharico, que coube em dote a duas filhas e dois filhos. Do matrimonio de Domingos Affonso Gaia com Barbara Pires Pancas procederam :

Manoel Affonso Gaia................ cap. 1º
Angelo da Gaia..................... cap. 2º
Maria Gonçalves.................... cap. 3º
Isabel Pires....................... cap. 4º

CAPITULO 1º

1 — 1. Manuel Affonso Gaia, natural da villa de Santos, onde falleceu em 1702 (Obitos, folhas 89), occupou os cargos honrosos da republica, onde foi juiz ordinario em 1646, e outras mais vezes. Foi abastado de bens tanto moveis como de raiz. Foi senhor do sitio chamado Ribeiro na praia de S. Lourenço, que herdou de seus pais, além de muitos chãos e casas proprias na villa de Santos. Casou com Maria Pinto da Rocha, natural da mesma villa, filha de Jorge Toscano Fragoso, natural da capitania do Espirito Santo ; e de sua mulher Isabel Adorno de Sampaio, irmã inteira de Fr. Antonio da Luz, religioso franciscano, natural de Santos. Neta por parte paterna de Jorge Toscano Fragoso e de D. Maria Barbosa (irmã de Domingos Barbosa, capitão que foi na dita capitania do Espirito-Santo), os quaes Fragosos eram n'aquella capitania pessoas nobres. E pela parte materna neta de Gonçalo Vaz Pinto de Sampaio, natural de Penagoia do termo da cidade de Lamego, que falleceu em Santos com testamento a 19 de Agosto de 1680, e de sua mulher Anna Maria Justiniana Adorno, natural de Santos, como se vê do dito testamento de Gonçalo

Vaz Pinto de Sampaio, o qual trouxe instrumento de nobilitate probanda processado em Lamego a 10 de Julho de 1629, cujo original conserva em seu poder seu ter-neto o Revd. Fr. Antonio França, carmelita, morador na villa de Santos no seu convento, a quem temos ponderado que por utilidade de sua familia faça registrar o dito instrumento na camara da villa de Santos (* Diz uma nota á margem, da letra do dito religioso, que está registrado no liv. 6.º do reg. fl. 118 e seguintes da camara de Santos.) Pelo dito Gonçalo Vaz Pinto de Sampaio é sua filha Isabel Adorno de Sampaio, neta de Francisco Pinto e bisneta de Gonçalo Ribeiro, morador na villa de S. Martinho de Macros, onde foi d'aquella governança tratado com armas e criados á lei da sua nobreza, e terneta de Diogo Pires de Miranda, cavalleiro fidalgo da casa real, como tudo consta do dito instrumento. O dito avô Francisco Pinto foi casado com Paula Pinto de Sampaio, irmã de Fr. Luiz Pinto, professo da ordem de Christo, e por ella foi Isabel Adorno de Sampaio bisneta de Ruy de Sampaio Pinto, homem fidalgo, morador que foi na villa de Mesamfrio, e alli vereador, juiz ordinario e provedor da Santa Casa de Misericordia, e terneta de Gastão Pinto, homem fidalgo descendente dos Pintos de Baiam; tudo assim consta do instrumento referido, dado e passado a Gonçalo Vaz Pinto de Sampaio, que casou em Santos com Anna Maria Justiniana Adorno, a qual foi filha legitima de Francisco Nunes Cubas, e de sua mulher Isabel Justiniana Adorno, natural de Santos, a qual foi filha de Manoel Fernandes (9) e Maria Adorno, e esta filha de Raphael Adorno, irmão de José Adorno, nobres genovezes, e dos primeiros povoadores na

(9) * Deu trabalho grande ao autor para refutar em parte o que escreveu o Rev. Fr. Antonio da Penha de França, cansa em ver o que seguiu o autor, que as vezes parece que se contradiz ou fica indeciso.

villa de Santos, o qual José Adorno foi senhor do engenho de assucar com vocação S. João, que em 1567 tinha por seus lavradores partidistas a Antonio Nunes, Jacome Lopes, Francisco Annes, e Christovão Diniz (Prov. da faz. real. liv.1.º de reg. tit. 1567,pag. e pag.),e tambem foi o que fundou na villa de Santos a capella de Nossa Senhora da Graça, que por escriptura fez d'ella doação aos reverendos carmelitas da dita villa, com as terras e escravos do patrimonio da dita capella. O padre Vasconcellos na *Chronica da Companhia do Brazil* diz que foram quatro os irmãos Adornos, José, Raphael, Francisco e Paulo Dias, todos com appellido de Adornos, e na pag. 41, n. 41 diz que Paulo Dias Adorno, fidalgo genovez, casára na Bahia com uma filha de Diogo Alves, e Oatharina Alves, em tempo que Martim Affonso de Sousa ia para a India, e arribára á Bahia, e que o dito Adorno fôra da villa de S. Vicente para aquella cidade por causa de um homicidio. N'elle teve principio a casa da Torre da Bahia, de onde hoje ha grande fidalguia, etc. E de José Adorno o livro *Vida do padre José de Anchieta*, com o caracter de Cavalleiro de Genova, talvez porque n'aquella republica têm sido os d'esta familia de Adornos os que subiram ao superior governo ; assim como os da familia de Fragosos e Orias, como mostram as historias d'aquella republica.

Do matrimonio de Manoel Affonso Gaya e Maria Pinto da Rocha nasceram em Santos oito filhos :

2—1. Isabel Adorno................ § 1.º
2—2. Domingos Affonso Gaia........ § 2.º
2—3. Martha Pinto Rocha.......... § 3.º
2—4. Antonio Affonso Gaia........ § 4.º
2—5. O capitão Gonçalo Pinto Vaz... § 5.º
2—6. Anna Pinto da Rocha......... § 6.º
2—7. Archangela Pinto da Rocha... § 7.º
2—8. Francisca Pinto da Rocha..... § 8.º

§ 1°

2—1. Isabel Adorno, casou duas vezes, primeira com Manoel Jorge Ribeiro, natural de Parnagoá (filho do capitão Manoel Ribeiro), que foi abastado de bens com terras, e sitio na ilha de Santo Amaro de mar a mar, que lhe deixou no seu testamento Isabel Adorno de S. Paio por casar com sua neta Isabel Adorno, e d'este matrimonio procedeu 3.—4: o reverendo padre Frei Lopo Ribeiro da Conceição, religioso carmelita. Segunda vez casou com Manoel Gomes Vianna.

§ 2°

2—2. Domingos Affonso Gaya, natural da villa de Santos, que falleceu em 1770 a 11 de Abril com 93 annos e testamento. Foi abastado de bens e escravatura. Foi juiz ordinario muitas vezes na villa de S. Sebastião, e casou com Veronica Pires Bitancur, natural da dita villa, descendentes da nobre familia dos Bitancures das Ilhas: E teve:

3—1. Manoel Affonso Gaya, natural da villa de S. Sebastião, que casou com Liberata Paes de Amaral, filha de Antonio de Amaral, e de Maria de Escolcia.

3—2. Domingos Affonso Gaya. Foi juiz ordinario da villa de S. Sebastião e falleceu solteiro.

3—3. Antonio Pinto Gaya, casou com Maria Ribeiro, filha legitima de Antonio Ribeiro de Escovar, e de... E teve uma filha, que existe solteira em S. Sebastião, Margarida Pinto de Gaya.

3—4. Archangela da Motta, falleceu solteira.

3—5. José da Rocha, falleceu solteiro sendo soldado.

3—6. Francisco Xavier da Motta, casado com Maria Pe-

droso, filha de Jordão Homem Pedroso, e de Anna Pedroso, todos naturaes de S. Sebastião.

§ 3º

2—3. Martha Pinto da Rocha, casou com José de Sousa e Siqueira, natural do Rio de Janeiro, e tiveram tres filhos: primeiro o reverendo padre Frei Ignacio de Santa Theresa, religioso carmelita, que ainda existe, segundo Antonio Pinto de Sousa, que falleceu solteiro, terceiro Leonor de Sousa e Siqueira, que existe solteira.

§ 4º

2—4. Antonio Affonso Gaya, que casou com Clara Pinto da Rocha, e tiveram :

3—1. Maria Pinto.

3—2. Isabel Pinto, casou com Manoel da Costa Meira, natural de Portugal, senhor da fazenda do Camapoan no caminho de Cuyabá.

3—3. Brisida Pinto, casou com Diogo Peixoto, natural de Portugal e socio do dito Meira na mesma fazenda de Camapoan.

3—4. Valerio Pinto, solteiro, que tambem foi povoar as minas de Cuyabá.

§ 5º

2—5. O capitão Gonçalo Vaz Pinto, falleceu solteiro. Foi senhor do sitio chamado Ribeiro na Praia de S. Lourenço, e de muitas extensas terras (na mesma praia), cujos fundos até a serra excedem de duas leguas, além de outras que tinha na villa de Santos, onde falleceu com testamento em 1769, e jaz na mesma sepultura hereditaria

de seu bisavô Gonçalo Pires Pancas. Foi capitão de infantaria dos moradores da Bertioga até a sua morte.

§ 6°

2—6. Archangela Pinto da Rocha, natural da villa de Santos, que casou com Miguel Gonçalves Martins, natural de S. Sebastião, filho legitimo de Diogo Gonçalves, natural da villa de Santos, e de Violante Barbosa, natural da Bahia, a qual era prima co-irmã do vigario collado de S. Sebastião, José da Silva de Moraes. E o dito Miguel Gonçalves Martins foi juiz ordinario muitas vezes, e nobre republicano, bem afazendado na sua fazenda de Panamehûma, com muita escravatura. E teve:

3—1. Miguel Gonçalves Martins, natural da villa de S. Sebastião, de cuja republica serviu os honrosos cargos, foi bem afazendado, e casou com Josepha Nunes de Freitas, filha do capitão José Nunes da Fonseca e de Rosa Pires da Motta, naturaes de S. Sebastião. E tiveram cinco filhos, os quaes são menores, José Marcellino da Fonseca, Archangelo Pires da Motta, Anna Pires da Motta, Maria Nunes de Freitas e Rosa Pires da Motta.

3—2. Maria Pinto, casada com o alferes de auxiliares Bento Luiz Pereira, filho legitimo do capitão Luiz Nunes de Freitas, e de Maria Gomes, que foi,e é dos da governança, tendo servido muitas vezes de juiz, vereador e procurador do conselho. Neto por parte paterna do capitão Miguel Gonçalves da Fonseca, e de Maria Nunes de Freitas ; e por parte materna neto do sargento-mór Antonio Gomes Pereira e de Maria de Abreu ; o qual Antonio Gomes Pereira, foi irmão inteiro dos Revs. Diogo Luiz Pereira, primeiro vigario collado que houve na villa de Taubaté,e Manoel Gomes Marzagam,tambem o pri-

meiro vigario collado que houve na villa de S. Sebastião, o qual fundou uma capella de Nossa Senhora da Ajuda da parte da Ilha, que ainda existe com grande culto divino, e lhe fez avultado patrimonio de tresentas braças de terras, escravaturas, ornamentos, imagens, etc. Do matrimonio, pois, de Maria Pinto com o alferes Bento Luiz Pereira nasceram cinco filhos naturaes de S. Sebastião: Antonio Luiz Pereira de S. Paio, Miguel Pinto de S. Paio, Anna Maria Justiniana Adorno, Manoel Pinto da Fonseca e Maria Eufrasia Pereira, todos menores em 1770.

§ 7º

2—7. Anna Pinto da Rocha, foi casada com Gregorio Furtado de Siqueira, e já é fallecido.

§ 8º

2—8. Francisca Pinto da Rocha, falleceu em 29 de Maio de 1753 com 53 annos de idade, e jaz na capella-mór da igreja do Carmo da villa de Santos. Casou com René Le Roux, natural do reino de França, bispado de Angé, como consta das inquirições de genere, que existem na camara de S. Paulo na lingua latina, que se tiraram n'aquelle bispado por parte dos filhos do dito René Le Roux, cirurgião approvado, que se tratou bem na villa de Santos, e onde possuiu casas e fazendas, que são tres, e mais terras, etc. (* O filho que escreveu n. 3—1 se estende mais). E teve nascidos na villa de Santos 13 filhos:

3—1. O padre frei Antonio da Penha de França, religioso carmelita da provincia do Rio de Janeiro, nasceu a 4 de Setembro de 1719. (* Falleceu na villa de Itú em fins de 1792, estando presidente d'aquelle convento).

3—2. Margarida Pinto do Nascimento, solteira.

3—3. Maria Theresa de Jesus França, casou com Simão de Siqueira Gayno, natural da villa de Santos, filho de Claudio Gayno, francez de nação, e de sua mulher Isabel de Siqueira, irmã inteira do Rev. Fr. Luiz Vareiro, religioso carmelita, que foi prior na capitania do Espirito-Santo, naturaes de Santos, e filhos de Manoel Dias Vareiro (irmão das tres que foram de casa mudada para a capitania do Espirito-Santo, Isabel de Siqueira, solteira, Leonor de Siqueira, solteira, e Catharina de Siqueira, que casou com Manoel da Silva de Vasconcellos, escrivão proprietario de tabellião do publico judicial e notas de Santos, por mercê do donatario marquez de Cascaes), e de sua mulher Maria de Oliveira, filha de Antonio Furtado, e de sua mulher Domingas de Oliveira, irmã inteira do muito Rev. Fr. Angelo.... religioso carmelita, que foi prior muitas vezes, e falleceu no convento de Mogy das Cruzes com 100 annos de idade.

Foi irmão de Siqueira Gayno, nobre republicano da villa de Santos, onde serviu de vereador mais velho muitas vezes, fazendo as vezes dos juizes de fóra, todas as vezes que faltavam estes, e tratou-se sempre á lei da nobreza. E teve do seu matrimonio oito filhos: José Xavier Pinto de Siqueira, Francisco Pinto Adorno e França, Anna Maria Pinto de Siqueira, Antonio Cubas Adorno de Siqueira, Francisca Pinto de Siqueira, Maria Gertrudes Pinto, Joaquim Gayno de S. Paio –Thomaz Pinto de S. Paio Gayno, todos naturaes de Santos.

3—4. O padre Fr. José Rodrigues do Rosario França, religioso carmelita.

3—5. Manoel Rodrigues Adorno França, existe solteiro: tem occupado os cargos honrosos da republica, etc.

3—6. Francisca Maria Pinto de França, solteira.

3—7. O padre Francisco Xavier Pinto Adorno França, presbytero secular, foi coadjuctor no arraial de Nossa Senhora do Pilar nas minas de Goyazes (esteve em Lisboa em 1781), baptizado a 12 de Fevereiro de 1730.

3—8. O padre João Rodrigues França, presbytero secular, que foi o primeiro capellão ou vigario do collegio dos jesuitas depois da expulsão geral d'elles da villa de Santos, com 120$ de congrua annual, e é hoje coadjuctor da matriz da dita villa, sua patria.

3—9. Anna Maria Justiniana Adorno e França, solteira.

3—10. Luiza Leonor Pinto de S. Paio, solteira.

3—11. Thomaz José Pinto Adorno França, que existe solteiro, e foi o primeiro provedor commissario do registro das minas do Desemboque, e sempre se tratou á lei da nobreza, tendo antes exercitado os pateos classicos.

3—12. Gertrudes do Sacramento França, falleceu na villa de S. João d'El-Rei, e jaz na capella dos terceiros do Carmo, de onde era ella terceira. Casou com João Francisco Ravim, do reino de França, e tiveram tres filhos: Ignacio Alexandre Pinto de S. Paio, natural de Santos, Francisca Emilia Pinto Ravim, natural de S. Paulo, João Francisco Pinto Ribeiro, natural de S. João d'El-Rei.

3—13. Catharina Justiniano Adorno e França, solteira, baptizada a 14 de Maio de 1741.

CAPITULO 2º

1—2. Angela da Gaya (filha de Domingos Affonso Gaya do n. 3º), natural da villa de Santos, casou com Manoel da Motta (dos Mottas de S. Vicente, gente muito nobre e distincta, e dizem que forada), que estabeleceu-se em S. Sebastião, e n'esta villa foi dos primeiros em tudo, com respeito,

cabedaes, fazenda postos, e cargos da republica. E teve seis filhos.

2—1. Barbara Moreira............ § 1°
2—2. Sebastião da Motta.......... § 2°
2—3. João da Motta............... § 3°
2—4. Antonio da Motta........... § 4°
2—5. Maria Moreira............... § 5°
2—6. Veronica da Gaya Moreira..... § 6°

§ 1°

2—1. Barbara Moreira, casou com o sargento-mór Manoel Gomes Marzagão, o qual foi o homem de maior respeito d'aquella terra, e o que a governava, muito rico, com fazendas, escravaturas, etc. E teve cinco filhos:

3—1. Thomé Gomes Marzagão, solteiro. Foi juiz ordinario, muitas vezes, falleceu em Goyazes.

3—2. O capitão Duarte Gomes Marzagão, falleceu solteiro em S. Sebastião.

3—3. Maria Gomes Moreira, casada com o coronel Manoel Alves de Moraes, natural de S. Paulo.

3—4. Rosa Gomes Moreira, casada com Pedro Dias Raposo, natural de S. Sebastião.

3—5. O capitão Domingos Gomes Marzagão, casou duas vezes, primeira com Francisca Leite, filha de Diogo de Escovar Ortiz, e de Catharina Nunes de Freitas; e segunda com F... filha de João de Oliveira Basto.

§ 2° e 3°

2—2. Sebastião da Motta. Foi de muito respeito e do governo da republica, casou com Isabel Corrêa, sem geração.

2—3. João da Motta, casou com Maria Corrêa, e foi do governo da republica. E teve:

3—1. Diogo Corrêa. Foi juiz ordinario tres vezes: bem afazendado, e casou com Ignez de Andrade sobrinha direita do mestre de campo João Ayres de Aguirre, natural do Rio de Janeiro, que por sua morte deixou á dita sobrinha parte dos seus cabedaes ; e tambem era ella da familia do capitão Martinho de Oliveira Leitão.

3—2. Anna da Gaya, casada com João da Silva Torres, natural de S. Sebastião, que foi juiz ordinario, etc.

3—3. Veronica da Gaya, casada com Estanisláo Rodrigues, natural do Rio de Janeiro.

3—4. O alferes João Corrêa, casado com Maria Manoel, filha de Amaro Alves da Cruz, e de Maria Nunes Moreira.

3—5. Maria Corrêa, casada com Lucas Dias Sobral, natural da villa de Itanhaen.

3—6. Sebastião da Motta, solteiro.

§ 4°

2—4. Antonio da Motta, casou com Anna de Sousa, natural de Santos. Tiveram os filhos seguintes:

3—1. D. Joanna da Motta, casou com o capitão de infantaria paga Fernando Leite Guimarães, bem afazendado com engenho de assucar, que este anno de 1770 fez 17 caixas d'elle, com muita escravatura na ilha de Santo Amaro de Guaibé, no seu sitio chamado Mundûba, etc.

3—2. Francisco da Motta, falleceu solteiro.

3—3. Manoel da Motta.

3—4. Bento da Motta.

3—5. Ursula da Motta, foi casada com Sebastião Dias, natural de S. Vicente.

3—6. Helena da Motta, falleceu solteira.

3—7. Maria da Motta, casada com Manoel Filippe, natural de Portugal.

§ 5º

2—5. Maria Moreira, casou com Bernardo de Goes, natural de Portugal, que foi juiz ordinario n'aquella villa de S. Sebastião 17 vezes. E teve sete filhos:

3—1. Manoel de Goes, falleceu solteiro.

3—2. Sebastião de Goes, casado com Maria Corrêa, filha do capitão Luiz Nunes de Freitas, natural de S. Sebastião, e de sua mulher Maria Gomes. E teve cinco filhos: Luiz Nunes, casado, Manoel Nunes, casado, Maria Eufrazia Moreira, solteira, Rosa Maria de Aguirre, casada, e Carlos Nunes, casado em Ubatuba.

3—3. Simão Ayres de Aguirre, casado com Maria de Abreu Pedroso.

3—4. Theresa de Goes, que falleceu com testamento, em Novembro de 1770, e foi casada com o sargento-mór Manoel João Marins.

3—5. João de Goes, casado com Theresa de tal.

3—6. Bernardo de Goes, casado com Anna Coelho da Luz, natural da Conceição de Itanhaen.

3—7. Bartholomêo de Goes, casado com Brisida Ribeiro, natural de S. Sebastião,

§ 6º e ultimo

2—6. Veronica da Gaya, casada com Antonio de Faria Sodré, natural de S. Sebastião. E teve:

3—1. João de Faria Sodré, casado duas vezes, primeira com Catharina Mendes das Neves, e segunda com Anna Moreira.

3—2. Maria da Gaya, falleceu solteira.

3—3. Angela da Gaya Moreira, casada com Antonio Corrêa Marzagão.

3—4. Miguel de Faria, casado com Catharina de tal.

3—5. Catharina da Gaya, falleceu de menor idade.

3—6. Leonardo de Faria Sodré, casado com Maria Josepha da Conceição, filha de Antonio Homem Coutinho e de Domingas de Freitas Ramos.

3—7. Ignez de Oliveira Ortiz, falleceu, e foi casada com o alferes Manoel Dias Cardoso.

3—8. Barbara Moreira, e 3—9. Manoel, de idade de um mez, falleceram.

São tantos os descendentes de Angela da Gaya, e Manoel da Motta na villa de S. Sebastião, que seria enfadonho, e difficil pôr todos os seus bisnetos, e ternetos; já na dita villa não se casa alguem sem dispensa, porque todos estão aparentados com Gayas e Mottas.

CAPITULO 3º

1—3. Maria Gonçalves (filha de Domingos Affonso Gaya do n. 3º), natural da villa de Santos. Casou com Antonio de S. Paio, natural de Portugal, o qual logrou grande estimação e respeito; occupou os cargos da republica, e foi abundante de cabedaes, e senhor do sitio da Enseada na praia da Bertioga. Deixou um morrete (* Não sei o que é) no canto da dita enseada para a parte da praia de S. Lourenço, para patrimonio de uma capella, que se havia de fazer a Nossa Senhora da Conceição. E teve:

2—1. João Thomé Adorno de S. Paio...... § 1º
2—2. Miguel de S. Paio.................. § 2º
2—3. Domingas de S. Paio................ § 3º
2—4. Diogo Adorno...................... § 4º
2—5. Anna de S. Paio................... § 5º

§ 1º

2—1. João Thomé Adorno de S. Paio, natural de Santos, casou duas vezes: primeira com Maria da Silva, e da segunda vez com Theresa de Oliveira, filha de Antonio Furtado, e de sua mulher Domingas de Oliveira. Foi homem nobre dos do governo da republica, senhor de muita escravatura, terras, casas de sobrado, e do sitio das Canaveiras na praia da Bertioga. E teve do primeiro matrimonio:

3—1. Diogo Adorno de S. Paio, casou na villa de Mogy, com geração.

3—2. Helena da Silva, falleceu sem descendencia.

3—3. Frei Sebastião dos Anjos, falleceu religioso de Nossa Senhora do Carmo.

3—4. Joanna da Silva, casada com João Rosado, natural de S. Sebastião.

E do segundo matrimonio teve tres filhos:

3—5. Gregorio Adorno de S. Paio, natural de Sanos, falleceu solteiro.

3—6. Catharina Ribeiro de Sene, casada com Thomaz Rosado, natural de S. Sebastião.

3—7. Eufrazia de Oliveira, falleceu solteira.

§ 2º

2—2. Miguel de S. Paio, casou duas vezes: primeira na villa de Mogy, com Maria Pedroso, filha de Antonio Pedroso de Alvarenga, e de Maria do Rosario: segunda vez casou com Isabel Ribeiro, natural de Santos, filha de Antonio Furtado, e de sua mulher Domingas de Oliveira, sem geração. E teve do primeiro matrimonio filha unica, que existe. Foi dito Domingos Miguel de S. Paio abastado de

bens, escravos,terras, casas, e senhor do sitio da Enseada, praia da Bertioga, que herdou dos seus pais. Foi do governo da republica, e logrou grande respeito. Falleceu com testamento e jaz na capella dos terceiros do Carmo. A filha é :

3—Anna Pedroso de Alvarenga, que casou com João Martins, filho de Portugal e senhor do sitio da Enseada, que herdaram do dito Miguel de S. Paio. E tiveram varios filhos, que são : José Martins, falleceu. Miguel de S. Paio, João Ribeiro, Antonio Pedroso.

§ 3º

2—3. Domingas de Sampaio, casou com Manoel Gonçalves Leça,e não sei (*Diz Fr. Antonio da Penha de França) se este Leça foi natural de Portugal, ou da Conceição de Itanhaen, já filho de outro F... Leça : sim sei, que foi de muita estimação, bem afazendado e de respeito, etc. E teve tres filhos :

3—1. Rosa Maria, casada com o alferes de infantaria Manoel Gonçalves Sardinha, filho de Portugal, e entre muitos filhos teve um, que foi o padre Fr. Thomaz Gonçalves, religioso carmelita : e outra filha mais, que casou com Damião da Costa, de quem é filho o padre Fr. João Marianno, religioso carmelita.

3—2. Francisca de S. Paio, casou com Manoel Alves Pedroso.

3—3. Angelo Gonçalves Leça, casou com Lourença da Silva, natural de S. Vicente, filha de Alexandre da Silva, sem geração.

§ 4º

2—4. Diogo Adorno, estabeleceu-se na villa de Mogy das Cruzes, e não se sabe se deixou descendencia, só sim

que em 1705 José Adorno e João Baptista Adorno fizeram preparação para se trasladarem as sesmarias, e titulos de terras concedidas a Raphael Adorno, genovez nobre, etc., e como este Diogo Adorno, com os seus irmãos dos §§ supra e infra, são descendentes do dito Raphael Adorno, de quem se trata no cap. 1° d'este n. 3°, provavelmente serão José Adorno, e João Baptista Adorno, descendentes e herdeiros do dito José Adorno, porque aquelles eram de Mogy, etc.

§ 5°

2—5. Anna de S. Paio, falleceu solteira.

CAPITULO 4°

1—4. Isabel Pires, natural de Santos (filha do n. 3°), casou com João Alves, natural de Portugal, o qual teve muita estimação, bens, e foi do governo da republica, com casas em Santos e fazenda na praia de Bertioga. E teve:

2—1. Eusebio Alves Gaya, natural da villa de Santos, casou com Francisca de Aguiar, filha de Custodio Leitão, e de sua mulher Anna de Aguiar. E tiveram unico filho 3—1. Gabriel Alves Gaya, que casou com Brizida Colassa de Menezes, filha de Dionisio da Costa, e de sua mulher Maria Vilella de Menezes, sem geração, e todos falleceram.

2—2. João Alves, estabeleceu-se em Parnaguá, onde casou.

2—3. Domingos Alves, natural de Santos, falleceu solteiro.

N.° 4°

DE PASCHOAL AFFONSO

Paschoal Affonso fez estabelecimento na villa de Santos, onde teve sempre as redeas do governo civil da republica como pessoa de muita autoridade, veneração e respeito. Pelos annos de 1656 em 2 de Outubro tomou posse, e fez juramento de preito e homenagem de sargento-mór da capitania de S. Vicente nas mãos do capitão-mór governador da dita capitania Manoel de Quebedo e Vasconcellos; e foi provido n'este posto por ausencia do sargento-mór proprietario, Francisco Garcez Barreto, para o Rio de Janeiro, que era sogro d'este Paschoal Affonso. (Cart. da Prov. da Faz. R. liv. de Reg., capa de Olandilha, tit. 1637 pag. 113), e casando com D. Maria Garcez Barreto, levou em dote o officio de propriedade de provedor da real casa da fundição dos quintos do ouro da mesma capitania, e casando sua filha D. Helena Garcez com Manoel Rodrigues de Oliveira, ficou este sendo provedor da real fundição por carta de propriedade datada em Lisboa a 23 de Fevereiro de 1673 (Arch. da cam. de S. Paulo, liv. de Reg. tit. 1675 pag. 17). O lugar de provedor com 400 cruzados por anno de ordenado occupou o dito Paschoal Affonso mais de 20 annos até fallecer em Santos em 1672 (Obitos fl. 30), e lhe succedeu no mesmo officio de propriedade seu genro Manoel Rodrigues de Oliveira em 1673, como fica referido. Foi D. Maria Garcez Barreto mulher do provedor Paschoal Affonso filha de Francisco Garcez Barreto, a quem o Sr. Rei D. João IV fez mercê de propriedade do posto de sargento-mór da capitania de S. Vicente com 80$000 de soldo por anno: e n'esta carta patente diz o mesmo senhor o seguinte: « Tendo consideração aos serviços a que Fran-

cisco Garcez Barreto, natural da villa de Almeida (filho de Manoel Garcez Barreto), tem feito nas guerras do Brasil por espaço de 13 annos, desde o de 1630, até o de 1643 em praça de soldado, capitão e sargento-mór, e com sua pessoa, e escravos se achar nas baterias, que o inimigo deu por vezes na ilha de Itamaracá, dispendendo muito da sua fazenda na defensão d'aquella praça, largando tudo o mais, que no districto d'ella possuia, quando se retirou com sua mulher e quatro filhas donzellas para o arraial de Pernambuco; e nas brigas, que depois houve na Parahyba, Porto Calvo, sitio da cidade do Salvador de Todos os Santos da Bahia, posto pelo conde de Nassáu em 1638, proceder como bom soldado, e na mesma fórma haver-se ultimamente na disposição das cousas da milicia, e fortificações da companhia de S. Vicente, servindo de sargento-mór d'ella provido pelo marquez de Montalvão em o dito posto: hei por bem de lhe fazer mercê de propriedade do cargo de sargento-mór da mesma capitania de S. Vicente, etc. E tomou posse na camara capital d'esta villa em 13 de Dezembro de 1644 pelo capitão-mór governador e alcaide-mór da dita capitania, Francisco da Fonseca Falcão (Cart. da Prov. da Faz., liv. de Reg. tit. 1637 pag. 40. Arch. da camara da cidade de S. Paulo, liv. de Reg. n. 2° tit. 1642 pag. 44).

Quando o conde de Castello Novo, o marquez de Montalvão D. Jorge Mascarenhas proveu ao dito Garcez em sargento-mór da capitania de S. Vicente por patente datada na Bahia a 22 de Novembro de 1640, e pela qual tomou posse no 1° de Fevereiro de 1641, lhe relata os serviços feitos em Pernambuco, em Itamaracá e em Parahyba, que vêm a ser os mesmos já referidos acima (10). Estando

(10) Cartorio da provedoria da fazenda, livro de registro, tit. 1641 pag. 26 v.

servindo de sargento-mór, veiu a Santos Salvador Corrêa de Sá e Benavides, e confirmando-o no mesmo posto que occupava pela patente do marquez de Montalvão lhe relata os serviços com maior individuação *ibi.* « Na capitania de Itamaracá,quando o inimigo hollandez a intentou tomar com armada de 14 náos e 23 lanchas, em Abril de 1631, onde procedeu muito honradamente por espaço de um mez, que durou o cerco,mettendo soccorros e mantimentos n'ella para remedio da infantaria : e quando o inimigo entrou pela barra do Catuhama com dois patachos e sete lanchas, trabalhou e assistiu em uma plataforma, que fez para jogar a artilheria, que obrigou ao inimigo a retirar-se com muito damno : assistiu e pelejou na bateria real feita ao forte,que o hollandez tinha na entrada da barra. Achou-se outra vez na dita capitania quando a ella veiu o inimigo com 10 náos e 14 lanchas em 3 de Fevereiro de 1632, onde se houve com conhecido valor. Este mostrou tambem no grande assalto, que de noite deu o inimigo terceira vez contra aquella praça, lançando em terra 2,500 homens de guerra, não havendo na praça mais de 60 pessoas, entre as quaes foi o dito sargento-mór, que então retirou sua casa com quatro filhas donzellas para a Parahyba, onde se achava, quando a ella foi o inimigo a render essa cidade com 4,000 homens em 4 de Dezembro de 1634, servindo o cargo de ajudante, em que procedeu com muito valor ; e então lhe matou o inimigo na fortaleza a seu sobrinho Antonio Telles Barreto. Achou-se tambem no Porto Calvo ; depois se achou na cidade da Bahia do Salvador, quando o conde de Nassáu a sitiou, e então occupou o posto de capitão de infantaria do 3° de Portugal, em que se portou com valor ; e perdeu o inimigo n'esses assaltos acima de 2,000 homens. Achou-se segunda vez na mesma cidade quando a ella voltou o inimigo com

grossa armada, etc. — Dada no porto da villa de Santos a 16 de Setembro de 1642.

Da Bahia veiu o sargento-mór Francisco Garcez Barreto para a villa de Santos (no estado de viuvo), com quatro filhas donzellas, nos fins do mez de Janeiro de 1641, e tomou posse do emprego de sargento-mór da capitania de S. Vicente em que vinha provido pelo dito marquez de Montalvão: fez o seu estabelecimento na villa de Santos. O Sr. rei D. João IV lhe fez mercê do lugar de provedor da casa da fundição dos reaes quintos do ouro da capitania de S. Paulo, com alvará de poder com este officio dotar a uma de suas quatro filhas, no anno de 1645 (Arch. da Camara de S. Paulo, liv. de Reg. n. 2° tit. 1642 pag. 58 e 60); e n'este mesmo anno em 2 de Abril se estabeleceu em S. Paulo a real casa de fundição pelos administradores geraes das minas da capitania de S. Vicente e S. Paulo, Salvador Corrêa de Sá e Benavides, e seu tio Duarte Corrêa Vasques Annes, aos quaes creou administradores geraes das Minas o Sr. rei D. João IV, com instrucção que lhes deu para observarem n'esta administração, datada em Lisboa a 7 de Junho de 1644. (Arch. da Cam. de S. Paulo, L. de Reg. n. 2° tit. 1642 pag. 50 v.) Em 1650 foi o sargento-mór Francisco Garcez Barreto provido em provedor dos defuntos e ausentes, capellas e residuos da capitania de S. Vicente, de que tomou posse a 15 de Agosto do mesmo anno. (Arch. da Cam. de S. Paulo, L. de Reg. n. 3°, tit. 1648, pag. 24 v.) Era morador da cidade do Porto Francisco Garcez Barreto, e cidadão d'aquella camara e casado na dita cidade com D. Martha da Fonseca, com a qual, e quatro filhos se passou para a capitania de Itamaracá em Pernambuco, e sua mulher falleceu na Bahia. Entre as suas quatro filhas que donzellas chegaram a Santos, foi D. Maria Garcez Barreto, que casou com Pas-

choal Affonso, que levou em dote o officio de provedor da real casa da fundição dos quintos de S. Paulo, como fica referido.

Do matrimonio do provedor Paschoal Affonso nasceram dois filhos :

D. Helena Garcez.... cap. 1°
D. Clara Garcez ..... cap, 2°

CAPITULO 1°

1—1 D. Helena Garcez, falleceu em Santos a 20 de Dezembro de 1702, com testamento, declarando n'elle ser natural da villa de Santos, filha de Paschoal Affonso, provedor da casa da fundição, e de sua mulher D. Maria Garcez, que fôra casada primeira vez com o capitão Bartholomêo Rodrigues de Aguiar e segunda vez com Manoel Rodrigues de Oliveira, provedor da casa da fundição dos reaes quintos, de quem tivéra dois filhos, que ambos falleceram solteiros (um foi Paulo Rodrigues de Oliveira, que falleceu em 1700) ; e que do seu primeiro matrimonio tivéra filha unica D. Sebastiana Rodrigues de Aguiar, mulher do capitão Antonio da Rocha do Canto (Cartorio da ouvidoria de S. Paulo, maço dos residuos, testamento de D. Helena Garcez, letra E).

§ unico

2.— D. Sebastiana Rodrigues de Aguiar, casou em Santos com o capitão Antonio da Rocha do Canto (irmão de Hieronimo da Rocha do Canto, que falleceu solteiro em Santos a 3 de Dezembro de 1696), como se vê do seu testamento no residuo da ouvidoria de S. Paulo, letra I), natural da freguezia de S. Bartholomêo de S. Gans, con-

selho de Monte-Longo da comarca de Guimarães, arcebispado de Braga, filho de João Lopes de Oliveira, e de sua mulher Maria da Rocha do Canto. E teve nascidos e baptizados em Santos tres filhos:

3—1. Frei João da Rocha, que existe ainda em 1769, carmelita da provincia do Rio de Janeiro, e d'ella tem sido definidor, e occupado os lugares de prior e visitador, e está apresentado no convento de Santos sua patria, com 77 annos de idade.

3—2. Frei Miguel da Rocha, carmelita, que, estando morando no convento da villa de Santos, n'elle falleceu a 26 de Julho de 1761. Era definidor actual da sua provincia do Rio de Janeiro, padre presentado, e tinha occupado o lugar de prior nos conventos da ilha Grande e da villa de Santos, e foi visitador commissario do provincial, etc.

3—3. José da Rocha, falleceu solteiro em Santos.

CAPITULO 2º

1—2. D. Clara Garcez, falleceu em Santos em 1667, estando casada com José Nunes Figueira, e consta do assento do livro dos obitos da matriz de Santos á folhas 23, que dita D. Clara Garcez fôra filha do provedor Paschoal Affonso.

(Continúa.)

O CONSELHEIRO DR. CLAUDIO LUIZ DA COSTA

ESBOÇO BIOGRAPHICO

Lido no Instituto Historico e Geographico Brasileiro em sessão de 5 de Maio de 1871

PELO

CONEGO DR. JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO

Socio effectivo do mesmo Instituto

Pertransivit benefaciendo.

Ligado pelos estreitos vinculos de intima amizade e espiritual parentesco ao preclaro varão cujo nome honrou nossos diptycos, testemunha ocular de suas raras virtudes e legatario de seus manuscriptos e documentos publicos e privados, contrahi para com sua desolada familia o solemne compromisso d'esboçar-lhe, a largos traços, a vida tão replecta de serviços. A' mais amestrada penna devêra caber tão difficil tarefa ; e nem duvido que alguma melhor do que a minha o faça : cumprindo porém a empenhada palavra, rendo preito á saudosa memoria do amigo ; e, contando com a proverbial indulgencia do Instituto, animo-me a fazer-lhe homenagem d'este mesquinho trabalho.

Claudio Luiz da Costa, filho legitimo do sargento-mór João Luiz Ignacio da Costa e de sua mulher D. Maria Joaquina de Bittencourt, nasceu na cidade do Desterro, capital da provincia de Santa Catharina, aos 26 de Setembro de 1798. Havendo feito em seu paiz natal os estudos preparatorios, dirigiu-se á côrte do Rio de Janeiro e matriculou-se na escola medico-cirurgica no anno de 1814. Era então o curso de tres annos, e em todos elles obteve plenas approvações, como constam pelo diploma que lhe foi ex-

pedido, em nome de el-rei D. João VI, em data de 17 de abril de 1817. Firmou esse diploma o mui respeitavel conselheiro Dr. José Corrêa Picanço, cirurgião mór do reino unido.

Frequentava Claudio o segundo anno academico quando desejando adquirir maior somma de conhecimentos da nobre profissão a que se destinava, entrou como pensionista para o hospital da Santa Casa da Misericordia, então dirigido pelo habil operador Joaquim da Rocha Mazarem. Conservando-se ahi até a época da sua formatura, mereceu sempre os maiores encomios de seus lentes, sendo incumbido por um d'elles o Dr. Amaro Baptista Pereira, de proceder ás necropsias para os estudos anatomico-pathologicos. Tendo muitas vezes tres a quatro cadaveres para dissecar, arruinou esse exercicio sua debil saude vendo-se forçado a deixar o emprego que solicitára.

Deficientes são os apontamentos de que me estou servindo relativamente ao periodo decorrido de 1817 a 1822. Apenas sei que fôra o cirurgião Claudio Luiz da Costa exercer sua clinica na provincia da Bahia, e que residia na villa de S. Francisco do reconcavo quando se manifestaram os prodromos da reacção contra o predominio exercido pelas tropas do general Madeira. Gozando de geral estima, muito contribuiu para a organisação do *club* director do movimento reaccionario, que não tardou a propagar-se pelas villas de Santo Amaro e Cachoeira. Presidia o *club* Miguel Calmon du Pin e Almeida, depois visconde e marquez d'Abrantes, e por elle foi o nosso consocio incumbido da collecta dos donativos pecuniarios para a caixa militar que julgou-se util estabelecer. Foi ainda elle um dos prestimosos cidadãos que no engenho do Baixo, pertencente ao capitão-mór Joaquim Ignacio de Siqueira Bulcão (mais tarde barão de S. Francisco) com mais assiduidade e proveito

dispuzeram o rompimento realisado na villa de S. Francisco no dia 29 de Junho de 1822.

Acclamada a regencia do principe real o Sr. D. Pedro e reconhecida a sua autoridade, foi Claudio encarregado de redigir a acta d'esse memoravel acontecimento; assim como de toda a correspondencia com a capital em ordem de exagerar as forças do reconcavo, que em realidade bem escassas eram, pondo em relevo o enthusiasmo patriotico de que se achavam possuidos os povos. Logrou este ardil o almejado effeito como o demonstraram ulteriores factos. Foi outrosim de iniciativa sua a idéa de enviar-se Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque (visconde de Pirajá) á villa da Torre, afim de reunir a cavallaria miliciana e com ella interceptar a passagem do gado para a capital, servindo igualmente de defesa ao reconcavo no caso que Madeira o quizesse hostilisar.

Desde o estabelecimento da junta de S. Francisco permaneceu Claudio n'essa villa, onde então se achavam reunidos perto de dois mil homens de tropa de linha e de milicias, evadidos da cidade do Salvador e pertencentes aos regimentos de infantaria e cavallaria miliciana d'aquelle districto. Foi este o nucleo do exercito pacificador, que no glorioso dia 2 de Julho de 1823 entrou ovante na capital da provincia.

Reconhecida a necessidade d'estabelecer-se um hospital para as forças estacionadas no reconcavo, foi o nosso illustre collega escolhido para dar-lhe conveniente organisação, prestando n'elle gratuitamente seus serviços profissionaes, e fornecendo-lhe, a expensas suas, uma pequena botica, e dois escravos para serventes. Recahia sobre elle todo o trabalho medico e cirurgico não só d'esse improvisado hospital como ainda de grande numero de familias emigradas.

O onus de tão grande clinica não o isentava de tomar mui espontaneamente a escopeta de simples soldado sempre que a voz do rebate fazia-se ouvir, ou quando por noites tempestuosas carecia-se d'uma ronda diligente, ou d'uma sentinella por demais vigilante. De parceria com o benemerito barão de S. Francisco e outros não menos benemeritos cidadãos, carregou em seus hombros o barro preciso para erguerem-se as cortinas e reductos que deveram tornar defensavel a villa.

Mais d'um mez se havia passado depois d'acclamação da regencia do Sr. D. Pedro, de que acima fallei, grande numero de povoações do interior tinham adherido ao movimento, e ainda o reconcavo prestava certo gráo de obediencia ao governo estabelecido na capital, quiçá por deferencia ao presidente d'esse governo, Francisco Vicente Vianna (depois visconde do Rio de Contas) que contava crescido numero de parentes e amigos. N'esta conjunctura urgia a creção d'um governo que servisse de centro ao movimento, e muito mais instante tornou-se essa necessidade depois do dia 11 de Agosto, em que chegaram á villa de S. Francisco alguns maços da proclamação do supracitado Vianna exhortando o povo do reconcavo a depôr as armas e a submetter-se ás autoridades constituidas pelas côrtes de Lisboa, com promessa de absoluto perdão aos que logo obedecessem e a comminação das mais severas penas aos que se mostrassem recalcitrantes.

Antevendo os males que de semelhante proclamação poderiam resultar, lembrou Claudio ao coronel Bento Lopes Villasboas (depois barão de Maragogype), que commandava a guarnição da praça, a conveniencia de serem immediatamente queimados esses maços da proclamação; e obtido o seu beneplacito, arremessou-os ao fogo, subtrahindo todavia um exemplar, que reservou para mostrara

Francisco Gê d'Acaiaba Montezuma, mais tarde conhecido pelo titulo de visconde de Jequitinhonha, que então se achava de passagem n'aquella villa.

Na entrevista a que alludo combinou-se o plano da instituição d'um governo provisorio, composto de membros eleitos por cada uma das villas revolucionadas. Esse governo, que teve por séde a villa (hoje cidade) da Caxoeira, prestou relevantissimos serviços á causa da independencia na provincia da Bahia, e funccionou regularmente até a chegada do primeiro presidente nomeado pelo imperador.

De geral respeito e estima gosava o cirurgião-mór Claudio no animo dos soldados da importantissima guarnição do reconcavo ; incontestado era o seu prestigio, do qual fructuosamente utilisou-se no dia 23 de Outubro de 1822 para conter nos diques da disciplina a algumas praças desvairadas pelas perfidas insinuações de certos officiaes inferiores e subalternos indignos das divisas de que usavam. Haviam elles feito acreditar aos soldados que estavam sendo trahidos, e que em breve seriam entregues ao general Madeira, incitando-os a se sublevarem, saquearem a villa de S. Francisco, e d'ahi marcharem para a de Santo Amaro, passando a fio de espada os portuguezes (a quem denominavam de *marotos*) que porventura encontrassem n'essas localidades.

Fôra a sedição fixada para o dia 23 de Outubro, e estava prestes a realisar seu negregado plano antes que a minima indiscrição fizesse-lhe suspeitar a existencia.

Logo ao amanhecer d'esse dia grande magote de soldadesca acommetteu a casa do trem e apossou-se de armas brancas e de fogo, de munições de guerra e de duas peças de campanha de calibre 6, emquanto outro bando não menos numeroso atacava a cadêa, cuja guarda se lhes incorporou depois de terem soltado os presos, que foram

engrossar as fileiras dos sublevados. Em acto continuo invadiram as tavernas, saciaram-se de aguardente, arrombaram e roubaram as gavetas onde se guardava o dinheiro, e propalaram o boato que iam assassinar seus officiaes superiores, que por precaução chegaram a occultar-se.

Fiel aos seus deveres conservou-se o batalhão de caçadores, composto apenas de trezentos homens, o qual por ordem de seu digno commandante marchou para a praça da cadêa, emquanto outros cem milicianos ficavam de guarda ao convento de S. Francisco, que servia de quartel ao commandante da guarnição.

Em numero triplicado e mui superiores em armas marcharam os sublevados contra as tropas legaes, que fraca e momentanea resistencia podiam oppôr-lhes. A perspectiva do imminente e sanguinoso combate aterrava os cidadãos inermes, e em tropel corriam mulheres, velhos e crianças para as portas da villa. Bem critica era a situação, quando o cirurgião-mór Claudio tomou sobre si atalhar os progressos do mal, pondo á prova o prestigio de que já fallei. Em boa hora assomou-lhe á mente tão nobre resolução; porque tão sómente a ella deveu-se a economia de muito e precioso sangue. Novo Codro, precipita-se o nosso collega no meio da desenfreada soldadesca, e com voz imperiosa brada-lhes *alto* — Como sóe acontecer em semelhante occasiões a audacia d'um maravilha a todos: houve um momento de geral estupefacção, do qual ia aproveitar-se Claudio para fallar, quando divisou que uma espingarda lhe estava sendo apontada. Firme no posto que voluntariamente escolhêra, ia ser talvez victima propiciatoria, quando um corneta arredou o braço homicida, fazendo ver aos seus camaradas a imfamia de que se nodoariam derramando o sangue d'um homem que tantas vezes lhes estançára as dôres. Naturalmente magnanimo é o coraçãe do soldado:

assim pois arrependeu-se este logo do que fizéra, e lançando de si a arma, correu a abraçar os filhos do corajoso filho de Hippocrates, que o estreitou em fraternal amplexo. Aproveitando-se da emoção que tal scena provocára, e arengou aos sublevados fazendo-lhes ver o errado caminho que trilhavam, e a boçal intriga de que eram victimas. Enthusiasticos vivas cobriram a voz do orador, que d'est'arte logrou chamar á disciplina e á ordem tão perigosos desertores.

Os actos de insubordinação que quasi diariamente se repetiam nas tropas acampadas no reconcavo determinaram o governo imperial a pôr á frente d'essas tropas um general de reconhecido prestigio. Recahiu a escolha sobre Pedro Labatut, que nas guerras de Napoleão adquirira reputação de bravura e proficiencia.

Apenas empossado do commando do exercito independente ordenou Labatut que a guarnição de S. Francisco marchasse para as fronteiras, deixando-se n'essa villa um pequeno contingente de duzentas praças.

Olvidando commodos e interesses, offereceu-se Claudio para fazer parte da força expedicionaria, e na gloriosa acção de 8 de Novembro, a mais porfiada e importante de quantas se pelejaram n'essa campanha, achava-se elle n'ambulancia de Pirajá, ministrando os soccorros da sciencia e os carinhos da caridade. Proporcionou-se-lhe ahi asado ensejo de mais uma vez patentear o cavalheirismo que em alto gráo o distinguia. Exasperados pela resistencia que oppunham os portuguezes, capitaneados por Madeira, e quiçá em represalia de algumas crueldades que haviam praticado contra os naturaes do paiz, um troço de soldados de Pernambuco entrou um dia pela ambulancia com proposito deliberado de trucidar os miseros prisioneiros que jaziam em leitos de soffrimento. Indignado contra tal pro-

ceder, pegou o cirurgião-mór uma espada e carreu á pranchadas os invasores.

Entendeu o general que a presença do cirurgião-mór Claudio fazia-se precisa no hospital, que ainda permanecia na villa de S. Francisco, e expediu-lhe ordem para que fosse elle dirigir e regularisar esse estabelecimento. Continuando ahi a servir com o seu inexcedivel zelo e intelligencia foi incumbido da compra de medicamentos e de agenciar donativos de fios e ataduras.

Logo depois da prisão do general Labatut incorporou-se o nosso consocio ao exercito, estacionado nas fronteiras, sendo convenientemente empregado n'ambulancia da brigada da esquerda. Como porém houvesse n'essa ambulancia outro cirurgião-mór e mais dois ajudantes, pediu e obteve permissão para alistar-se entre os combatentes, e collocado na primeira fileira da vanguarda tomou parte n'acção de 3 de Junho de 1823. Era este ponto um dos mais arriscacos por estar exposto á grande bateria commandada por Joaquim José de Oliveira, habil official de artilheria, cuja bateria enfiava seus fogos pela estrada das Brotas. A seu lado foram mortos e feridos muitos officiaes distinctos, e nomeadamente o tenente Martinho Baptista de Oliveira Tamarindo, que mais tarde, quando coronel commandante do 1.º batalhão de fuzileiros da côrte, folgava de commemorar com seu velho camarada essa data de tão gloriosa recordação.

Na qualidade de cirurgião-mór do 4.º batalhão de caçodores fez o resto da campanha, e entrou no sempre lembrado dia 2 de Julho de 1823 na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, em cujos fortes e ameias ondeava o pavilhão auri-verde.

Não por ostentação mas por desaggravo da verdade devo declarar, que o meu fallecido amigo durante todo o periodo

da guerra da independencia não recebeu um real de soldo nem de gratificação : nunca se importou com etapas, cavalgaduras, ou quaesquer outras propinas ; e quando restaurada a Bahia se lhe mandou abonar esses vencimentos, fez d'elles generosa recusa em pró das urgencias do Estado.

Devo outrosim declarar que durante essa mesma guerra fez espontonea offerta do serviço de quatro dos seus melhores escravos, além de um carro com tres juntas de bois para os transportes do exercito. Estes exiguos mais constantes sacrificios, a sua ausencia da propriedade rustica que possuia, o abandono da sua clinica civil, arruinaram-lhe a modesta fortuna, obrigando-o a ir fixar a sua residencia na capital da provincia n'esse mesmo anno de 1823.

Logo que o exercito pacificador occupou a cidade da Bahia não tardaram em apparecer certos movimentos populares, conhecidos pelo nome de *rusgas*. Grupos de soldados, vestidos á paisana, e armados de grossos bordões, vulgo *cacetes*, entravam pelas tavernas dos portuguezes, espancavam-nos e commettiam todo o genero de desacatos, perturbando d'est'arte o socego publico.

Eram infelizmente acoroçoados esses desordeiros pelos que faziam consistir o seu patriotismo em expulsar do paiz os portuguezes, que pacifica e honestamente ganhavam a vida, para se apoderarem das riquezas adquiridas pelo trabalho e estreitissimas economias. Como é bem de crer desaprovavam Brasileiros honrados semelhante procedimento, e subministravam aos opprimidos generosa protecção. N'este numero incluia-se o nosso saudoso collega, que nenhuma só occasião perdeu d'empregar sua bem merecida influencia afim de frustrar os planos dos anarchistas.

Mal visto d'esses anarchistas e alvo de sua vindicta, nem por isso deslisou-se um apice da regra que para si traçára.

Ardente patriota e fervoroso monarchista, cahio outrosim no desagrado do partido dos exaltados por seus escriptos, estampados nas columnas do *Echo da Patria* e do *Grito da Razão*, combatendo as perigosas doutrinas d'aquelles que, aproveitando-se da sensação causada pela dissolução d'assembléa constituinte, excitavam os povos a mudar de fórma de governo proclamando a republica.

Governava n'essa época as armas da provincia o coronel Felisberto Gomes Caldeira, militar distincto pela sua intrepidez e energia de caracter, e a quem especialmente se deve o não ter a Bahia adherido a revolução pernambucana de 1824. Votavam-lhe por isso os demagogos entranhado odio, extensivo aos que secundavam as vistas e lhe facilitavam a difficilima tarefa que sobre si tomára de manter illeso o principio d'autoridade e a subordinação á lei.

Geralmente conhecido era o credito que junto do governador das armas gozava o cirurgião-mór Claudio, que na revolta do 3º batalhão de caçadores, vulgarmente conhecidos pelo dos *periquitos* (em razão da côr verde de suas fardas), prestou relevantissimos serviços, de que podem ainda dar testimunho os Srs. visconde de Barbacena e barão de Cajahiba (1). Constam tambem esses serviços d'uma curiosa e interessante memoria, escripta pelo nosso collega e anonimamente publicada na *Revista* d'este Instituto (2) onde com a modestia que o caracterisava narra as peripecias d'esse luctuoso drama. Amigo dedicado do coronel Felisberto, avisou-o da propinquação do perigo, acompanhou-o até as quatro horas da madrugada do dia 25 de Outubro de 1824, e julgando dissipados todos os temores reti-

(1) Ainda era vivo quando estas linhas escreviamos.
(2) Vide o tomo XXX (anno de 1867) pag. 233 e seguintes.

rou-se para seu domicilio. Meia hora depois cahia exanime o referido coronel traspassado pelas balas que traçoeiramente lhe haviam disparado os soldados das duas companhias e adrede escolhidas para esse nefando attentado.

Ao assassinato do governador das armas seguiu-se a completa revolta dos *periquitos*, commandados pelo major José Antonio da Silva Castro, e si ondas de sangue não inundaram as ruas da capital da provincia cumpre dar infinitas graças á attitude energica, que assumiram os commandantes dos corpos fieis á legalidade. Vive ainda o já citado barão de Cajahiba, commandante do 14º batalhão de caçadores, que por certo se recordará do prestimoso auxilio que n'essa angustiosa quadra lhe prestou o cirurgião-mór Claudio Luiz da Costa.

Restabelecida a ordem continuou o mencionado cirurgião-mór no desempenho da commissão para que fôra escolhido, de secretario do commando das armas, cujas funcções exerceu até que o coronel Antero José Ferreira de Brito (depois barão de Tramandahi) fez entrega d'esse commando ao brigadeiro José Egidio Gordilho de Barbuda (mais tarde visconde de Camamú).

N'uma informação mandada ao ministro do imperio (visconde de Barbacena) pelo presidente da Bahia (visconde de Queluz), em data de 7 de Janeiro de 1826, assim se exprimia este ultimo, fallando dos serviços do cirurgião-mór Claudio Luiz da Costa :

« ...... O que ha de positivo é que offerecêra seus vencimentos de campanha nos mezes que ella durou, que não foi do partido dos rebeldes que assassinaram o general, antes trabalhou quanto pôde para evitar a effusão de sangue n'esse dia, que concorreu tambem para tranquillisar a tropa que na villa de S. Francisco se quiz sublevar, gloria esta

que tanta gente quer para si, que não haveria com que premiar a todos...»

No posto de cirurgião-mór do 4° batalhão de caçadores serviu até o anno de 1826, em que foi removido, na mesma categoria, para a divisão militar da imperial guarda da policia da côrte. Em 1827 marchou para o sul, d'onde pouco depois regressou por doente; e operada a cura volveu ao anterior emprego no corpo da policia, onde conservou-se até a dissolução d'esse corpo em 1831.

N'esse mesmo anno foi pelo governo imperial nomeado membro da commissão incumbida de organisar um projecto de reforma do corpo de saude do exercito, que devêra ser submettido á approvação d'assembléa geral legislativa. Ao inverso do que entre nós se costuma praticar, tomou essa commissão ao serio a sua tarefa, e nas pastas do ministerio da guerra devem existir seus trabalhos, nos quaes tomou o nosso consocio activa e intelligente parte.

Desgostoso da carreira militar, pediu a sua reforma, que lhe foi concedida (em 1839) no posto de cirurgião-mór vencendo o soldo de vinte cinco mil réis mensaes: isto depois de dezesete annos de bons serviços (3).

Toscamente esboçados os serviços militares do doutor Claudio Luiz da Costa, cumpre-me agora apresentar-vo-lo sob outro aspecto. Commemorado ficou o seu zelo pela sciencia que abraçára revelando-se desde as bancos escolares.

(3) D'esse soldo fez elle cessão ao Estado durante todo o longo periodo da guerra contra o Paraguay, como consta do agradecimento que então lhe dirigiu o ministro da gaerra visconde de Camamú (em 23 de Fevereiro de 1865). Levado por sentimentos d'acrisolado patriotismo, fez igualmente offerta por espaço de um anno da etapa que lhe pertencia como veterano da independencia em beneficio do Azilo dos Invalidos, como consta do aviso de 20 de Dezembro do dito anno de 1365.

Foi-lhe sempre o exercicio da medicina um sacerdocio, e numerosos documentos que tenho presentes poem em relevo seu nunca desmentido zelo e inexcedivel caridade. N'uns apontamentos auto-biographicos que em seus curtos lazeres escrevêra, encontro o seguinte paragrapho, que por caracteristico peço-vos venia para citar:

« Os fracos serviços que o Dr. Claudio tem prestado á humanidade se podem avaliar pela simples consideração de que a serve no exercicio da medicina e cirurgia em uma clinica de trinta e sete annos,em cujo exercicio sempre destinou duas horas da manhã para dar em sua casa consultas gratuitas aos pobres, e nunca se negou a soccorrêl-os à qualquer hora, nem a visital-os em suas moradas. *N'isto porém nada mais tem feito do que cumprir um dever sagrado, que implicitamente contrahiu para com a sociedade desde o momento em que recebeu a espinhosa investidura da profissão que exerce.* »

Na provincia de S. Paulo, onde por largos annos residira, prestou como medico valiosos serviços, e na antiga villa hoje cidade de Santos guarda a tradição popular seu nome com prologos de muito louvor. Diversos cavalheiros que occuparam a cadeira presidencial d'essa provincia abonaram-n'o com os mais lisongeiros e espontaneos attestados, e um d'elles, assaz conhecido pela sua austeridade de caracter (o Sr. Manoel da Fonseca Lima, depois barão de Suruhy), assim se exprime:

« Attesto que o Sr. cirurgião-mór de primeira linha, reformado, Claudio Luiz da Costa é, por sua exemplar conducta civil e militar digno do honroso credito de que goza na opinião publica. A sua probidade e dedicação ao throno de Sua Magestade o Imperador,ás leis do Imperio e ás autoridades são assaz reconhecidas e o constituem digno cidadão. Exacto a comparecer todas as vezes que o serviço pu-

blico o tem exigido para as inspecções de saude, merece distinctos elogios pela promptidão e fidelidade com que sempre se prestou a este serviço. O que affirmo pelo conhecimento pessoal que tenho do dito senhor, cuja conducta e nobres qualidades o tornaram sempre merecedor d'approvação e louvores d'esta presidencia (4). »

Não era porém unicamente como medico clinico que prestava elle serviços á sciencia : votava-lhe ainda os labores do gabinete, sendo um dos primeiros que fizeram parte da sociedade, hoje convertida em Academia Imperial de Medicina ; sendo ahi admittido na qualidade de membro titular por ter sido unanimemente approvada a memoria que sobre os entosoarios escrevêra.

Nunca considerou semelhante titulo como honrosa *sinecura*, mas antes incumbiu-se de importantes commissões e exhibiu provas de seus conhecimentos medico-cirurgicos em numerosos trabalhos, alguns dos quaes correm impressos no orgão official d'essa sociedade, devendo parar outros em seus preciosos archivos.

Verdadeiro homem d'acção, revelava-se seu benefico influxo onde quer que estivesse. Achava-se n'esta côrte no anno de 1828, e por acaso se relacionára com o bem conhecido Debret, que então regia a cadeira de pintura historica da Academia Imperial das Bellas-Artes. Em suas intimas praticas lamentou-se este da falta d'um professor que iniciasse seus discipulos nos principios rudimentaes de osteologia, principalmente na parte relativa aos mus-

(4) Havendo Pedro Etchoin se proposto para curar os morpheticos existentes no hospital da cidade de S. Paulo, pedindo que fossem elles transferidos para a villa de Itapeteninga, foi o Dr. Claudio um dos medicos escolhidos para verificar a efficacia do tratamento, como consta dos avisos que lhe dirigiram os presidentes da provincia conselheiros Domiciano Leite Ribeiro e Vicente Pires da Motta.

culos do craneo e da face. Offereceu-se Claudio para dar gratuitamente aos jovens artistas as lições desejadas ; e, prevalecendo-se d'amizade que tinha com o ministro do Imperio José Lino Coutinho, induziu-o a apresentar ao corpo legislativo a proposta d'uma cadeira de physiologia, que só no anno de 1838 recebeu definitiva instituição. No desempenho do seu provisorio magisterio desvelou-se como costumava fazêl-o em todas as outras commissões; e lamentando a falta d'um adequado compendio começava a organisal-o, quando foi algures empregado. O nosso distincto consocio o Sr. Manoel d' Araujo Porto-Alegre, avantajado discipulo de Debret, frequentou n'essa epocha o curso de physiologia do Dr. Claudio, e ainda folga de reconhecer-se-lhe devedor dos conhecimentos anatomicos que então adquirira.

A proposito do Sr. Porto-Alegre referir-vos-hei um episodio talvez sabido por alguem que me faz a honra de escutar.

A convivencia diuturna do mestre com o discipulo não tardou em converter-se em relações d'estreita amizade : Claudio tinha em muito o vigoroso talento e a brilhante imaginação do moço artista, e desejando attrahir sobre elle as vistas do governo, suggeriu-lhe a ideia d'um quadro, essencialmente brasileiro. A antiga academia medico-cirurgica acabava de passar por uma tão util quão honrosa transformação, em virtude da lei de 9 de Setembro de 1826 : convinha pois fixar plasticamente tão gloriosa data n'um quadro symbolico e allusivo. Compenetrou-se o Sr. Porto-Alegre do pensamento do amigo, e com esmerado pincel desenhou uma sala, figurando a escola de medicina, assignalada pelo busto de Hippocrates, no primeiro plano o retrato do Sr. D. Pedro I, a meio perfil, entregando decreto legislativo, por elle sanccionado, ao director da

escola, barão de Inhomerim, que submissamente o recebe das mãos do monarcha. Em respeitosa distancia o retrato do ministro referendador, visconde de S. Leopoldo, no segundo plano o grupo dos sete lentes d'antiga escola, retratados a meio corpo, e finalmente no ultimo crescido numero de alumnos. Extraordinaria era a semelhança dos retratos com os originaes, e tendo occasião de ver o esboço do seu, ficou tão satisfeito o Imperador que denominou ao nosso consocio do *Murillo brasileiro*.

Pertencia este quadro de pleno direito ao Dr. Claudio, não só pela iniciativa da idéa como pela homenagem prévia que lhe fizéra o autor: entendeu elle porém que em parte alguma estaria melhor collocado do que na escola de medicina, e pediu venia para offertar-lh'o, que lhe foi outorgada pelo governo com expressões de muito agradecimento.

E já que menciono o offerta do quadro não devo deixar em olvido o valioso donativo que á antiga sociedade de medicina fez o Dr. Claudio d'outro allusivo á *Flora Fluminense* e a seu preclaro autor, frei José Marianno da Conceição Velloso, devido ao pincel de João Baptista Debret, e que como prova de particular estima lh'o deixára quando para a França se retirou. Consta-me que esse quadro ainda adorna a sala das sessões d'Academia Imperial de Medicina, universal herdeira d'antiga e benemerita sociedade.

Antes de passar avante seja-me licito relatar um facto de que muito se honrava o meu bom amigo e que por diversas vezes repetiu-m'o.

Está na memoria de todos que no anno de 1846 visitaram SS. MM. II. a provincia de S. Paulo. Em razão do seu melindroso estado de saude, teve S. M. a Imperatriz de ficar na capital em quanto seu augusto esposo fazia uma excursão pelas cidades e villas do interior,

levando comsigo o Sr. conselheiro José Martins da Cruz Jobim, unico medico da camara que acompanhára as imperiaes pessoas; para o serviço de S. M. a Imperatriz e da sua comitiva foi designado o Dr. Claudio Luiz da Costa.

Durante o curto prazo de tão honrosa como delicada commissão apenas teve de prestar os soccorros da sciencia ao gentil-homem Senhor José Joaquim de Siqueira, atacado d'uma congestão cerebral, que felizmente cedeu á prompta e acertada medicação. Outro mais grave accidente occorreu n'um soldado do corpo policial que, estando ao soquete d'uma peça por occasião da salva dada pelo feliz regresso de S. M. o Imperador, foi victima d'esse mesmo soquete, que lhe dilacerou a mão e o braço, tornando-se necessaria a amputação. Commiserando-se da desgraça do pobre soldado, mandou-o recommendar aos cuidados do Dr. Claudio; e como apreço da maneira por que foram executadas suas ordens o galardoou com uma caixa d'ouro cravejada de brilhantes.

Discipulo da antiga escola medico-cirurgica do Rio, sempre ambicionou o nosso consocio completar seus estudos fazendo para isso uma viagem á Europa. Na sua rendosa clinica no reconcavo da Bahia adquirira uma modesta fortuna e estava prestes a realizar seus intentos quando sobrevieram os acontecimentos que ficam relatados. Distrahido por outros misteres e desbaratado o pequeno peculio, havia quasi perdido as esperanças, quando constou-lhe que o governo imperial mandára alguns jovens á França afim de se aperfeiçoarem em seus conhecimntos medicos: pensou então que assistia-lhe o direito de reclamar igual favor, empenhando para esse fim os serviços que prestára por occasião da guerra da independencia. Benignamente acolhido pelo Sr. D. Pedro I, mallogrou-lhe a pretenção o in-

differentismo, quiçá má vontade, dos ministros d'aquella epocha.

Requereu mais tarde ser provido na cadeira de pathologia externa, que então se achava vaga na escola de medicina da Bahia; indo, como era de lei, informar o seu requerimento ao presidente d'essa provincia, tolheu-lhe o passo o deputado Dr. José Lino Coutinho, que foi provido na mencionada cadeira muito antes que chegasse a informação officialmente reclamada.

Mallogrado em suas pretenções, retrahiu-se Claudio ao estudo de gabinete ; até que, reorganisadas as academias medico-cirurgicas pela lei de 3 d'Outubro de 1832, sendo permittido aos cirurgiões n'ella formados a sustentação de theses para obterem o gráo de doutores, apressou-se em cumprir essa formalidade no dia 3 de Dezembro de 1849, sendo-lhe expedido o respectivo diploma.

Essencialmente monarchista, apreciava devidamente as condecorações, e extraordinario foi o seu jubilo quando, sem que o requeresse, foi agraciado com o habito da ordem de Christo por occasião do nascimento do principe que devêra ser o segundo Imperador do Brasil. Pediu em fins de 1830 que lhe fosse conferida a venera da imperial ordem do Cruzeiro, allegando para isso a circumstancia de ter sido condecorado em sua bandeira o corpo a que primeiramente pertencêra. Julgada justa a sua pretenção, foi-lhe concedida a mencionada graça por decreto de 2 de Novembro de 1830, referendado pelo visconde de Alcantara. Outro decreto de 5 de Dezembro de 1840, referendado por Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, elevou-o á categoria de official da mesma ordem.

Sabidas eram as estreitas relações d'amizade que de longos annos mantinha o Dr. Claudio com o referido Antonio Carlos ; assim pois houve quem averbasse de

validismo esse acto da restricta justiça. Nos apontamentos auto-biographicos de que já fiz menção achei a seguinte cota :

« O partido que então guerreava o governo accusou o ministro do Imperio por esse despacho, que se quiz attribuir a favor individual, quando em verdade o Dr. Claudio não pôz em contribuição a amizade do ministro para obter tal graça ; e lhe parece evidente que quem quer que fosse, e em qualquer occasião em que estivesse com a pasta dos negocios do Imperio, á vista dos seus documentos, a menos que quizesse dar uma inexacta informação ao monarcha ácerca do seu conteúdo, deveria por sua rectidão achar justa a concessão d'essa graça. »

A ultima das graças que recebeu do governo de seu paiz, e que sobremodo apreciou pela maneira espontanea com que foi feita, consistiu no titulo de conselheiro, devido á munificencia imperial. Fui eu dos primeiros a lhe dar a noticia d'essa mercê, e testemunhei a commoção de que ficou possuido e as lagrimas de gratidão que derramou.

Encontrei entre seus documentos numerosas diplomas de academias e sociedades nacionaes e estrangeiras, e em lugar reservado dois que sobre todos prezava : o do nosso Instituto, de que fazia parte desde 11 de Junho de 1839, e da sociedade de Medicina do Rio de Janeiro com a data de 26 de Agosto de 1830.

Não me cega a veneração que consagro á memoria do conselheiro Dr. Claudio Luiz da Costa, a ponto de querer apresentar-vol-o como eximio litterato. Não, jámais aspirou elle gozar de semelhante fôro. Os perfunctorios estudos de humanidades que em sua adolescencia se faziam na provincia onde teve o berço, a aridez dos estudos medico-cirurgicos, e a imperiosa necessidade de grangear o pão para a boca, na energica phrase do padre Vieira, arreda-

ram-n'o, bem apezar seu, do cultivo das letras. Buscava todavia supprir a deficiencia de instrucção classica por assiduas leituras fructificadas pelo seu natural talento.

Manuseando as actas das nossas sessões encontrareis frequentemente seu nome contribuindo para nossos trabalhos, já com a sua presença e judiciosa palavra, já com a leitura de alguns pareceres, nomeadamente o que na qualidade da relator da primeira commissão de historia apresentou ácerca dos documentos que lhe foram affectos relativos a conquista de Cayenna. Estareis por certo lembrado das rapetidas leituras que n'este mesmo lugar nos fez da historia do Instituto dos Meninos Cegos por elle amoravelmente composta.

Deparei no seu espolio litterario com minuciosos apontamentos concernentes aos erros e omissões que escaparam ao coronel Accioli, nas suas aliás estimaveis *Memorias historicas da provincia da Bahia*, quando occupou-se da guerra da independencia. Aguardava o nosso collega honrosos ocios para levar ao cabo a empreza que delineára, que se concatenava com a historia do Hospital da Misericordia da cidade de Santos, o primeiro estabelecido no Brasil e talvez em toda a America. Impediram-n'o de tão louvavel intento os achaques inherentes á velhice combinados com o desempenho de novos onus que contrahira.

Refiro-me ao cargo de director do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, para que foi nomeado por decreto de 15 de outubro de 1856, accumulando as funcções de medico e thesoureiro do mesmo Instituto.

No exercicio de tão difficeis quão delicadas funcções tive fortuna de aquilatar as nobres e rarissimas qualidades que o distinguiam; receando porém a coima de suspeito, deixarei que por mim fallem autorisadas e competentes

testemunhas. O nosso primeiro vice-presidente, o Sr. barão do Bom-Retiro, exprimia-se a 15 de março de 1864 do seguinte modo :

« Attesto que o Sr. Dr. Claudio Luiz da Costa, sendo eu ministro e secretario d'Estado dos negocios do Imperio, foi nomeado director e thesoureiro do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, em virtude do conhecimento que, pór seus honrosos precedentes, já tinha o governo das suas habilitações scientificas e excellente proceder na sociedade.

« Durante o tempo em que serviu sob o meu ministerio, correspondeu constantemente ao elevado conceito que sempre formei do seu caracter : distinguindo-se por seu zelo, nunca desmentido, e por uma caridade a toda a prova, e desempenhando para com os alumnos, confiados á sua direcção, mais os deveres de pai desvelado do que os de simples director.

« Attesto mais que, continuando a interessar-me pela sorte do Instituto e em dia com a sua marcha, hei até o presente observado, com a maior satisfação, que o mesmo senhor em nada tem desmerecido dos justos elogios que lhe têm sido feitos pelo asseio e moralidade que reinam no estabelecimento, e pelo progresso dos alumnos nas differentes materias ahi ensinadas. »

A tão valioso abono juntou o fallecido marquez de Abrantes este outro :

« Attesto que o Sr. Dr. Claudio Luiz da Costa, director, medico e thesoureiro do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, tem desempenhado mui satisfactoriamente, desde que foi nomeado pelo governo imperial, os cargos que alli exerce.

« Cumprindo-me a mim como commissario do governo inspeccionar o bom andamento do mesmo Instituto, nunca deixei de observar com satisfação o desvelo com que

elle se occupava da direcção e mantença da disciplina, e aproveitamento dos alumnos; a caridade e esmero com que os tratava nas suas molestias; o estado regular em que tinha a escripturação; o zelo com que administrava as rendas do Instituto, e a economia que observava nas despezas do mesmo. Assim que tem elle sempre merecido o meu louvor e approvação. Em fé de que dou-lhe de bom grado o presente attestado. Rio de Janeiro, 18 de maio de 1864. »

Abundaram em quejandas expressões os Srs. marquez de Olinda, e conselheiros Sousa Ramos (actualmente barão das Tres-Barras) e Sergio Teixeira de Macedo, que successivamente sopesaram a pasta dos negocios do Imperio, expressões summamente honrosas para nosso fallecido consocio, que deixo de transcrever para não abusar por mais tempo da vossa benevola attenção.

Instituições ha que nascem bem fadadas; o Instituto dos Meninos Cegos pertence a esse numero. Bafejou-lhe o berço o sabio e caridoso Dr. José Francisco Sigaud, que por alguem foi denominado *Patriarcha dos Cegos*; e quando em prematura orphandade amparou-lhe os vacillantes passos o não menos caridoso Dr. Claudio Luiz da Costa, o qual no crepusculo da existencia concentrou em seu pról tudo o que de zelo e actividade lhe sobrava.

Era um espectaculo consolador e edificante a presença d'esse venerando ancião, que com difficuldade movia os passos, em todos os lugares onde os interesses dos cegos precisavam de pleito; e aquelle que para si, nem para os seus, nada pedia, tornava-se importuno em favor de seus filhos adoptivos. Não lhe foram estes ingratos: em vida amaram-n'o estremecidamente, e quando no luctuoso dia 27 de Maio de 1869 baixou ao sepulchro patentearam-n'o

com essa pungente dôr que pela perda de nossos pais experimentamos.

O conselheiro Dr. Claudio Luiz da Costa morreu como viveu, *talis vita finis ita*, e si hoje não teve um panegyrista como Plinio, ou um biographo como Tacito, achou um rude chronista que só na verdade inspirou-se e que nada disse que não possa ser exuberantemente provado.